

O MÉTODO NATURAL DE FREINET,
PEDAGOGIA ALTERNATIVA PARA ALFABETIZAÇÃO

*Este exemplar corresponde à redação
final da Tese defendida por DAYSE
MARIA ALONSO SHIMIZU e aprovada pela
Comissão Julgadora em 27 de novembro de 1984.*

27/XI/84

James P. Maher
DAYSE MARIA ALONSO SHIMIZU

Dissertação apresentada à Comissão Julgadora da pós-graduação da Faculdade de Educação, área de concentração em Psicologia Educacional da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do grau de Mestre em Educação.

CAMPINAS 1984

Aos meus filhos.

"Tudo depende das primeiras sementes; se elas são bem semeadas, pode-se prometer que um dia produzirão os mais belos frutos, quer se trate de plantas, animais ferozes ou domésticos, quer se trate de homens. É verdade que o homem já é naturalmente doce; mas quando a um homem feliz por natureza se junta uma educação excelente, ele se torna o mais doce dos animais, o ser mais próximo da divindade; ao passo que, se ele recebe uma educação defeituosa ou maléfica, torna-se o mais feroz dos animais produzidos pela terra. Eis porque o legislador deve fazer da educação das crianças o primeiro e o mais sério dos seus cuidados."

Platão, Leis, livro VI.

COMISSÃO JULGADORA:

James P. Maher
James P. Maher
James P. Maher

RESUMO

Este trabalho pretende trazer aos professores alfabetizadores uma síntese do pensamento pedagógico de Célestin Freinet, destacando os princípios mais significativos de seu processo de alfabetização.

O Capítulo I apresenta a vida e obra deste professor primário que, regressando da guerra (1914-18), iniciou no sul da França sua experiência educacional. Refere-se ainda ao pensamento de Freinet com relação à educação pelo trabalho, capaz de motivar aprendizagem disciplinada, plena de significado e entusiasmo, tanto para o aluno quanto para o professor. O trabalho manual e intelectual se complementam desenvolvendo na criança autonomia e preparo para a vida. A pedagogia Freinet trata, na sala de aula, da vida real da criança, desfazendo o hiato entre escola e a vida.

No Capítulo II, destaca-se a crítica de Freinet à escola tradicional. Condena, nesta escola, a relação entre professor e alunos, uso de livro único possuído por todos da classe que atua como formador de pensamento dogmático, além de outros resultados maléficos na formação da criança. Critica o ensino da leitura que leva à decodificação de sinais gráficos e o ensino da escrita sem significado que tolhe a comunicação do pensamento.

O Capítulo III ressalta os principais aspectos da educação de Freinet. A tentativa experimental se apresenta como eixo, em torno do qual se realizam as aquisições infantis. O meio escolar deve permitir à criança: tentar, experienciar, repetir até automatizar os atos bem sucedidos. O uso da Imprensa Escolar coloca-se como técnica central onde outras se agrupam. O texto livre, individualização do trabalho, jornal escolar, correspondência... são técnicas complementares à imprensa na sala de aula. O papel do professor usando tais técnicas é transformado, de mestre (etimologicamente, aquele que se encontra por cima) em cola-

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1.	Justificativa	
1.1.	Objetivos da Pesquisa.....	i
1.2.	Proposição do Problema.....	i
1.3.	Importância do Assunto.....	iii
1.4.	Estudos e Ensaio sobre o assunto.....	v
1.5.	Delimitações da Pesquisa.....	viii
2.	Metodologia.....	ix

CAPÍTULO I

Vida e Pensamento de Célestin Freinet

1.	Notícias sobre o Autor.....	1
2.	O pensamento de Freinet	
2.1.	Educação pelo Trabalho.....	15
2.2.	A Escola e o meio social.....	20

CAPÍTULO II

	<u>As críticas de Freinet à Educação Tradicional.....</u>	22
--	---	----

CAPÍTULO III

Principais aspectos da Educação de Freinet

1.	Educação através de Tentativas Experimentais.....	30
2.	Necessidade de Comunicação e Expressão.....	31
3.	A Imprensa Escolar.....	33
4.	As Técnicas e o Professor.....	35

CAPÍTULO IV

O Método Natural de Freinet

1.	Aprendizagem da Escrita e Leitura.....	39
2.	Do Desenho à Linguagem Escrita.....	46
2.1.	1ª Fase: 2 anos.....	47
2.2.	2ª Fase: 6 anos.....	49
2.3.	3ª Fase: 8 anos.....	49

CONCLUSÃO.....	55
----------------	----

BIBLIOGRAFIA.....	68
-------------------	----

ANEXOS

borador e estimulador.

Finalmente, o Capítulo IV apresenta o Método Natural de Freinet para aprendizagem da escrita e leitura. Num meio escolar favorecedor ao desenvolvimento do desenho, a criança chega a utilizá-lo como forma de expressar pensamento, em situações concretas, onde a linguagem oral não seja suficiente. Através do texto livre e correspondência escolar, a criança desperta para necessidade da escrita e leitura. Inicia estas atividades ajudada pelo professor. Após, desenha nomes relacionados emocionalmente à sua vida. Chega à memorização de palavras, utilizando-as em novos textos livres. A correspondência e a impressão do texto livre escolhido pelas crianças estimula a leitura e escrita. Imprimindo textos, desenvolvem atividades de análise-síntese que caracterizam o Método Natural.

INTRODUÇÃO

1. Justificativa

1.1. Objetivos da pesquisa

Visando contribuir para que a alfabetização, que parece estar baseada na escrita distanciada do pensamento e na leitura caracterizada por decifração, seja transformada numa aprendizagem da escrita como forma de expressão de pensamentos e numa leitura com compreensão do sentido do que se lê, nos propomos a elaborar uma descrição analítica do Método Natural de Freinet para aprendizagem da leitura e da escrita. Propomo-nos a destacar os princípios que parecem ser mais significativos deste processo de alfabetização, supostamente capazes de melhorar a qualidade da aprendizagem da escrita e leitura. Propomo-nos ainda, através desta pesquisa, a oferecer aos professores da área uma síntese da pedagogia alternativa para alfabetização proposta por Freinet.

1.2. Proposição do Problema

A problemática que envolve a 1ª série do 1º grau, que se destina à alfabetização de crianças, é velha e atual. Lourenço Filho¹ relata: "nos grupos escolares da capital de São Paulo, foram encontrados 45 por cento de repetentes, para o total das matrículas do 1º ano em 1930. Muitos deles repetiam o ano pela terceira e quarta vez". Em 1959, Almeida Júnior, em seu livro: *E a escola primária?*, diz que a reprovação nas primeiras séries das Escolas Paulistas em 1954 foi de 41,9 por cento (rede esta-

1. M.B.Lourenço Filho, *Teste ABC para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita*, p. 15.

dual). Cita também registros de 55,2 por cento de reprovação também nas primeiras séries da rede municipal da cidade de São Paulo. Segundo o IBGE, 1972a; MEC, 1972: no Brasil, da população total matriculada na 1ª série, somente 40 a 45 por cento alcançaram a 2ª série no ano seguinte, sendo as principais causas destes índices, a reprovação e a "evasão escolar". Segundo a mesma fonte, 1982, dos 6.502.323 matriculados em 1978 na 1ª série do 1º grau em escolas públicas, somente 3.594.419 foram matriculados nas 2ªs séries no ano de 1979. Dos 6.886.667 matriculados na 1ª série do 1º grau em 1979, apenas 3.605.966 fizeram suas matrículas no ano seguinte nas 2ªs séries (em 1980).

Esses dados parecem caracterizar uma situação problemática e supõe-se que justifiquem pesquisas que se façam sobre o assunto.

Algumas indagações têm merecido nosso estudo: como melhorar a qualidade do ensino da escrita e da leitura nas 1ªs séries do 1º grau? Quais os resultados da alfabetização a partir de textos impostos pelo adulto? Como levar a criança a utilizar a escrita como meio de expressar seus pensamentos? Como desenvolver na criança a capacidade de leitura com compreensão do sentido e não a leitura de decifração? Como conseguir que professores de alfabetização questionem suas práticas usuais? Como sintetizar outras práticas de ensino da escrita e leitura, para que com o pouco tempo de que dispõem, os professores alfabetizadores delas tomem conhecimento?

Estas questões influíram na formulação final do problema desta pesquisa: Haverá outra forma de possibilitar à criança o aprendizado da escrita e leitura, capaz de produzir resultados de melhor qualidade que as práticas comuns utilizadas pelos professores alfabetizadores?

Se os esforços que se empreendam nesta área de pesquisa puderem levar o professor que lida com a criança a questionar sua própria técnica, parece que já terão conseguido o fundamental. Parecem válidas análises de práticas de ensino diferentes das comumente utilizadas, para que os professores delas tomem conhecimento, estabeleçam comparações com as usadas e possam se arrojar em ensaios de utilização. Coube-nos o esforço de analisar certa alternativa educacional que, sem pretender modificar a estrutura do sistema de ensino vigente, pode levar educadores e educandos para uma ação educacional de melhor qualidade. Longe de ser a solução, nossa pesquisa pretende trazer à tona a existência de uma Escola mais eficiente e democrática, com técnicas

passíveis de serem utilizadas por qualquer professor, mesmo em escolas tidas como carentes e que supostamente serão capazes de produzir alfabetização de qualidade superior às usuais.

O Método Natural, elaborado por Freinet, após 40 anos de experiência, mostrou-se capaz de melhorar a qualidade na aprendizagem da leitura e da escrita. Pressupõe-se que a criança submetida a essa forma de aprendizagem irá desenvolver plenamente suas potencialidades, tanto a nível individual como em sociabilidade. Os adeptos do pensamento de Freinet afirmam que o processo de alfabetização, através do Método Natural, é de baixo custo, até mais econômico que os métodos tradicionais, sendo portanto adequado a realidades sócio-econômicas de escassez. Este processo pretende levar a criança à leitura e não à decodificação de sinais gráficos, à escrita expressando pensamento e não à escrita alienada. Ele se baseia nas experiências vividas na escola ou na comunidade para atingir seu fim, sendo os textos relatos da própria realidade da criança e não do adulto.

1.3. Importância do Assunto

Algumas pesquisas na área já constataram que a clientela das 1^{as} séries do 1^o grau, das escolas públicas brasileiras, se caracteriza pelo baixo nível sócio-econômico. As implicações desta constatação mereceram estudos, buscando estabelecer as relações deste dado com o fracasso escolar. Os fatores: subnutrição, saúde precária, baixa renda familiar... etc., têm sido, sob a ótica social, analisados nas suas relações com o insucesso escolar.

Concomitante a este aspecto, há o pedagógico-administrativo que tem merecido também atenção por parte daquelas pessoas preocupadas com a melhoria do ensino. Segundo algumas pesquisas, parece ser facilmente constatável a falta de motivação do pessoal docente para o trabalho educacional. São inúmeros os fatores que parecem capazes de influir nesta situação: baixo salário, decrescente qualidade de ensino dos cursos de formação e aperfeiçoamento de professores, excesso de horas-aula com jornada de trabalho por dois períodos para conseguir melhor remuneração, submissão à direção, burocracia da escola... etc. É provável que alguns professores não ganhem o suficiente para alimentação de seus filhos. Nestas circunstâncias, parece inviável que tais profissionais possam chegar a questionar a estrutura da própria escola ou as práticas de ensino que utilizam.

Seria ingenuidade pensar que os problemas da série que se destina à alfabetização pudessem ser resolvidos apenas através da adoção de medidas basicamente pedagógicas. No entanto, parece interessante chamar a atenção de pesquisadores e professores sobre o aspecto pedagógico que afeta esta série do ensino que é a base do edifício educacional.

Analisando a problemática das 1^{as} séries do 1^o grau, destaca-se a colocação de Lauro de Oliveira Lima²: "Pode-se concluir em sã consciência que estes evadidos do 1^o ano escolar nem sequer foram realmente alfabetizados". Portanto, levando-se em conta o aspecto pedagógico, é possível a reflexão em torno das técnicas de alfabetização que estão sendo empregadas e supor importante a busca de outras formas diferentes das usuais de levar a escola pública a cumprir seu objetivo. A pesquisa, em torno de outros métodos de alfabetização que estejam mais ligados à vida real da criança, parece válida na medida em que possa influir no engajamento da criança no seu processo de aprendizagem e no empenhamento de ensaios experimentais que os professores da área poderão iniciar na busca de melhoria da qualidade deste ensino elementar.

Os Congressos de Leitura do Brasil³, promovidos pela Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, têm demonstrado a preocupação de especialistas em leitura, com a alfabetização e desvelado alguns resultados do uso de métodos inadequados que levam ao reconhecimento e decifração de sinais gráficos. Esses métodos conduzem o alfabetizando à apreensão do mecanismo do processo da leitura e não da leitura plena de sentido e reflexão. Parece oportuno portanto o estudo e divulgação de outros métodos capazes de atender ao fim que o educador se propõe ao alfabetizar uma criança, ou seja: muní-la de um novo instrumento de expressão de pensamento, a escrita; e de um novo instrumento de receber informações, a leitura. Segundo vários depoimentos dos congressistas, existe um grande número de problemas relacionados à leitura, dentre eles: "o problema de ler e não compreender", "lê-se muito pouco", "inadequação das metodologias e técnicas do ensino da leitura-escrita diante do contexto sócio-econômico-cultural", "a falta de relação que motiva a leitura entre texto e realidade", "possibilidade de ensinar a ler o mundo"... etc....

2. Lauro O. Lima, O impasse na educação, p. 52.

3. RESUMOS DO 3^o CONGRESSO DE LEITURA NO BRASIL, Passim.

Pode-se concluir que o campo para pesquisa neste setor é muito vasto.

1.4. Estudos e ensaios sobre o assunto

Em 1970, Jean Piaget⁴, em seu livro "Psicologia e Pedagogia", declarou a importância da obra pedagógica empreendida por Freinet:

"Entretanto limitar-nos-emos, como exemplo do que pode ser feito com os modestos meios e sem nenhum incentivo particular por parte dos ministros responsáveis, a lembrar a notável obra realizada por Freinet, que se espalha às mais diversas regiões francófonas, entre as quais se inclui o Canadá francês. Sem cuidar muito da psicologia da criança e movido sobretudo pelas preocupações sociais (mas guardando a devida distância frente às doutrinas que põem mais em evidência a transmissão pelo mestre, de que falamos acima), Freinet interessou-se mais em fazer da escola um centro de atividades, permanecendo em comunicação com as da coletividade ambiente. Sua célebre idéia da imprensa escolar, constitui a esse respeito uma ilustração particular entre outras, mais especialmente instrutiva porque é evidente que uma criança que imprime pequenos textos chegará a ler, a escrever e a ortografar de uma maneira bem diferente do que se não possuísse qualquer idéia sobre a fabricação dos documentos impressos de que se serviu. Sem querer visar explicitamente o objetivo de uma educação da inteligência e de uma aquisição dos conhecimentos gerais pela ação, Freinet atingiu, portanto, esses objetivos constantes da escola ativa ao pensar principalmente no desenvolvimento dos interesses e na formação social da criança. E sem ostentar teorias, ele conseguiu juntar as duas verdades mais centrais, sem qualquer dúvida, da psicologia das funções cognitivas". Piaget analisou durante mais de cinquenta anos o psiquismo infantil. Seus estudos comprovam que o ensino deverá sempre estar baseado numa metodologia ativa, já que a criança é o agente de seu próprio desenvolvimento. O método natural de Freinet, para aprendizagem da leitura e escrita, tem como suporte a atividade da criança, baseando-se em seus interesses e no trabalho cooperativo.

Em 1974, Georges Piaton dedicou uma tese acadêmica a Freinet. Foi publicada na França sob o título: "La pensée péda-

4. Jean Piaget, Psicologia e pedagogia, p. 70-71.

gogique de Célestin Freinet". Trata-se de um estudo sistemático da vida e obra do educador francês, em meio a tantas dificuldades que enfrentou. Piaton declara existir indissociabilidade entre a vida e a obra de Freinet. Não relata experiências concretas no uso das técnicas de Freinet, mas apresenta a essência do pensamento pedagógico deste célebre professor primário.

Maria Inês Cavalieri Cabral, em 1978, apresentou na Universidade de São Paulo sua tese de mestrado: "De Rousseau a Freinet ou da teoria à prática". Neste trabalho, colocou lado a lado o pensamento destes célebres humanistas e relatou experiências bem sucedidas de aplicação das técnicas de Freinet.

Michel Launay, na USP, procurou aplicar princípios da pedagogia Freinet em sua atividade docente, na graduação e na pós-graduação. Escreveu um relato estimulante, publicado no livro "A pedagogia de Freinet por aqueles que a praticam", 1976.

Em Campinas, SP, na Escola Municipal do Jardim São Marcos, a professora Cleusa Luporini Nascimento experimenta, no decorrer do presente ano letivo, numa 4ª série de 1º grau, o uso das técnicas de Freinet. Na Folha de S. Paulo de 25 de fevereiro do corrente ela declarou que "a carência material da escola pobre (sua escola está localizada numa favela) pode ser perfeitamente compensada pela excelência do método".

A professora Flaviana Marchesi Granzotto coordena, na Fundação Educacional da região de Blumenau, SC, um núcleo Freinet. Esta instituição tem promovido estágios internacionais da pedagogia Freinet e divulgado suas técnicas para inúmeros professores.

Em Marília, SP, no Núcleo Habitacional Nova Marília, tivemos oportunidade de trabalhar, como coordenadora pedagógica, numa sala de alfabetização, utilizando as técnicas Freinet, num projeto de autoria do Prof. Dr. Livre Docente da UNESP, José de Arruda Penteado. O projeto "Viabilização de instalação de classes Freinet em Marília" constou de três momentos. O primeiro pretendeu elaborar um quadro geral da realidade educacional na alfabetização e na pré-escola do município de Marília. Teve como amostra dez escolas da rede pública estadual consideradas carentes pela Delegacia de Ensino de Marília e na pré-escola foram indicadas dez salas municipais nas mesmas condições. Foram utilizados questionários e entrevistas sobre os métodos pedagógicos e instrumentos de que faziam uso os diferentes professores. Esse trabalho foi realizado durante o ano de 1982. No ano seguinte, ocorreu o segundo momento do projeto: implantação de duas salas

experimentais, utilizando a pedagogia Freinet em dois níveis: pré-escola e 1ª série do 1º grau. Nossa participação restringiu-se à classe de alfabetização neste segundo momento do projeto. O terceiro momento, para 1984, se referia à verificação dos resultados dessas duas classes experimentais e a comparação com as respectivas classes do sistema estadual e municipal, onde foram utilizados os métodos comuns já levantados pela pesquisa em 1982.

Nesta fase do projeto, nos deparamos com impedimentos de ordem legal para continuidade das classes experimentais. Foram eliminadas as salas Freinet e o projeto não teve sua seqüência. Restou-nos muita aprendizagem, documentos, farto material produzido pelas crianças e os depoimentos gravados tanto dos alunos como de seus respectivos pais. Essa prática nos levou a acreditar que a pedagogia da expressão livre, proposta pelo educador contemporâneo Célestin Freinet, parece capaz de despertar o professor da letargia em que aparenta ter se envolvido e permitir que professor, alunos e pais desabrochem com todo potencial de vida numa sociedade onde parece haver muito por ser feito.

A sala experimental Freinet, no bairro carente da Nova Marília, ao mesmo tempo em que levava a sua clientela à aprendizagem da leitura e escrita, propiciou à criança, através da colaboração dos seus próprios pais, a aprendizagem de elementos supostamente indispensáveis para sua própria sobrevivência. Das vinte e sete crianças que compunham a classe experimental, nove vivem diariamente sem a presença de um adulto em suas casas. Ao amanhecer, seus pais se afastam de casa, só voltando ao anoitecer, ficando os afazeres de casa e o cuidado com os irmãos menores por conta das crianças maiores. Em visitas que fizemos em seus domicílios, pudemos constatar essa realidade, bem como a utilidade imediata das experiências de aprendizagem que estas crianças efetuaram na sala de aula. Encontramos uma criança, pequeno garoto, cuidando de três irmãos menores, visivelmente ferido no rosto e na perna. Segundo seu depoimento, o pai trabalha de "bóia fria" e a mãe "de faxineira", ambos voltando a casa apenas à noite. Ele havia se ferido quando fora "espiar" pelo vitrô da rua (moram em minúscula casa popular). Declarou que havia lavado o "machucado com água e sabão e tampado para o mosquito não sentar". Aprender a fazer um curativo foi uma das atividades desempenhadas na sala experimental Freinet. A mãe de um dos alunos, que tinha trabalhado quando solteira como auxiliar de enfermeira, se prontificou ensinar a fazer curativos. E assim o fez, dentre as várias atividades que outras mães e pais desen-

volveram (Anexo 1) e que serviram de ponto de partida para aprendizagem de leitura e escrita daqueles dias. A programação de atividades com auxílio das mães foi feita durante a primeira reunião de mães do ano letivo de 1983. As atividades foram propostas por elas próprias e o cronograma elaborado de acordo com as possibilidades de cada uma.

Em outras visitas domiciliares, pudemos constatar crianças responsáveis pela casa nos explicando que sabiam fazer "comida", pois haviam aprendido na escola a "fazer arroz". Mostraram-nos ainda que a panela estava tampada "para não cair bicho dentro". Outros depoimentos de mães estiveram relacionados à mudança de comportamento que observaram em seus filhos em casa. Segundo elas, seus filhos estavam "tomando gosto pelo trabalho, ajudando mais em casa, querendo deixar as coisas em ordem, arrumando, lavando"... etc....

O trabalho de organização, classificação, comparação, análise dos depoimentos e síntese dessa experiência didática empreendida pelo Prof. Dr. José de Arruda Penteado, em escolas públicas do município de Marília, com colaboração nossa na coordenação pedagógica e das professoras Rosemeiri Gonçalves Açafrão e Marley Steiner, ficará para outra oportunidade. Parece interessante, num próximo trabalho, levar avante este empreendimento.

1.5. Delimitação da pesquisa

A delimitação desta pesquisa está na aprendizagem da escrita e leitura. Nosso esforço está concentrado em sintetizar o método natural de Freinet para alfabetização de crianças. Captar o essencial do pensamento educacional desse célebre professor francês de nosso século. Trazer à tona sua crítica aos objetivos e práticas da escola tradicional. Tornar pública a simplicidade e baixo custo no uso de suas técnicas para o ensino da leitura e da escrita e o alcance dessa prática educacional capaz de trazer do interior da criança, sem paternalismo, seu potencial de vida em seu próprio benefício e da comunidade à qual pertence.

O trabalho pretende estar centrado especificamente na alfabetização, por ser a série mais problemática do 1º grau, e ser notoriamente a base do edifício educacional de qualquer nação. Outras pesquisas posteriores poderão aprofundar o uso das técnicas de Freinet para pré-escola, para as demais séries do 1º grau ou para o 2º grau.

2. Metodologia

Este trabalho será realizado através de levantamento bibliográfico, leitura e estudo da obra, vida e experiência pedagógica deste professor primário Célestin Freinet. Esta pesquisa estará centrada em seus escritos, nos de sua esposa e nos relatos de experiências escolares já realizadas por seus adeptos. O material a ser utilizado será o acervo das bibliotecas da UNESP de Marília e da UNICAMP.

CAPÍTULO I

VIDA E PENSAMENTO DE CÉLESTIN FREINET

1. Notícias sobre o Autor

Freinet foi nomeado professor adjunto de uma classe em Bar-sur-Loup (Alpes Marítimos) em 1 de janeiro de 1920. Antes disso estivera em hospitais, por 4 anos, recuperando-se dos ferimentos que recebera quando participara da 1ª Guerra Mundial. Para participar da guerra, Freinet teve que abandonar o 2º ano da Escola Normal, onde se formaria professor primário, ficando portanto com sua formação pedagógica incompleta já que no 3º ano é que faria a experiência de contato com alunos da Escola anexa. Freinet assumiu a classe masculina para onde fora nomeado professor, contando com estas desvantagens: falta de experiência, falta de teoria pedagógica, deficiência física. A seu favor, tinha grande respeito pela criança e com base nisso, somando seu bom-senso e instinto, iniciou sua experiência educacional.

Freinet anotou diariamente em seu livro de notas as observações que fazia com relação aos seus alunos. Estas anotações eram individuais e retratavam os progressos e aspectos positivos do desenvolvimento infantil e também as falhas e aspectos negativos. Elaborou assim o retrato do exterior e do interior de seus alunos através de minuciosa descrição.

Graças ao seu estado de saúde comprometido, pois Freinet estava doente dos pulmões, buscava formas alternativas de ensinar, pois não conseguia se adaptar à forma tradicional de ensino que o Diretor da escola de tão boa vontade havia lhe ensinado. Conhecendo ainda as personalidades das crianças, graças à sua séria observação diária, desejava encontrar formas de ensinar que também se adaptassem a essas particularidades. Assim, Frei-

net¹, "sem ambição nem preconceitos", procurou adaptar uma forma de ensinar liberta de formalismos, que coadunasse com suas limitações físicas e estivesse mais adequada às crianças que tão bem conhecia. Experimentando, observando, melhorando, comparando, Freinet erigiu as bases de uma nova atuação pedagógica. Freinet observou que as atividades escolares exigiam "imobilidade física e mental" das crianças e desgostavam chegando à irritação tanto dos pequenos como do professor. A angústia tomou o centro de seus pensamentos pois ao mesmo tempo em que reconhecia sua limitação física, sabia que se tivesse uma voz firme e alta conseguiria dominar a classe, sabia também perfeitamente que esse domínio aparente não levaria a parte alguma em termos de resultados positivos de aprendizagem significativa para seus alunos. Nessa época Freinet se decidiu por concorrer ao cargo de inspetor primário por intermédio de um concurso. Ao estudar o programa para a prova, ele se deparou com o pensamento de homens que influenciaram o desenvolvimento da pedagogia: Rabelais, Montaigne, Rousseau, Pestalozzi, Spencer, William James, Wundt, Ribot.

Segundo Élise Freinet², é a influência de Ferrière determinante no pensamento pedagógico de Freinet. O livro "L'École Active" foi lido por Freinet, encontrando ali os princípios da "educação nova", tão de acordo com suas intenções, além de indicações de obras para consulta visando aprofundar tais conceitos.

Em 1923, contatou com a pedagogia alemã, visitando algumas escolas de Hamburgo, onde utilizavam experimentalmente a ausência de autoridade do professor, de regras e castigos: a escola anarquista integral. Freinet não encontrou ali nada que pudesse auxiliá-lo na resolução dos problemas que sentia na relação educacional com seus alunos de Bar-sur-Loup.

Em seguida, Freinet aprovado no exame de professor de letras, foi transferido para Brignoles, onde atuaria como professor da Escola Superior. Em seu contato com o diretor do estabelecimento, sentiu que ali não era seu lugar e voltou para a aldeia onde haviam ficado seus pequenos alunos, que lhe permitiram na prática e na convivência colocar as propostas de Ferrière de escola ativa.

Freinet iniciou com seus alunos visitas aos artífices da

1. Élise Freinet, Nascimento de uma pedagogia popular, p. 22-23.

2. ibidem, p. 31.

pequena aldeia, que punham seu conhecimento à disposição das crianças, além de passeios "pelos carreiros espalhados à volta da velha aldeia"³. Visitaram a oficina do marceneiro, do ferreiro, do tecelão e foram à padaria, à olaria, à perfumaria. Na volta de tais visitas de aprendizagem, Freinet fazia um resumo da atividade no quadro-negro e os alunos liam, copiavam em seus cadernos, ilustravam com desenhos e se entregavam a essa atividade de escrita e leitura com temas da própria vida. Durante os passeios pelos arredores da aldeia, Freinet ensinava a seus alunos, em contato com a natureza, noções de geografia, aritmética e botânica.

Aos poucos Freinet ia se integrando na vida da aldeia, fez relações com os pais dos alunos, iniciou e animou a cooperativa de consumo e venda de produtos locais, com sede na praça da aldeia. Ganhou a consideração dos moradores e dividia seu tempo entre a escola e a cooperativa. Em 1924, participou em Montreux de um dos primeiros Congressos da Liga Internacional para a Educação Nova. O papel ativo da criança, proposto pela nova educação, o fascinava. Encontrou-se com Cousinet que, no congresso, estava apresentando suas tentativas de trabalho em equipe. Freinet viu reforçado seus pensamentos a respeito do trabalho coletivo. Em meio a educadores tão bem sucedidos e pensando em sua miserável escola de Bar-sur-Loup, Freinet confirmou para si mesmo a dependência entre escola e o meio, entre sociedade e a escola. Freinet começou a usar a máquina de imprimir em sua sala de aula. A composição do primeiro texto foi coberta de emoções. A primeira folha impressa passou pelas mãos de todos os alunos. Freinet se emocionou, pois fora árdua a luta para conseguir a impressora. A falta de papel era outro problema. O secretário da Câmara ofereceu-lhe um "stock" de boletins de votos das últimas eleições e a impressão passou a ser feita na parte posterior. Em seguida, nova carência de papel foi resolvida provisoriamente com os livros de contas usados da Cooperativa de Bar.

Freinet tentou divulgar sua experiência bem sucedida, mas não o ouviam. Apenas Barbousse o compreendeu. Barbousse era escritor respeitado e acolheu em sua revista "Clarté" artigos que Freinet havia elaborado. Barbousse examinou atentamente o "modesto livrinho impresso pelos pequeninos alunos de Bar-sur-Loup"⁴, que Freinet lhe apresentou. Animou-o, colocando as

3. *ibidem*, p. 32.

4. *ibidem*, p. 43.

colunas de sua revista à disposição de Freinet para divulgação.

Freinet⁵ passou a publicar artigos, dentre os quais citava que o "Livro da Vida", que as crianças faziam em sua escola, que se resumia na reunião dos textos livres impressos na máquina de imprimir e unidos através de cordão ou parafuso, tinha uma seqüência de temas. Esta seqüência, feita espontaneamente pelos alunos, sem qualquer imposição, era a que os "adeptos dos centros de interesse" recomendavam. Em seguida, Freinet afirmou ter Decroly reconduzido "a ciência pedagógica ao seu ponto de partida: o bom senso e a vida". Em outros artigos, Freinet criticou os manuais escolares, feitos pelos adultos, destinados a facilitar-lhes o trabalho didático em prejuízo da criança.

O primeiro seguidor do pensamento pedagógico de Freinet foi um professor de Trégunc (Finistère) de nome Daniel. Ele escreveu a Freinet mostrando interesse e cada aluno de Bar-sur-Loup passou a partir daí a ter seu correspondente em Trégunc. Estava instalada a Correspondência Escolar (1924). Em fins de 1925, Freinet assistiu o Congresso Nacional de Professores Primários de Paris, onde não lhe foi dada oportunidade de relatar suas experiências. Em Bruxelas, participou do Congresso Internacional do Ensino e em seguida seguiu em viagem para a União Soviética, a convite dos sindicatos do país socialista acompanhando a primeira delegação do Ocidente. Encontrou uma sociedade na pobreza, construindo entusiasmada o seu presente e Freinet se recordou dos seus pobres alunos de Bar-sur-Loup. O Ministro da Educação Nacional, Krupskaja, recebeu a delegação cordialmente e descreveu as realizações e perspectivas pedagógicas do seu país. Durante um mês Freinet visitou as escolas soviéticas e conversou com os pedagogos russos. De regresso à França, escreveu uma brochura relatando sua visita de nome: "Um mês com as crianças russas".

De volta à sua aldeia, tomou conhecimento do progresso da obra cooperativa que empreendera, através de um sindicato comunal. Com a participação de pedreiros, eletricitistas e camponeses, drenando a nascente de água, tinham planejado construir uma pequena central elétrica. Ficou entusiasmado com o andamento da obra pois em breve todas as casas teriam luz elétrica.

Em seguida, foram reiniciadas as aulas, e o pensamento pedagógico de Freinet encontrou outro simpatizante: Primas de Villeurbanne. Os alunos de Primas passaram a manter correspon-

5. ibidem, p. 47, 48.

dência com os de Freinet que, além desta, continuavam a de Tré-gunc.

Aos poucos a experiência de Bar-sur-Loup ia se tornando conhecida, e por lá sempre apareciam visitantes para saber detalhes sobre as técnicas de que ali se valiam. Em 4 de julho de 1926, no importante jornal da alta burguesia, de nome "Le Temps", saiu na primeira página um artigo sobre a experiência de "um modesto professor primário"⁶. O artigo exaltava o empreendimento de Freinet. Outro jornal da região, "L'Éclaireur de Nice", também fez uma reportagem sobre a escola da aldeia dos Alpes-Marítimos. Na Itália, o jornal "Corriere della Sera" também comentou estas experiências.

Em fins de 1926, Freinet relatou num pequeno livro, seus dois anos de experiência pedagógica: "A tipografia na Escola". Fez circular entre seus colegas os manuscritos deste livro e redigiu circulares para manter a união entre seus adeptos.

Em 1927, com a edição do livro "A Tipografia na Escola", os jornais pedagógicos, sociais e políticos registraram as realizações do grupo de professores liderados por Freinet. Com a difusão surgiram novos adeptos e o grupo se organizou para ampliar e aprofundar o pensamento de Freinet. Estruturaram sua própria cooperativa, onde imprimiram a revista "La Gerbe" que manteria todos informados a respeito das experiências pedagógicas empreendidas pelo grupo. A cooperativa estava aberta sempre para novos associados, mas por falta de fundos ainda não legalizada. Entretanto, estavam sedimentadas com êxito: a cooperativa do ensino leigo, onde os associados contribuíam para as despesas de impressão e contribuíam com relatos de suas próprias experiências e a revista com participação das crianças.

Em agosto de 1927, o primeiro Congresso da Tipografia na Escola foi realizado em Tours, onde os adeptos de Freinet puderam se conhecer pessoalmente pois até então era por correspondência esse conhecimento. Nesse congresso foram discutidos vários temas com relação ao material de impressão; Freinet apresentou um curto filme dos alunos de Bar-sur-Loup trabalhando. Falou dos perigos do uso indevido da imprensa escolar, que deveria servir para "libertação do pensamento infantil", e não para imprimir textos de adultos "a serviço de um regime escolar retrógrado"⁷.

6. *ibidem*, p. 63, 65.

7. *ibidem*, p. 81.

Em 1928, a Cooperativa de Ensino Leigo foi finalmente fixada sediada em Bar-sur-Loup e Élise Freinet foi quem se incumbiu de vender e montar a revista editada pela cooperativa. A Câmara de Bar-sur-Loup pôs uma sala à disposição da Cooperativa e Élise Freinet a transformou em oficina. A Internacional do Ensino nomeou Freinet para delegado ao Congresso Pedagógico Internacional de Leipzig e o "stand" de Freinet, apesar de humildemente instalado, provocou atenção dos participantes que examinavam prelos, componedores, rolos, jornais escolares, desenhos infantis etc.... E assim, a adesão dos primeiros alemães se fez presente ao movimento pedagógico empreendido por Freinet.

Em agosto de 1928, realizou-se o 2º Congresso da Tipografia na Escola, em Paris, com demonstrações práticas, exposições de trabalhos, relatórios e com a participação de 30 membros da Cooperativa.

Em fins de 1928, o movimento pedagógico já contava com uma centena de aderentes, e Freinet resolveu transferir-se para um lugar onde Élise Freinet também pudesse trabalhar pois passavam por dificuldades financeiras e na pequena aldeia não havia a menor possibilidade de vaga para ela retomar seu lugar de professora primária.

Conseguiram vagas em Saint-Paul e lá descarregaram sua humilde mudança, numa escola extremamente pobre e em péssimas condições materiais. Freinet procurou imediatamente o Presidente da Câmara que achou desnecessária e extremamente dispendiosa a requisição de Freinet: cair a escola, colocar vigas que faltavam no assoalho, uma prateleira, uma mesa para material de imprensa e finalmente o problema do banheiro, com fossa pequena demais e o mau cheiro exalando dentro da sala de aula. Não conseguiu nada com a autoridade local e iniciou as aulas num clima de desordem, sujeira e agressividade das crianças. Logo Freinet conseguiu com próprios recursos ir introduzindo melhorias, com a colaboração das crianças no trabalho de recuperar móveis e cair a escola.

Finalmente, Freinet colocou na mão das crianças o material de impressão. As delicadas letras provocaram curiosidade e a responsabilidade na manipulação desse material lhes despertava orgulho e respeito pelo professor companheiro e confiante. Entretanto, sempre ainda surgiam socos e pontapés entre eles, e sabendo da invalidade dos sermões, as brigas eram apenas apartadas e de novo, num trabalho coletivo, as crianças eram levadas a desenvolverem a solidariedade, respeito mútuo e cooperação para

o êxito do interesse comum.

A vida em Saint Paul foi difícil nestes primeiros anos e a Cooperativa do Ensino Leigo manteve-se graças à dedicação de Élise Freinet que, nas escadas, com caixas abertas, realizava a correspondência que se fazia necessária bem como a edição das três revistas que o movimento pedagógico estava a imprimir: "La Gerbe", "L'Éducateur" e "Enfantines". A falta de dinheiro para os "portes do correio"⁸, poucas horas de sono, falta de espaço para o trabalho da impressão e correspondência da cooperativa, esperança malograda de nomeação como professora primária de Saint Paul, pois a professora enferma decidira permanecer no cargo que Élise almejava, falta de dinheiro... Estas foram as características dos primeiros tempos do casal Freinet em Saint Paul.

Em fins de 1928, apesar de toda dificuldade, saiu o livro de Freinet: "Acabemos com os manuais" onde a técnica de trabalho sem os livros didáticos feitos pelos adultos é analisada e detalhada. A imprensa na escola voltou a ser divulgada e as experiências dos adeptos após o 2º Congresso da Imprensa Escolar, em Paris, deram vulto e amplitude ao movimento pedagógico de Freinet.

Em 1929, havia utilização da imprensa, em cem escolas, adeptas do movimento pedagógico de Freinet. Para ele, o resultado dessa prática diária era o sinal evidente de que realmente ela era muito eficiente.

Em julho de 1929, o movimento empreendido por Freinet já contava com 150 adesões. A Cooperativa de Ensino Leigo tomou convicção de que realmente precisava do "apoio das organizações sindicais e operárias nacionais ou internacionais" para reivindicação de viabilidade de concretização na prática de seus estudos pedagógicos. A Cooperativa se propôs a pesquisar as "causas da miséria da escola popular em regime capitalista" e apontar rumos a seguir em busca da "libertação escolar". Freinet conclamou os aderentes da nova escola popular que lutassem dentro do grupo a que pertenciam, para que os "sonhos generosos dos pedagogos" pudessem ser concretizados⁹.

Em 1930, o Congresso da Tipografia na Escola foi realizado em Marselha. Freinet participou e nessa época mais uma vez sua esposa Élise não conseguiu nomeação como professora de Saint Paul. Passaram por extremas dificuldades financeiras.

8. *ibidem*, p. 97.

9. *ibidem*, p. 128.

Freinet não se negou a aproveitar as tentativas de outros educadores. Admitiu precisar de mais contato com a pedagogia russa pois o acercar-se da vida social era proposta tanto dela quanto dele próprio. Achava-se aberto também à pedagogia americana, podendo "taylorizar"¹⁰ seu material de trabalho: biblioteca do trabalho, fichero, imprensa escolar etc....

Em 1931, a Cooperativa de Ensino Leigo contava com 500 membros e Freinet participou ao final do ano do Congresso de Limoges.

A sua escola em Saint Paul, aos poucos foi recebendo melhoramentos, não da parte da Câmara Municipal, mas por iniciativa própria do professor e dos alunos. Colocaram prateleiras, uma tábua como mesa de material para experiências, jardins etc.... Entretanto, o presidente da Câmara "recusava-se a mandar esvaziar o W.C."¹¹, e as crianças ficaram impedidas de sua utilização, o mau cheiro tomou conta da escola e Freinet desanimou de pedir providências. Recorreu à inspeção do médico e do delegado de saúde local, que assinaram pela necessidade urgente de providências por parte da Câmara Municipal. Os W. C. foram esvaziados e Freinet ganhou a antipatia dos vereadores e superiores administrativos da cidade. Surgiam comentários a respeito dos pacotes que chegavam com a correspondência. Alguns o tachavam de espião dos russos. O antiquário é quem mais alimentava tais comentários. Aos poucos, toda a burguesia da vila estava contra o professor da escola.

Em fins de 1930, Élise Freinet conseguiu sua nomeação para o cargo de professora primária de uma escola feminina. As acomodações eram péssimas e Élise juntou suas lamentações às de Freinet.

Em 1933, a campanha contra Freinet tornou-se mais decisiva. A burguesia da aldeia não parecia se conformar com visitas de outros países para conhecerem a experiência escolar de Freinet. Em dezembro, a família foi acordada na madrugada, para que seus amigos leais lhes mostrassem a campanha declarada que a cidade lhes fazia. Por todos os lugares da cidade havia impressos pregados, supondo-se assinados pelos pais dos alunos, onde o trabalho de Freinet era questionado, declarando-o mau educador e trazendo um texto escrito por um aluno em 1932. Neste texto livre, o aluno expressava sua insatisfação com relação ao presi-

10. ibidem, p. 177.

11. ibidem, p. 220.

9

dente da Câmara que não cedia os móveis que sua classe precisava e sonhava que o teria matado. Este texto era a prova da denúncia que faziam contra Freinet.

Visitando as casas dos pais das crianças, Freinet constatou que eles não tinham participado dessa demonstração de repulsa, e pediu-lhes que assinassem seus depoimentos, o que fizeram prontamente, com exceção do pai cabeleireiro que precisava contar com a freguesia burguesa e um pai empregado em um café, nas mesmas condições. Freinet comunicou à administração os fatos que o envolviam e solicitou ao Inspetor um inquérito pedagógico para avaliar o seu ensino. O evento teve repercussão nacional e os jornais divulgaram as notícias. Os aderentes da Cooperativa do Ensino Leigo se lançaram em defesa de Freinet através da imprensa e dos sindicatos. Alguns representantes da Educação nova manifestavam sua simpatia por Freinet: Duthil, Beaucomont, Perron, Menina Flayol, H. Walon e os estrangeiros também se manifestaram através de: Claparède, Dubois etc....

A escola de Freinet foi submetida a um inquérito pedagógico, por determinação do Ministro, e o Inspetor Primário, por três dias consecutivos, examinou todo o material já feito pelos alunos, os textos impressos etc.... Redigindo o relatório do inquérito, o inspetor não escondia sua insatisfação com inovações e Freinet, perdendo a paciência, o conduziu, num gesto brusco, pela manga da camisa, até o W.C., que transbordava por não ser esvaziado, com larvas de moscas infestando o local; mostrou-lhe a falta de abastecimento de água e o lixo acumulado no pátio evidenciando o não cumprimento dos regulamentos previstos por lei de higiene que eram de competência da municipalidade.

Esse incidente ocasionou em seguida o atendimento das reivindicações de Freinet junto ao presidente da Câmara que cedeu aos reclamos do Inspetor da Academia, mandando esvaziar os W.C., providenciando o serviço de lixo e abastecimento de água. Mas em seguida, o mesmo Inspetor voltou com o inquérito, examinando os textos impressos, buscando engenhosamente encontrar um pretexto para legalmente tachar aquela educação de subversiva.

Aos poucos, com o desenrolar dos acontecimentos, Saint Paul foi se dividindo em blocos: dos ricos e dos pobres. Os primeiros contra Freinet, buscavam expulsá-lo e entregar a educação das crianças ao pároco local, os segundos a seu favor. Entretanto, os "grandes proprietários" trataram de "pressionar os seus rendeiros" para que não mandassem seus filhos à escola de Freinet, ameaçando-os de dispensa de seus serviços, exigência de pa-

gamento imediato de suas dívidas, não adiantamento financeiro para casos de doença etc.... Aos poucos, os pais foram retirando seus filhos da escola, restando apenas três crianças, cujos pais eram "caseiros da terra"¹² e não cediam à pressão que se estabeleceu em Saint Paul. Os alunos grevistas, escondidos dos pais, tentavam chegar à escola, mas eram barrados por elementos do movimento que os faziam voltar a casa. O caso foi tomando proporções de batalha, chegaram carros na cidade, o presidente da Câmara mobilizou forças militares, apareceram sentinelas às portas dos hotéis, as estradas eram vigiadas: temiam a chegada dos comunistas companheiros de Freinet.

O tempo passou e algumas crianças voltaram à escola, totalizando 14 matrículas e Freinet continuou corajosamente sua tarefa. Os pais estavam mais encorajados a defender a escola que haviam escolhido para seus filhos. Numa reunião de pais, antes do reinício das aulas, Freinet os pôs a par da possibilidade de problemas que poderiam ocorrer. Combinaram que trariam pessoalmente seus filhos até a escola para evitar que fossem barrados a caminho e fizeram um abaixo-assinado ao Comissário da Polícia de Vence, pedindo-lhe proteção para as crianças de volta da escola para suas casas. Freinet¹³ solicitou à polícia que fizesse respeitar a lei que "obriga a autoridade a proteger um funcionário no cumprimento do seu dever".

No dia marcado para reinício das aulas, aconteceu o incidente. Os pais vieram com seus filhos até a escola. Os policiais apareceram para garantir a ordem, mas não se aproximaram. As crianças entraram e os pais permaneceram do lado de fora. De repente apareceu um grupo de mulheres e crianças batendo panelas e gritando ofensas a Freinet. Algumas crianças do grupo haviam estudado com Freinet por quatro anos. Então apareceram alguns homens que perguntavam sobre o paradeiro do presidente da Câmara e do antiquário. Instantes depois chegaram os dois personagens procurados e a polícia se aproximou. A multidão gritava para que o chefe da Câmara entrasse na escola e os pais das crianças se colocavam como obstáculo dizendo que não permitiriam. A multidão gritava para que arrombassem as janelas e se precipitava a puxar as persianas. Freinet apareceu à porta e gritou que lá dentro havia 14 crianças e que as defenderia custasse o que fosse. Apontou um revólver para a multidão e regressou à aula. Alguém

12. *ibidem*, p. 242, 243.

13. *ibidem*, p. 250.

tentou entrar, a confusão se generalizou, Freinet levou as crianças para suas instalações pessoais, por segurança. Sua filhinha Bal chorava assustada, sua mulher Élise permanecia fora da casa observando os acontecimentos e tentando acalmar Bal. Houve um acalmar momentâneo, mas a multidão permaneceu ali.

No recreio, Freinet saiu com as crianças para o pátio, foi vaiado pela multidão sob o incentivo do antiquário. Freinet regressou com os alunos para a sala de aula e Élise Freinet permaneceu em seu posto de guarda à frente da escola. Havia um grande número de policiais presentes. Foram jogadas pedras na direção da sala de aula e havia homens armados na multidão. Um chefe de polícia pediu a Élise Freinet que entrasse a casa por medida de segurança e dirigiu-se para conversar com o professor que executava suas funções. Élise Freinet não saiu do seu posto e respondeu ser função do policial manter a ordem. Freinet endossou o pensamento de sua esposa e os policiais advertiram a ambos sobre o perigo de vida a que estavam se expondo.

Chegando a hora da saída, os pais levaram as crianças e a polícia continuou guardando a casa. Durante a tarde, o Inspetor da Academia procurou Freinet, pediu-lhe que abandonasse a cidade. A multidão lá fora continuou a gritar. Freinet pensou no risco de vida a que todos estavam submetidos. Decidiu-se por partir, aceitando a licença de três meses que lhe era concedida, comprometendo-se a fazer por escrito seu pedido de transferência. Somente exigiu do inspetor o compromisso de não interditar a Tipografia na escola. Naquela noite, o casal Freinet se entregou à tarefa de escrever circulares para todos os adeptos da Cooperativa do Ensino Leigo. Receberam visitas de professores que vinham manifestar-lhes solidariedade, alguns de muito longe.

Em alguns dias, Freinet recebeu uma intimação, da parte do Inspetor da Academia, para que fizesse por escrito, num prazo de três dias, seu pedido de licença. Ameaçava tomar providências, caso não fosse obedecido, e descomprometia-se da promessa que fizera com relação à Tipografia da escola.

Os sindicatos com os adeptos de Freinet se movimentaram através de publicações e manifestos, criou-se "um comitê de ação nacional"¹⁴ a favor do já célebre professor primário e foram enviados ao Ministro milhares de protestos. Freinet recebia listas de abaixo-assinados a seu favor, tanto de alunos da Escola Normal, estudantes da Sorbonne, Escola de Altos-Estudos da França

14. *ibidem*, p. 260.

etc.

Freinet foi exonerado, por ordem da prefeitura, em 21 de junho de 1933. Bar-sur-Loup, a aldeia onde iniciara sua experiência educacional, o chamou para que lá continuasse sua obra. Freinet se emocionou com esta acolhida mas não aceitou o convite pois achava que retirar-se seria retroceder o movimento. A nível nacional, foi instalado um amplo inquérito sobre todos aqueles professores que utilizavam em suas aulas a Imprensa Escolar. Alguns adeptos foram transferidos, insultados, caluniados, mas outros foram reconhecidos por seus inspetores como eficientes no uso de tais técnicas comprovadamente valiosas. A reação popular foi patente e Freinet, em meio a este clima político de contestação de um lado e imposição do outro, conseguiu reaver seu lugar de professor em Saint Paul.

As técnicas Freinet eram comentadas por toda a parte e alcançaram o estrangeiro: Noruega, União Soviética, Romênia, Checoslováquia, Espanha e Bélgica. Em 1934, Freinet foi a Barcelona fazer palestra e lá constituíram uma cooperativa de tipografia e logo após também a Bélgica fundou sua cooperativa semelhante à Cooperativa de Ensino Leigo que Freinet tanto defendeu.

Em 1934, Freinet estava inclinado a abrir sua própria escola para a classe trabalhadora. Conseguiu casa e, com o auxílio financeiro da sogra e cunhados, a adquiriu. A escola ficava distante da cidade e Freinet dividia seu tempo entre ela e a Cooperativa de Ensino Leigo, cuja sede estava na cidade de Saint Paul. Na Cooperativa se dedicava a manter em ordem a correspondência e controlar a contabilidade.

Em 1935, em setembro, as normas legais para abertura da escola de Freinet estavam regularizadas e com ajuda dos camponeses e do próprio professor primário as instalações materiais estavam de acordo. Já se encontravam matriculados um número razoável de crianças. Em fevereiro de 1936, novamente o tribunal correcional ergueu-se contra Freinet, alegando abertura clandestina de escola. O tribunal não lhe concedeu autorização para abrir a escola e a formação da Frente Popular foi o fato histórico capaz de auxiliá-lo. Pressionaram para obter autorização e conseguiram a "abertura legal da escola de Freinet"¹⁵. A partir daí, o movimento pedagógico estava unido ao movimento político e social, e Freinet divulgava a necessidade das reivindicações da escola se fazerem através das reivindicações de classe. Freinet, junto aos

15. *ibidem*, p. 310.

camponeses, fundou a Liga dos Pais, com "características militantes semelhantes às da Frente Popular"¹⁶, mas com características específicas de defesa à criança: a Frente da Infância com presidente honorário Romain Rolland. Freinet conseguiu em seguida, em apenas dois anos, fundar oitenta sindicatos de camponeses, criou diversas cooperativas: de pão, leite, legumes etc.... A sua escola passou a receber camponeses onde, em pequenos cursos, aprendiam os principais dados das cooperativas e aprendiam a falar em público, sendo esta última aprendizagem baseada na compreensão dos fatos. Freinet militava intensamente no plano social e pedagógico.

Com o eclodir da guerra (1939-1945), Freinet era considerado um líder terrorista e a Cooperativa do Ensino Leigo, constantemente visitada por policiais para verificarem se lá guardavam armas. Freinet continuava suas aulas com as crianças. A sua casa foi revistada e alguns livros lá encontrados foram considerados provas de subversão. Foi ameaçado de prisão. Em março, foi preso e conduzido ao campo de concentração de Saint-Maximin (Var). Élise Freinet temia pela saúde de Freinet e o Ministério do Interior passou a receber protestos de toda a França para que libertassem Freinet. A Cooperativa do Ensino Leigo continuava sua atividade nas mãos de Élise, que tinha então a tarefa de resolver os problemas das dívidas, sofrer as buscas e fazê-la funcionar. Toda a correspondência que chegava à Cooperativa tinha que passar pela censura da polícia. Freinet ficou gravemente doente. Foi conduzido para o hospital de Saint-Maximin. A Cooperativa era freqüentemente assaltada, os papéis para impressão roubados e o prefeito ordenou que mandassem embora as crianças da escola de Freinet. Élise enviou as crianças para os pais, mas ficou com os órfãos para não enviá-los à Assistência Pública. Ficou com 12 crianças e a fome era enfrentada diariamente. Recebia telegramas dos adeptos do movimento Freinet oferecendo-lhe casa e comida, mas não podia sair da cidade por ordem policial. Constantemente sob vigilância, no auge do desespero, Élise encontrou num sargento a confissão de ser simpatizante do Movimento Freinet e lhe arrumou algum alimento para seus órfãos e filha.

Dez meses depois, a Cooperativa do Ensino Leigo foi selada. Élise foi avisada por amigos que seria internada e depois de ter deixado os órfãos em segurança fugiu clandestinamente.

16. *ibidem*, p. 312.

Freinet se recuperou um pouco e foi reconduzido à prisão e lá, repensando sua obra pedagógica, escreveu três obras condensando sua contribuição à educação: "A Educação do Trabalho", "A Experiência por Tentativas" e "Ensaio de Psicologia Sensível". A par desta atividade, Freinet organizou com outros professores, também prisioneiros, aulas, conferências e trabalhos artísticos para aquele grupo de homens isolados socialmente. Seu aluno mais idoso, com 71 anos, foi alfabetizado e passou a escrever cartas a sua mulher e netos. Fizeram o jornal daquele campo de concentração: o "Camp 41" com os textos livres mais expressivos e que mereciam ser consagrados. O jornal era manuscrito e uma equipe fez o trabalho de realizar as cópias que eram enviadas a outros campos de concentração. Outro grupo dedicava-se à ilustração e a censura cortava alguns textos. Organizaram um grupo de teatro que apresentava peças capazes de levar às lágrimas os assistentes. Freinet conversou muito com seus companheiros, que lhe relatavam problemas dos filhos e netos. Sob esta inspiração, Freinet escreveu o livro "Conselho aos pais", onde colocou conselhos práticos sobre educação familiar.

Em 29 de outubro de 1941, Freinet saiu do campo de concentração com a saúde abalada e era considerado um homem livre. Em 1944, assumiu a direção de um dos grupos de resistência da França. A resistência se organizou em toda região sul, Freinet fez parte do Comitê Nacional de Libertação. Nessa atividade, voltou a Vence, assim que lhe apareceu oportunidade. Com Élise, encontrou a sede da Cooperativa num amontoado de papéis sujos. Começaram a lembrar nomes dos adeptos e tentaram reestruturar lentamente o que havia sido destruído. No entanto, logo após esse recomeçar, finalizando a guerra, Freinet foi vítima de traição por parte de seus camaradas políticos, que ignoravam nas reformas propostas para a nova escola francesa a contribuição de Freinet e a existência da Cooperativa do Ensino Leigo. O núcleo da traição estava em Argélia, nos centros de resistência que o próprio Freinet abraçara atuando na região dos Alpes. Enquanto se dedicava ao grupo de resistentes de Beassac, a resistência de Argélia riscava seu nome da Educação Nova. Freinet foi por eles considerado traidor, por ter feito conferências sobre suas técnicas de ensino na Alemanha. Durante os meses de Libertação, os mesquinhos procuravam títulos e celebridade. Prepararam a Reforma do Ensino e Freinet bem como a Cooperativa do Ensino Leigo foram desprezados. O Movimento da Educação Nova ignorou o passado de luta daquele professor primário. Após a guerra, Freinet e seus

adeptos, novamente recomeçaram o movimento educacional que prudentemente chamaram de Escola Moderna Francesa para evitar equívoco com o Movimento da Escola Nova Francesa. Em 1949, o movimento educacional empreendido por Freinet já contava com 20.000 adeptos.

Freinet¹⁷ morreu a 8 de outubro de 1966, deixando severa crítica ao sistema tradicional de ensino. Fundou o Movimento da Escola Moderna que na atualidade congrega uma "cadeia de jornais escolares de 5 mil títulos, uma tiragem que chega a 500 mil exemplares". Este movimento também faz publicações de educação e permite a troca de informações, promove simpósios etc.... Abrange mais de 20 países e, dentre as publicações, pode-se citar "L'Éducateur", "L'Éducateur de Second Degré", "Techniques de Vie", "La Gerbe", "La Nouvelle Gerbe". Publica também a Biblioteca do Trabalho e a Biblioteca da Escola Moderna, ambas voltadas aos interesses infantis. São inúmeras brochuras feitas desde 1920-1930, que constituem hoje o grande número de pesquisas e trabalhos da Biblioteca do Trabalho. O Movimento promoveu a Cooperativa do Ensino Laico, cujo objetivo atual é sustentar empreendimentos educativos na linha pedagógica de Célestin Freinet.

2. O Pensamento de Freinet

2.1. Educação pelo Trabalho

O trabalho deverá ser o centro de toda atividade escolar. A formação pelo trabalho deverá mostrar sua superioridade sobre a educação formal. O homem preparado para a vida, saudável física e moralmente, cuja intelectualidade desenvolveu a serviço de realizações, empreendimentos ligados às próprias necessidades, modificando e aprimorando o próprio meio físico e social, "para uma cultura de verdade e de humanidade" é a finalidade desta educação¹⁸.

Para Freinet¹⁹, através do trabalho, esta nova escola levará à criança os "eminentes direitos do espírito". Não pode-

17. José de A. Penteado, Didática e prática de ensino, p. 177, 178.

18. Célestin Freinet, A educação pelo trabalho, v. 2, p. 128.

19. ibidem, p. 158.

rão acusá-lo, segundo ele próprio, de exaltar uma educação voltada a um "grosseiro materialismo" ou "manualismo servil". Esta escola levará a cultura intelectual à criança através do trabalho, para seu engrandecimento. "Cultura fisiológica e física" além de "cultura artística e moral" são as constantes dessa escola.

Freinet²⁰ enfatiza o trabalho como forma do ser humano ascender, dominar o meio, exercer seu poder. Alerta para o perigo de levar a criança a aprender "para poder trabalhar mais tarde com uma mais completa eficácia" pois pode ocorrer que neste percurso ela perca o "sentido íntimo" e a "verdadeira significação social" do trabalho. Ele não desvaloriza o aprender, é claro que a criança deverá aprender, mas é preciso que tudo passe pela experiência da vida, para que o aprendido seja integrado ao ser que aprende, e isso só é possível pela ação, pelo trabalho que é a "essência do nosso ser" e o "móbil do nosso destino".

Com relação à memorização na aprendizagem, Freinet²¹ resalta que esta faculdade se apresenta, na apreensão de "elementos do conhecimento que nos são necessários, e no próprio momento" em que se realiza um trabalho "interessante e vital". Os exercícios de memorização, na concepção de Freinet, são concebidos não como recitação mecânica mas como consequência do trabalho.

A concentração necessária para a aprendizagem deve significar um esforço normal para conseguir determinado objetivo que está naturalmente na "linha da nossa vida", não sendo portanto conseguido, no meio escolar diferente do meio vital da criança. Na ação para atingir objetivos distanciados da vida, exige-se uma concentração anormal e o ser reaje a essa tensão com "uma necessidade de descontração". Se a atividade oferecida à criança for "à sua medida", envolvendo "seus diversos músculos" e principalmente objetivando satisfazer suas necessidades, ela não terá necessidade de dispersar a atenção, de "se distrair". Ela sentirá apenas "a necessidade natural de repouso e de sono", e poderá posteriormente voltar ao mesmo trabalho. O trabalho do qual Freinet fala não se torna monótono porque se trata de uma atividade envolvendo "todo o ser"²². Ele o chama de trabalho-jogo.

20. *ibidem*, p. 106, 108.

21. *ibidem*, p. 112.

22. *ibidem*, p. 60-61.

É preciso destacar a distinção que Freinet²³ faz ao exaltar "educação pelo trabalho", que não significa "educação pelo trabalho manual" e sim a junção entre intelectualidade e manipulação, pensamento e ação, concretização de pensamento. Para Freinet, o desenvolvimento do pensamento, até ao pensamento lógico e inteligente, se faz a partir de ocupações materiais. Através do trabalho, surgem pensamentos que atuam sobre o trabalho ocasionando pensamento e assim por diante. O trabalho, ocupação material, é para Freinet o degrau para a abstração, salvo se houver alguma impossibilidade orgânica na criança. Da "simplicidade primária de um trabalho", a criança passará à "diferenciação", e a "complexidade crescente"²⁴ daí advinda requisita suas faculdades totais. Decorre daí que a criança estabelece relações, descobre leis pela experimentação, conhece prioridades e teorias.

Com relação à disciplina, Freinet observa que a criança empenhada numa atividade que a requisita física e psicologicamente é naturalmente disciplinada. Trabalhando de acordo com seus interesses e necessidades, a intervenção do professor se apresentará apenas para organizar o trabalho, sem precisar de imposições, ameaças etc.... Para Freinet, o problema da disciplina escolar se resume no seguinte: executando uma atividade que a envolve, a criança automaticamente se torna disciplinada. A motivação para a disciplina é o fim que se propõe atingir. No entanto, Freinet dá ênfase às condições materiais, escolares, para que sua proposta possa efetuar-se com êxito. Critica "as classes demasiado numerosas"²⁵ e construções escolares demasiado exíguas, lugares fixos para os alunos, classes onde caso um grupo de alunos circule há muito ruído prejudicando toda a classe. Exaltando o interesse infantil, que deve estar presente, para que seja integrado ao ensino, dando como resultado concentração de pensamento e atenção, é interessante lembrar o caso do aluno Joseph, que nos anos iniciais da experiência de Freinet, através de sua lagartixa, lhe deixou claro tal princípio da aprendizagem. O garoto não conseguia concentrar-se na aula pois estava preocupado com uma lagartixa azul que se escondia no lado de fora da sala.

A liberdade para Freinet não é uma necessidade indivi-

23. *ibidem*, p. 130.

24. *ibidem*, p. 162.

25. Élise Freinet, *Nascimento de uma pedagogia popular*, p. 135.

dual e social. A liberdade é relativa e não pode existir fora da vida e do trabalho de cada um. A liberdade é a possibilidade do ser humano de vencer obstáculos que a vida lhe apresenta, ascender, crescer, mesmo que para isso seja preciso "os mais pesados sacrifícios em matéria de liberdade"²⁶. O impedimento de satisfazer esta necessidade de vencer e obrigatoriedade de executar tarefas que contrariem esta aspiração, é a "privação de liberdade".

Através do trabalho, o homem desenvolverá total e efetivamente suas potencialidades: inteligência, razão, caridade, fraternidade, bondade, justiça, generosidade. Estas características estão presentes somente no homem que "pode conservar o sentido do trabalho-jogo". Sendo o trabalho-jogo o "elemento mais poderoso" do comportamento humano, faz a ligação entre os membros da sociedade desenvolvendo assim o melhor que existe em cada um, pois ele (o trabalho-jogo) é a satisfação das necessidades primordiais. Assim, segundo Freinet²⁷, "a verdadeira fraternidade é a fraternidade do trabalho".

Para Freinet²⁸, o instinto de reprodução tem sido exaltado pela psicologia contemporânea e a "necessidade de ser", de crescer, de realizar seu próprio destino tem sido desmerecida. Esta necessidade é superior ao instinto de reprodução que nasce, cresce e decai. A "necessidade de ser" é permanente e existe antes e depois do surgimento do instinto de reprodução. Desde o nascimento até a morte, as pessoas manifestam a "necessidade de ser" que se exterioriza através do trabalho e antes de se reproduzir, o homem deve "existir, durar" e crescer. A expressão, para Freinet, não se restringe à demonstração por escrito ou através da fala, dos pensamentos. Quando ele afirma que através do trabalho o homem pode expressar sua "necessidade de ser", de vencer obstáculos, de subir, está desfazendo a separação entre pensamento e ações ou seja: o pensamento é "apenas um elemento de nossa personalidade" e pela linguagem conseguimos dar "uma idéia de certos aspectos do nosso ser", entretanto no e pelo trabalho "todo o ser se exprime e se realiza eficazmente".

Quanto à família, Freinet²⁹ se refere aos laços que unem

26. Célestin Freinet, A educação pelo trabalho, v. 2, p. 144-145.

27. ibidem, p. 149, 151.

28. ibidem, p. 150, 151.

29. ibidem, p. 152.

seus membros: o trabalho. Para ele, a família tanto é mais unida quanto maior for o envolvimento de seus membros em trabalhos comuns, que tragam satisfação íntima e comunhão "tanto espiritual como material". Também é válida a mesma colocação para os habitantes de uma aldeia, e o traço de união é demonstrativo da existência de um "trabalho-jogo funcional" unindo seus membros. Tal união não ocorre onde existem tarefas mecânicas e exclusivamente materiais. Neste caso não se trata mais de trabalho-jogo funcional e sim de tarefas onde existe somente "um frágil traço de união acidental".

Para chegar ao valor educativo do trabalho, Freinet³⁰ relata ter buscado analisar a força que move o ser humano. Pensou inicialmente que era a observação, em seguida a expressão, depois a experimentação. Em cada item analisado, pensava ter descoberto a essência que motiva o homem. Passou em seguida a analisar o interesse, a liberdade, o jogo, o trabalho manual e assim, finalmente, chegou ao trabalho, cuja função "única e diversa" leva ao "desabrochamento do ser". Quando Freinet exalta o trabalho, não está se referindo "forçosamente" ao trabalho manual, apesar deste ser a origem do trabalho verdadeiro. O trabalho para Freinet engloba toda pesquisa, documentação e experimentação. Esta atividade parte da primeira fase que é o trabalho manual e torna-se terceira ou quinta fase do trabalho total a que Freinet se refere. O trabalho manual produz "atividades diferenciadas", desde que o processo não seja interrompido pelo social. O aluno lento é visto por Freinet como aquela criança que mais demoradamente retira da "função trabalho" o pensamento. São aqueles cujo pensamento se desprende "pensosamente de uma atividade física natural". Seria pretensão querer retirar este pensamento, por intermédio de "processos artificiais e antinaturais". Somente o trabalho prático é que levará ao resultado pensamento devendo à criança ser permitido demorar-se o quanto precisar em atividades manuais. Com naturalidade ela passará do "trabalho primitivo" para a "atividade diferenciada" para chegar finalmente ao "conhecimento intelectual", "cultura filosófica" e "concepção moral da vida". A criança caminhará em seu próprio ritmo, sendo estas diferenças individuais na aprendizagem conseqüências das diferentes constituições, indo desde um domínio rápido até paradas no caminho, já que as próprias limitações se tornam manifestas. Mesmo as crianças deficientes aprenderão alguma coisa,

30. *ibidem*, p. 161, 160.

ficando obviamente maior tempo nas atividades manuais.

Freinet³¹, num dos relatos sobre sua filha Bal, na época com 13 anos e 4 meses, deixa transparecer seu pensamento a respeito das "mais definitivas conquistas" que a educação pode alcançar. Ele afirma não ter encorajado na filha, que aprendeu a escrita e leitura através do Método Natural, o "gosto pela leitura". Tampouco não a preparou escolasticamente e, comparando-a com alunos da escola tradicional, Freinet observou que sua filha não estava atrasada com relação à ortografia, nem à sintaxe e muito menos à escrita. A educação de Bal, segundo Freinet, esteve voltada para desenvolver "aptidões para o trabalho", aptidões artísticas e musicais. Bal aprendeu: desenhar, brincar, cozinhar, costurar, passar roupas, fazer tricô, arrumar a casa e também aprendeu a "refletir e apreciar". Para Freinet, o Método Natural foi satisfatório no desenvolvimento normal de sua filha, que sem conhecer regras de gramática, não fazia mais nem menos erros num ditado que os alunos da escola tradicional. Além disso, a curiosidade estava presente em todo seu esplendor, pois não havia sido abafada pela escola. Bal se apresentava, segundo Freinet, criativa, original, dotada de "compreensão sintética", demonstrando aspectos na sua formação que apenas são desenvolvidos por um sistema educativo como o Método Natural.

2.3. Escola e meio social

Em sua obra, Freinet demonstrou sempre ter estado preocupado com a relação escola e meio social. Percebendo a relação de dependência entre o ensino e o meio, buscou técnicas pedagógicas que pudessem envolver todas as crianças no processo de aprendizagem, independente das diferenças de caráter, inteligência ou meio social.

Em 1929, Freinet³² fez uma análise das duas formas como estava sendo concebido o problema da educação, por um lado a escola ideal, distante da realidade com seus inovadores à frente: Ferrière, Tobler e Gheeb e, por outro lado, os "diversos representantes da educação oficial", acomodando o ensino à miserável realidade social. Entre essas duas posições, Freinet propunha a correta, ou seja: ao mesmo tempo em que o professor almejasse a escola ideal, libertadora, criativa, deveria também estudar as condições concretas que estariam impedindo sua realização. A

31. idem, O método natural, v. 1, p. 159-160.

32. Élise Freinet, Nascimento de uma pedagogia popular, p. 106.

partir daí, tal professor teria "o dever de mostrar, de provar, de gritar" que mesmo sabendo e querendo fazer a escola ideal, tais fatores materiais e sociais impediriam sua efetivação.

Com relação à Cooperação, Freinet defende a idéia de que cada unidade escolar deveria ter sua própria Cooperativa. Na falta desta, o professor deverá colocar nas mãos da classe os problemas econômicos para consecução de trabalhos coletivos bem como a cooperação necessária tanto a nível de classe quanto a nível de comunidade para atingir o fim proposto. Para Freinet, a Cooperativa é um meio prático de organização da classe em torno de sua necessidade.

A educação que prepara a criança para a vida deverá tratar na sala de aula desse meio real, que é do século XX. A técnica mecanizada de nosso século deve ser desvelada na escola, para que seja visto pela criança em cada objeto pronto, que fascina pela perfeição técnica, o esforço penoso de homens. A vivência na fabricação das máquinas que compõem nosso meio concreto deverá ser realizada para que a enigmática mágica dos botões seja desfeita e assim a criança compreenda, ao utilizar a sofisticada tecnologia, a quantidade de inteligência e de trabalho da qual ela resultou.

O homem saído desta escola, segundo Freinet, estará preparado para produzir a riqueza social. Estará apto a dirigir o seu destino e controlar a natureza, através de seu trabalho físico e intelectual. Passando pela seqüência natural: "conhecer, experimentar e depois criar"³³ será um homem preparado para a vida.

33. Célestin Freinet, A educação pelo trabalho, v. 2, p. 163.

CAPÍTULO II

AS CRÍTICAS DE FREINET À EDUCAÇÃO TRADICIONAL

Freinet¹ tece críticas aos métodos tradicionais de ensino, que perduram no meio escolar desde o início do século. Tais métodos foram criados e experimentados por "um meio escolar que tem as suas finalidades, os seus modos de vida e de trabalho", diferentes em finalidades e modos do meio não escolar que Freinet chama de meio vivo. O meio escolar, em se tratando de formar o homem que construirá e dominará o mundo do meio vivo é "irracional, retardatário" e defasado ao meio "social e vivo contemporâneo".

Com relação a técnicas, que a Escola tradicional emprega para o ensino de redação, desenho, cálculo ou música, foram montadas para o meio escolar, e aí separadas do meio vivo, cumprem seus objetivos e estabelecem o hiato entre a Escola e o meio, tão responsável na formação de uma cultura falsa que nunca é integrada na vida dos homens. Técnicas capazes de integrar o conteúdo do ensino à vida, ajustadas ao comportamento e exigências sociais no ambiente vivo, são propostas por Freinet ao criticar a Educação. A formação do cidadão capaz de atuar numa sociedade democrática é papel de uma escola democrática e não autocrática.

Freinet² afirma que o método utilizado tradicionalmente para o ensino da história, geografia, ciências ou matemáticas, já demonstrou seus resultados: "desvia" a criança do estudo, "abafa" sua vontade de conhecer, "aniquila" sua curiosidade. O interessante é que estas disciplinas nada mais são do que agrupamento de dados elaborados e reestudados pelo homem na sua ânsia de conhecer. Esta ânsia de conhecer é abafada nos novos aprendi-

1. Célestin Freinet, O método natural, v. 1, p. 39-41.

2. idem, A educação pelo trabalho, v. 2, p. 164.

zes graças aos professores que querem "ensinar", oprimindo com recompensas e punições, fazendo com que seus alunos aceitem quer queiram ou não o que lhes oferecem. Para Freinet, deve-se satisfazer a necessidade de conhecer para enriquecer a natureza dos aprendizes para que eles sintam que seus esforços lhes outorgam mais poder, maior dinamismo e satisfação de vida.

A criança, num meio escolar separado da vida, é privada dos impulsos que a impelem ao querer conhecer. Ela passa assim a realizar atividades que "repete maquinalmente e sem esforço". A motivação para novas aprendizagens, que na vida ela demonstra através de tentativas experimentais para seu "permanente e natural aperfeiçoamento", na austeridade da escola tradicional deixa de atuar. Nesse meio desvinculado da vida, a criança corre o perigo de fixar-se "num estádio primário e anormal", sem empregar o esforço natural que usa na vida para ultrapassar, vencer obstáculos e progredir³.

A criança submetida aos métodos tradicionais, segundo Freinet⁴, está em luta aberta entre a necessidade de criar, agir, realizar, que sente dentro de si, graças ao seu extraordinário "poder de dinamismo" e o adulto impõe seus métodos e sua disciplina. Para Freinet, esta problemática requer atenção dos educadores pois a força dinâmica interior da criança é passível de ser dirigida prudentemente. Na tentativa de bloqueio, ela fatalmente será desviada para jogos, crueldades, farsas, fugas à escola ou situações mais delicadas. O professor, ao aplicar sanções, consegue um mal menor ou até pior. O agravamento destas situações fez com que educadores mais temerosos afrouxassem a opressão, passando a oferecer canais para o desvio do "impulso propulsivo" propondo algumas atividades onde houvesse sua descarga: trabalhos manuais, jogos e algumas tarefas que exigissem alguma imaginação. Entretanto, a Escola Tradicional sempre temeu que atividades manuais não levassem o homem a atividades espirituais, onde ela sempre pretendeu conduzi-lo. Desprezou por isso as atividades manuais pois considerou "o espírito como uma entidade que pode ser exaltada por meios especificamente intelectuais". Para Freinet⁵, a origem desta separação é de "tradição religiosa", onde o corpo é considerado inferior e a alma supe-

3. idem, O método natural, v. 1, p. 53.
 4. ibidem, p. 167.
 5. idem, A educação pelo trabalho, v. 2, p. 155, 156.

rior. Assim, estabeleceu-se a separação entre o trabalho e o pensamento. Em consequência, as atividades ligadas a um ou a outro também ficaram separadas, e ao trabalhador foi legado o desespero de não encontrar mais "esperança de se elevar alguma vez".

Segundo Freinet, a "Escolástica" impõe de cima para baixo o pensamento inteligente e lógico, atrapalhando o desenvolvimento natural do pensamento. As atividades físicas, para esta Escola, prenderiam o ser humano nas suas características inferiores, sendo pois necessário chamá-lo através da "graça, da fé, inteligência ou razão", para subir acima da "humana condição". Assim, os adeptos desta Escola bloqueiam a "ascese natural" que Freinet⁶ defende, cabendo à Escola Moderna desobstruir o caminho, para que o processo ocorra naturalmente.

Freinet lembra que os elementos geográficos ensinados às crianças só são compreendidos quando comparados com alguma experiência do aprendiz. Ao receber estes dados e tendo alguma experiência para servir de ancoradouro, é que haverá a verdadeira compreensão. Nas escolas tradicionais esse fator, na concepção de Freinet, não é levado em conta e se observa uma quantidade de palavras, falando de coisas que a criança desconhece e consequentemente não apreende.

Com relação à História, a escola tradicional não leva em conta que esta aprendizagem pede como pré-requisito a "noção de tempo e de duração" e que tais noções só podem ser dominadas através da própria experiência. Assim, novamente ouvem-se palavras e mais palavras, sem sentido para a vida real da criança. Para Freinet⁷, as noções transmitidas por palavras são "inúteis e perigosas".

Para Cálculo e Ciências, a crítica é a mesma e a proposta de Freinet é a experiência. Ao invés de lições de Ciências, Freinet⁸ propõe a "medição dos fenômenos da natureza com toda a sua amplitude". A Aritmética com lições deverá ser substituída pela "aritmética corrente" que é a da vida familiar e social. A técnica de utilização de fichas, na dosagem das dificuldades na aritmética, é proposta por Freinet e desenvolvida por seus seguidores. Inicialmente as crianças resolvem problemas da vida e posteriormente, através das fichas, os problemas imaginados, mas

6. *ibidem*, p. 157.

7. *idem*, O método natural, v. 2, p. 181.

8. *ibidem*, p. 134.

parecidos com os da vida. As informações para elaboração dessas fichas deverão ser trazidas pelas crianças, que desenvolverão a capacidade de questionar os pais e a comunidade, trazendo dados para a escola. Estes dados serão problematizados e resolvidos, a criança irá compreendendo "as bases sociais da aritmética escolar" e percebendo através de problemas abstratos a "viver realidade"⁹. Para Freinet¹⁰ a escola não tem tido influência na formação do verdadeiro homem que ela se propõe a formar, pois nos bancos escolares aprendem problemas complicados "sobre venda ou mistura de vinhos" e quando se defrontam com problemas simples da vida prática não sabem como resolvê-los. A escola não lhes ensinou. Formou alunos e não homens. Freinet concluiu que o sistema tradicional de ensino realiza um expediente anormal pois parte da intelectualidade, usando dados da ciência abstrata, citando teorias, para que os alunos cheguem, se conseguirem, à prática. O expediente normal segundo Freinet, é exatamente o caminho contrário, ou seja, partindo da prática, através das experiências próprias da vida e do meio da criança, propiciar sua chegada à lei, à teoria, à ciência. Restabelecer o caminho normal do conhecimento é a proposta de Freinet, através do uso de suas técnicas.

Com relação à Moral ensinada pela Escola Tradicional, Freinet destaca sua finalidade dentro do meio escolar, que é "consolidar e justificar as práticas escolásticas de obediência passiva e de instrução dogmática"¹¹. Num clima pedagogicamente favorável, onde o ensino da moral se faça através da cooperação que se estabeleça entre os alunos, nas realizações de trabalhos onde o professor atue colaborando, enfim onde as relações sociais e humanas sejam reconsideradas, a vivência comum nestas organizações trará conceitos morais de respeito e cooperação profundos e não superficiais como os da Escola Tradicional, onde a moral verbal não tem qualquer influência no comportamento das crianças.

Freinet observa que na sociedade moderna o "trabalho-jogo", que é o trabalho que envolve todo o ser, foi substituído por tarefas obrigatórias. Esta subjugação traz, segundo Freinet¹², como consequência, a "esquiva" ou a preguiça. Assim, para

9. ibidem, p. 190.
 10. ibidem, p. 297.
 11. ibidem, p. 39, 40.
 12. idem, A educação pelo trabalho, v. 2., p. 148.

manter o mínimo de equilíbrio indispensável à vida social, a civilização atual desenvolveu atividades de "descontração compensadora" ou de lazer. Freinet afirma que quando os membros de sociedades anteriores desenvolviam "trabalhos-jogos", onde todos se integravam, no intuito de realizarem o bem comum e satisfação das necessidades coletivas, as atividades complementares eram reservadas "à concentração e cultura". Freinet critica o trabalho da sociedade atual, que gera insatisfação, desde o trabalho escolar até o social.

A Escola Tradicional buscou unificar seus alunos. Todos artificialmente unidos, em torno de atividades desinteressantes. Freinet¹³ sugere aos professores que verifiquem, 20 anos após seus alunos deixarem a escola, os diferentes caminhos que seguiram aqueles que caminharam juntos na escola. A função da escola seria orientá-los "com um máximo de recursos e de possibilidades no dédalo de atividades sociais". Não fazendo assim, os alunos, ao saírem da escola, se livram da "capa de ilusões e de mentiras" que seus professores lhes passaram no desejo de protegê-los.

Com relação à aprendizagem da escrita e da leitura, Freinet observou que as crianças alfabetizadas sob os métodos tradicionais, são ágeis em ajustar "peças separadas de que lhes ensinaram o manejo"¹⁴ e são capazes de ler corretamente palavras ou frases que lhes são apresentadas. Trata-se de decifração, mas não sabem traduzir em pensamento aquilo que ajuntaram ou montaram, não sabem harmonizar esta leitura com pensamentos, portanto não sabem ler. Freinet aponta, como consequência de erro de metodologia a que foi submetida, aquela criança que lê perfeitamente, conseguindo até o tom de voz que "valoriza o sentido e a sensibilidade"¹⁵ das palavras do texto e que, mesmo aparentando compreensão, não entende nada daquilo que lê. A metodologia certa levaria à leitura correta e à percepção, compreensão e sensibilidade à medida que fosse sendo feita. Os métodos tradicionais passam para a mecanização antes das palavras ou frases serem submetidas à sensibilidade das crianças. Trata-se de uma inversão ao procedimento do Método Natural. A criança, submetida aos métodos tradicionais, procede à fonetização mecânica dos sinais gráficos. Lê palavras que desconhece e são mais valorizadas quanto mais dominam esta técnica. Para Freinet, trata-se de um "exer

13. idem, O método Natural, v. 1, p. 169.

14. ibidem, p. 51.

15. idem, O método natural, v. 3, p. 16.

cício estéril de fonetização"¹⁶ de sinais impressos em livros ou manuscritos. Critica também os métodos que se dizem globais e que utilizam a leitura global para iniciar a criança na leitura de palavras que lhe são desconhecidas. O fato desta técnica estar mais de acordo com a percepção infantil do que a análise, fica reduzido, a partir do momento em que as frases nas quais a criança aprenderá a dominar a leitura são compostas por palavras cujo sentido e valor ela desconhece.

Freinet critica a escola comum, considerando a pobreza de seu material e do seu método. Para ele, o professor mais preocupado desta escola é o responsável pela escrita e leitura que não vê a hora que seus alunos dominem estas aquisições para poder depois trabalhar como todos os outros professores da escola: marcando deveres para casa, mandando seus alunos recitarem lições, fazerem cópias etc.... A escola comum não soube provocar a necessidade de aquisição da linguagem escrita. Tal necessidade se faz presente a partir do momento em que a criança percebe a insuficiência de suas formas de expressão: gesto e fala, para atingir seus objetivos, seus desejos. Por não ter apelado para esta motivação, os métodos tradicionais utilizaram jogos e imposições, tornando a aprendizagem da escrita desprovida de qualquer utilidade ou prazer. Freinet se refere à sociedade antiga, onde o homem não estava em condições de se corresponder com outras comunidades, e quando era absolutamente necessário, ele se deslocava indo levar pessoalmente sua mensagem. Em seguida, faz um paralelo com a sociedade moderna onde os meios de comunicação auxiliados pela ciência moderna levam mensagens para todo o mundo através do telégrafo, fotografia, telefone, correios, tipografia, cinema, rádio etc.... A escola permaneceu fechada como se estivesse na sociedade antiga, e assim a motivação para a escrita permaneceu a mesma daquela sociedade.

O método tradicional através de lições sistemáticas, deveres de casa, leitura obrigatória, cópias impostas, jogos, consegue mesmo antes dos 6 anos colocar na criança rudimentos de leitura e de escrita. Entretanto, Freinet alerta para esta corrida, onde o ponto de chegada é importante e mais importante ainda é "o estado da criança nessa chegada"¹⁷. Freinet contradiz a tradição pedagógica e afirma que a leitura e a escrita não são "inteiramente indispensáveis"¹⁸ ao processo de desenvolvimento

16. idem, O método natural, v. 1, p. 135.

17. ibidem, p. 119.

18. ibidem, p. 120.

do aluno, podendo se tornar prejudiciais dependendo dos fatores envolvidos nestas aquisições. Pode-se falar em castigos e imposições cujas conseqüências são conhecidas, e ainda de aprendizagem ou aquisições superficiais que, não assimiladas integralmente, podem aparentar segurança e auto-suficiência e na verdade serem apenas fictícias.

Com relação à escrita, Freinet¹⁹ afirma que o ritmo na aquisição de novas palavras, bem como da sua correta ortografia, é diferente se compararmos o método tradicional com o método natural. Freinet destaca que existe, entre os dois processos, uma "diferença de natureza". O primeiro está preso à forma "a expensas do fundo", e o segundo está estritamente ligado à "forma de enriquecimento individual" e de "aumento de poder e da vida" que são realmente seu objetivo fundamental.

Freinet critica as correções que são feitas nos textos livres infantis, pois o pensamento é rápido e a escrita deve estar acompanhando-o. Ora, se a criança estiver presa a detalhes ortográficos ou sintáticos, terá o seu pensamento interrompido e logo a satisfação na sua criação e expressão também bloqueada. As escolas tradicionais bloqueiam a criatividade da criança quando corrigem falhas na escrita, tanto quanto o encanto ou graça de uma estória contada podem ser cortados se o orador é interrompido para ser corrigido na sua forma de expressão.

A escola tradicional ensina e faz inúmeros exercícios de gramática e, no entanto, Freinet lembra que quando somos assaltados por dúvidas resolvêmo-las na base da intuição escrevendo-as de diferentes formas. Pode-se ainda utilizar um dicionário, mas Freinet afirma que para a sintaxe não há regras e as dúvidas são resolvidas com "a sensação intuitiva de harmonia"²⁰ e não com as regras e suas exceções. Mesmo não conhecendo gramática, não fazendo exercícios de memorização e cópias, não repetindo palavras corrigidas pelo professor, a criança que aprendeu a escrever pelo método natural faz poucos erros. Para Freinet, pode-se falar sem conhecer as regras de eloqüência e se pode escrever desconhecendo regras de sintaxe. O texto livre é a forma de levar a criança a escrever e a gramática virá auxiliar a escrita, no intuito de torná-la mais clara e elegante. Freinet critica as "chinesices gramaticais"²¹ com as quais os professores enchem a

19. *ibidem*, p. 140.

20. *ibidem*, p. 159.

21. *ibidem*, p. 200.

cabeça de seus alunos. Propõe o caminho inverso, ou seja, iniciar a escrita como forma de expressão do pensamento, devendo ser desenvolvida ao máximo, atendendo à necessidade infantil de comunicação e depois a gramática.

Freinet critica os métodos tradicionais de ensino da escrita que partem mecanicamente da sílaba ou da palavra. As sílabas e letras são desprovidas de sentido para a criança e as palavras com sentido não têm sentido para ela se lhes são impostas através de textos fabricados pelos adultos. A criança aprende a usar tais palavras para montar frases, e como não tem sentido o que escreve, não se esmera para escrever corretamente e se fazer compreender através da linguagem escrita. Estes erros assim são inscritos "nas técnicas de vida do indivíduo"²² podendo ser carregados pelo resto de suas vidas.

Segundo Freinet²³, as crianças saídas da "escolástica" não serão capazes de compreender e "comentar um artigo de jornal". Serão incapazes de "escrever uma carta", fazer uso da palavra numa reunião ou ainda de "redigir um relatório". Estas crianças são fruto de uma metodologia errada, pois mesmo conhecendo com perfeição regras de gramática, não conseguem criar "um mínimo textozinho com marca"²⁴ da própria personalidade. A aprendizagem de redação de cartas, no entanto, está presente nas escolas de 1º grau do ensino brasileiro. O método de ensino utilizado para isso, ao lado do despreparo dos professores para levar a criança a fazer uso da escrita como forma de expressão do pensamento, transformam essa atividade que seria rica numa panacéia. (Anexo 2).

22. idem, O método natural, v. 3, p. 118.
23. ibidem, p. 298.
24. ibidem, p. 16.

CAPÍTULO III

PRINCIPAIS ASPECTOS DA EDUCAÇÃO DE FREINET

1. Educação através de Tentativas Experimentais

Para Freinet, todas aquisições que a criança faz em seu desenvolvimento estão fundamentadas no desejo de aperfeiçoamento e de progresso. Assim, na aprendizagem do andar, a criança não estaciona quando engatinha, assim que domina esta forma de locomover-se, prontamente se arroja em novas experiências, no sentido de ficar de pés no chão, agarrando-se ao que o meio lhe oferece como recurso. Também na aprendizagem do falar, a necessidade de perfeição a faz ir sempre em frente, não se contentando com suas aquisições primárias, buscando sempre aprimoramento. No domínio da expressão gráfica, através do método natural, partindo do desenho até chegar à escrita, a mesma necessidade de perfeição se faz presente, fazendo a criança melhorar, imitar, tentar repetir, descobrir formas de ascender e progredir.

A tentativa experimental é o eixo em torno do qual giram todas as aquisições infantis. Entretanto, ela tem dependência com as condições fisiológicas e psicológicas da criança. Quanto mais saudáveis e equilibradas forem as crianças, mais tentativas experimentais estarão realizando em seu meio familiar, social, escolar e físico. Conseqüentemente, maior e mais rápido domínio estarão adquirindo com relação aos vários campos de conhecimento. No meio escolar, cabe ao professor favorecer e organizar o meio de forma tal que permita a tentativa experimental. Para Freinet, a inteligência é exatamente a faculdade de recordar "experiências tentadas"¹, comparar resultados, apropriar-se de ex-

1. idem, O método natural, v. 1, p. 179.

periências de outros, para cada vez mais e mais rapidamente satisfazer a própria necessidade de perfeição e progresso.

A tentativa experimental acontece graças a "um princípio de vida" que leva o ser humano a crescer, melhorar sempre, galgar degraus mais altos em seu desenvolvimento "a fim de adquirir um máximo de poder sobre o meio que o rodeia. Um outro fator, que influi para que ocorram as tentativas experimentais, é a "lei de ressonância", que existe no ser humano e o leva a integrar-se harmonizando seu individual com o coletivo. Isso ocorre naturalmente e daí o esforço da criança "que quer crescer em poder" para posicionar "seus gestos e os seus gritos em uníssono com o comportamento e as palavras do seu meio ambiente". Das tentativas experimentais e das combinações conseguidas, os êxitos são repetidos e se transformam em "regras de vida", que são a "sistematização dos triunfos diminuindo as falsas manobras"².

O processo de aquisição da criança, segundo Freinet, se faz através de repetição das experiências bem sucedidas, que se integram em hábitos de vida, e abandono das tentativas mal sucedidas. A capacidade de apropriação das experiências bem sucedidas e adaptação destas às novas situações que apareçam caracterizam as crianças de aprendizagem rápida. Freinet chama esta capacidade de "permeabilidade à experiência"³ e define os alunos de aprendizagem lenta como aqueles que precisam de um maior número de repetições das experiências bem sucedidas para transformá-las em hábitos e depois em técnicas de vida.

O processo de aquisição infantil poderá ser acelerado desde que o meio favoreça oferecendo modelos, estimulando experiências pessoais, orientando na formação de regras de vida.

2. Necessidade de Comunicação e Expressão

Através da linguagem oral, a criança satisfaz sua necessidade de expressão. A escola deve favorecer seu desenvolvimento, sem contudo distanciar-se da vida, evitando o linguajar requintado do professor que atuaria a nível de imposição de uma nova linguagem diferente de seu meio de origem. Como consequência, a criança poderia sentir vergonha de sua origem, de sua linguagem, de seus pais e de sua classe social. A escola deve desenvolver a linguagem, tomando o cuidado para não cair neste

2. *ibidem*, p. 42-43.

3. *idem*, O método natural, v. 3, p. 44.

perigo.

A linguagem escrita tem início através do desenho. É pelo desenho que a criança dá seus primeiros passos rumo ao domínio da expressão escrita. Trata-se evidentemente do começo, do princípio dela e não do que nós achamos que deva ser. A escola deve permitir que a criança crie, ajudando-a a desenvolver sua potencialidade, através de triunfos que serão exaltados, para que cada vez mais ela se veja estimulada a subir, a progredir, a aperfeiçoar-se. Deve oferecer à criança um meio que propicie o desenvolvimento do desenho através de: giz, quadro-negro, papel, lápis de cor, pincéis, tintas, aparelho de policópia, limógrafo, linogravura. Estes aparelhos que tiram cópia em série dos desenhos servem para que a criança execute ela mesma a reprodução instantânea de uma criação, cujo autor se sente honrado, vendo seu desenho difundido e distribuído por todos os colegas da classe. Cada desenho reproduzido que a criança recebe deverá ser colorido para que assuma alguma característica de quem o recebeu, e possa ser recriado. Todos os desenhos reproduzidos podem ser encadernados de forma móvel para que sempre lhes possam anexar novos desenhos, ficando cada criança com o seu "verdadeiro livro"⁴ contendo obras próprias e de seus colegas de classe. Podem ainda ser enviados a seus correspondentes, atividade esta altamente motivadora.

A escola Freinet evita escrever por escrever. Inicialmente, quando a criança não domina os sinais gráficos, as cartas para seus correspondentes são ditadas e ela vivencia a experiência pensar e escrever com ajuda de um secretário que sabe utilizar o código escrito (professor, estagiários etc.). Depois, quando demonstra interesse já em escrever nomes próprios: o seu próprio, de seus colegas, de seus familiares, a professora contribui para o processo dessa aprendizagem. Escreve esses nomes no quadro, imprime com ajuda das crianças e os transcreve em fichas para serem copiados pelos alunos. Entretanto, tomando cuidado para que isso não se converta num fim em si mesmo, é feita pelo menos uma vez por dia a atividade de transcrição manuscrita dos pensamentos das crianças, de seus sentimentos ou de palavras que eventualmente surjam na vida da classe. É importante observar que tais transcrições de pensamento-grafismo também não devem ser feitas sem uma finalidade, um porquê objetivo, que deverá ser a difusão do pensamento para fora das paredes da escola. Fo-

4. idem, O método natural, v. 1, p. 169.

ra isso, mesmo expressando pensamento, se escrevessem por escrever, essa atividade se tornaria desestimulante e poderia degenerar em obrigação"⁵.

3. A Imprensa Escolar

Freinet, colocando a imprensa na sala de aula, consegue, além da atividade física e intelectual da criança, despertar o interesse das crianças por várias disciplinas, pois os textos livres tratam dos mais diferentes assuntos. Mas, é importante destacar que além disso, através da Imprensa Escolar, Freinet conseguiu a forma de detectar a "personalidade psicológica e humana da criança"⁶ na sua ligação com o meio social. O texto livre que fundamenta a impressão, é principalmente um documento social e psicológico. A ação da criança no meio, e desta sobre ela, é expressa num texto livre. O professor, através dele, chegará à constatação de que se o meio é desfavorável, prejudica a criança e não conseguirá ficar alheio à necessidade de agir no intuito de modificar este meio.

Em suas publicações a respeito dos cuidados quanto à utilização da imprensa escolar, Freinet⁷ aponta duas posições contrárias, em sua utilização. Por um lado, a "extrema esquerda do movimento pedagógico" que tinha uma concepção "anárquica da educação" (1929), pensou na utilização da imprensa na escola como forma de concretização de uma educação livre onde os alunos, sem imposição do adulto, fariam pessoalmente sua auto-educação, imprimindo seus manuais etc.... Esta "organização quimérica", desvinculada do mundo real, segundo Freinet, não traria resultados positivos, exceto alguns dados psicológicos que poderiam ser observados nas crianças, fazendo sua própria educação sem controle de adultos. O hiato entre a escola e a vida seria os resultados dessa forma de utilização da imprensa escolar. Por outro lado, os "pedagogos profissionais" pensaram na utilização dessa técnica de ensino de forma a não alterar as tradições escolásticas. A impressão viria auxiliar a "acumulação de conhecimentos" tão combatida por Freinet. Serviria para impressão de "resumos de lições e de quadros sinóticos", cabendo até a impressão de textos de adultos para a leitura, substituindo o ma-

5. *ibidem*, p. 171.

6. Élise Freinet, Nascimento de uma pedagogia popular, p. 45.

7. *ibidem*, p. 110, 111.

nual comprado. Segundo Freinet, essa utilização só manteria o interesse dos alunos inicialmente, por ser novidade, para em seguida tornar-se uma atividade cansativa com "caráter de obrigação inútil".

Com relação à Tipografia na Escola, Freinet⁸ coloca seu "fundamento psicológico e pedagógico" como condição de êxito: "a expressão e a vida infantis". A criança, ao manifestar seu pensamento e vida, terá a satisfação de ser lida e estará incansavelmente engajada nessa atividade. O texto livre desvendará o interior das crianças e trará à luz suas condições familiares e sociais.

Através da tipografia na escola, percebe-se grande entusiasmo para as atividades a ela relacionadas. O aluno, engajado em sua atividade, não precisa mais ser punido nem estimulado com notas e prêmio. Realiza um trabalho cuidadoso e criativo altamente interessado. Gradualmente, a expressão da criança vai sendo aperfeiçoada. Desde as simples palavras a pensamentos mais complexos, tudo deve "passar sem perigo para o impresso"⁹. Cabe ao professor auxiliar a transcrição correta do texto, para que ele ganhe a forma perfeita, culminando com a impressão. A criança vivencia, desde a saída do pensamento, por intermédio de sua boca, até a magnífica impressão no papel, que poderá ser enviada ou formar o seu livro de classe. A criança, através desta técnica, é estimulada a pensar, a expressar seu pensamento, a escrevê-lo sem nenhuma imposição. O impresso, saído da prensa, que a criança acabou de compor, fica definitivamente gravado em sua memória. É como se fosse interiorizada a fotografia da frase ou da palavra que compôs. Sempre que esta frase ou esta palavra aparecer num impresso, ela a reconhecerá sabendo o que ela significa. Eis a leitura global ideal, meta do Método Natural proposto por Freinet.

Segundo Freinet, nas escolas onde se utilizam livros feitos pelos adultos, é o livro que provoca o interesse dos alunos. Essa motivação não sendo natural e espontânea, logo cede lugar ao desinteresse. Para Freinet, trata-se de um erro, mas não dispensa os livros de sua sala de aula que deverão servir para satisfazer e aprofundar o interesse da criança.

As escolas deverão ter, para Freinet, sua própria biblioteca, com livros e fichero elaborados pelas próprias crianças.

8. *ibidem*, p. 111, 154.

9. Célestin Freinet, *O método natural*, v. 1, p. 205-206.

O Fichero Escolar seria a organização das pesquisas empreendidas pelos alunos, de forma a auxiliar todas as crianças da classe, quando houvesse necessidade. Na medida em que é utilizado, graças ao interesse dominante que surja, é enriquecido, aperfeiçoado e pode se transformar em livros a serem impressos na sala de aula. E assim estaria se formando a Biblioteca do Trabalho, formada por livros, resultados de pesquisas, além do Fichero Escolar, recurso auxiliar prático e aperfeiçoável.

A Biblioteca da classe, para Freinet, composta apenas de livros impressos pelos adultos confunde a criança. O livro é difícil de manusear, de compreender, estando escrito numa linguagem de difícil entendimento para a criança. Resolvendo esta problemática, também fará parte da Biblioteca da classe o Fichero Escolar que trará um "elemento de estudo simples e funcional"¹⁰.

4. As Técnicas e o Professor

Segundo Freinet, sua experiência prática, de uso da imprensa escolar, veio comprovar que esta técnica funciona independente das qualidades pessoais do educador. Para tanto, valeu-se da observação em diferentes escolas, com diferentes educadores, e concluiu a independência da técnica com relação a quem a utiliza. Se esse fato não ocorresse, a eficiência da técnica poderia ser escamoteada, ficando o interesse e dinamismo dos alunos relacionados ao encanto pessoal do educador.

Para Freinet, o papel do professor, ao utilizar a impressão escolar, será o de colocar-se a serviço das crianças, descendo do seu pedestal e abandonando o "estilo papagueado e erudito"¹¹. Freinet conclama o professor a relacionar-se com a criança com "humanidade justa"¹². Além de acabar com a opressão, o professor deverá tratar a criança pelo menos como ao adulto, ou seja, com respeito e indulgência. Através de suas técnicas, Freinet levanta a possibilidade do professor tornar-se mais interessado em seu trabalho, organizando a atividade dos alunos ao invés de empregar seu tempo controlando, desconfiando e oprimindo a classe. Freinet¹³ deseja auxiliar o professor a "desembaraçar-se do autoritarismo capitalista", pondo-se a serviço

10. Élise Freinet, Nascimento de uma pedagogia popular, p. 123.

11. ibidem, p. 114.

12. ibidem, p. 137.

13. ibidem, p. 171, 273.

das crianças do povo e libertando-se da rotina pedagógica "debilitante" a que se entrega. O professor, independente de suas convicções políticas, deverá ser um homem capaz de "analisar corretamente, numa síntese viva", o contexto social onde está inserido e, a partir daí, ser capaz de reconhecer "os verdadeiros inimigos da escola proletária" e da nova pedagogia. Deverá ainda ser capaz de se opor ao "regime antieducativo" a que estamos submetidos e ser agente na construção de uma nova sociedade.

Freinet faz uma colocação sobre a tarefa do semeador que antes de tudo deve ser um lavrador e compara seu trabalho ao do professor. Para ele, o educador consciente também deverá preparar um terreno favorável para seu trabalho pedagógico, através de participação social, lutando nas organizações sindicais e políticas. Ele deverá saber, tanto quanto o lavrador, que se não houver terra preparada, a semente será devorada pelas ervas daninhas. Assim, além de organizar o meio escolar de modo a permitir o desenvolvimento da criança através de tentativa experimental, o professor deverá atuar junto à família e à comunidade, para que, se necessário, seja melhorada a situação da criança a nível material, moral ou psiquicamente.

Para Freinet¹⁴, o professor deverá sempre estar atento e investir o maior esforço, com relação a "essa tendência do ser para a potência". Cabe ao professor elevar "ao máximo" o "influxo vital" de seus alunos, o desejo de subirem, a "força propulsiva" para "criação e para a ação". A "pressão educativa" poderá ser controlada observando o "ímpeto propulsivo" do aluno. Caso o impulso esteja a descer, é necessário atendimento urgente. Todo o resto será inútil, se não houver a força inicial, que deverá estar em primeiro lugar nas preocupações do professor.

Freinet¹⁵ faz a distinção entre método e técnicas. Para ele, a palavra método em educação quer dizer um sistema baseado em "elementos sólidos e cientificamente comprovados e coordenados de um modo perfeitamente lógico". No entanto, para Freinet, a ciência pedagógica iniciando seus primeiros passos não pode ainda ter seus ensaios enquadrados dentro dessa definição de método, sendo portanto inadequado o termo método para os métodos até então existentes. Para Freinet, não é impossível criar um método científico para ensinar a criança a ler, no entanto este método

14. Célestin Freinet, A educação pelo trabalho, v. 2, p. 165.

15. Élise Freinet, Nascimento de uma pedagogia popular, p. 100-103.

será conseqüência do desenvolvimento da Pedagogia a desvelar "to dos os segredos do dinamismo infantil". A palavra método designará então um plano geral cientificamente comprovado e indicará o rumo a ser seguido pelas várias técnicas de ensino. Para Freinet, a simples determinação de objetivos e de centros em torno dos quais se desenvolverão as atividades educativas tem recebido a denominação apressada de Métodos. Para ele, estas concepções não são métodos e sim "simples orientação ideológica". Tais orientações poderão tornar-se métodos através de estudos e uso das técnicas que lhes são subjacentes e que deverão estar sujeitas a modificações, aperfeiçoamentos etc.... O laboratório para este progresso é a própria escola. Freinet relata que usou e aprimorou suas técnicas por mais de 40 anos. Só após resultados concludentes é que escreveu sistematizando o Método Natural.

O Sr. Duthil, professor da Escola Normal em Nancy, aderindo ao grupo de Tipografia na Escola, liderado por Freinet, em 1929, manifestou numa carta dirigida àquele professor primário seu entusiasmo com a distinção entre métodos e técnicas na educação, que ele apregoava. Segundo Duthil, interpretando as colocações de Freinet, as técnicas são "processos que foram descobertos para satisfazer as múltiplas necessidades da criança"¹⁶. A técnica de ortografia, por exemplo, viria auxiliar a criança em sua necessidade de expressão de pensamento. A realização aperfeiçoada da aplicação e utilização da técnica é que constituirá o método. Para Duthil, Freinet havia descoberto algumas técnicas e estaria então, a partir daí, elaborando o seu método.

Freinet lutou pela difusão e utilização de suas técnicas, para que fossem se aperfeiçoando com a prática. Para tanto, defendia o pensamento que essa tarefa seria feita pelos professores primários, por estarem dentro do processo educativo e lutarem diariamente, sem cessar, com a angustiante realidade da escola popular. Sem querer ofender aos professores do ensino médio e superior, nem menosprezar contribuições de pesquisa de filósofos, psicólogos e pedagogos, Célestin Freinet colocou a tarefa de "libertação da educação popular"¹⁷ na mão dos professores primários.

Com relação à utilização das técnicas propostas por Freinet, pelos professores primários já habituados à forma tradicional de ensinar, Freinet acha que estes professores só utilizarão

16. ibidem, p. 108.

17. ibidem, p. 105.

suas técnicas quando "o material educativo estiver definitivamente adaptado"¹⁸. Para ele, a importância de seu trabalho só será reconhecida e as técnicas adotadas quando também o movimento educativo liderado por ele puder oferecer as condições materiais que possibilitem sua utilização. Os adeptos de seu pensamento, nos anos iniciais de utilização da Imprensa Escolar, dedicaram tempo e gastos a pesquisar pacientemente a forma de aprimorar o material e a técnica para impressão. Pichot (Eure-et-Loir) estudou o mobiliário escolar, Roulin (Sarthe) estudou os processos de ilustração, Bouscarrut (Gironde) e Gourdin (Ardennes) pesquisaram como fazer impresso sem manchas e como controlar os componedores no espelho (1929).

Freinet¹⁹ acha que o "palavreado pedagógico" na luta para a concretização de seu pensamento a respeito da educação é inútil. Para as escolas populares, Freinet acha bem mais convincente, para suas adesões ao movimento empreendido por ele a "concretização dos instrumentos necessários ao trabalho escolar" ao lado do aperfeiçoamento de suas técnicas.

Em 1 de novembro de 1938, Freinet publicou um artigo no jornal "L'Éducateur Prolétarien", onde faz colocações a respeito da "introdução metódica"²⁰ que deve caracterizar o uso de suas técnicas pelos novos adeptos e simpatizantes. Para ele, não deveriam ser introduzidas de modo brusco e sim gradualmente. O manual escolar ou o livro didático não deverá ser suprimido imediatamente, pois na falta de outro material e mesmo de prática no uso de suas técnicas haveria o risco de trazer desordem, com prejuízo tanto à criança como às próprias técnicas e ao próprio movimento pedagógico por ele proposto. Ele sugere a prática da Tipografia na Escola, paralela ao uso dos manuais, enriquecimento do Ficheiro Escolar gradualmente, ao ponto de se chegar concretamente, pela prática, à desvalorização dos manuais feitos pelos adultos. Para Freinet, não deverá o professor "deitar abaixo sem ter construído antes"²¹.

18. ibidem, p. 116.

19. ibidem, p. 176.

20. ibidem, p. 393.

21. ibidem, p. 394.

CAPÍTULO IV

O MÉTODO NATURAL DE FREINET

1. Aprendizagem da Escrita e da Leitura

Para Freinet¹, a aprendizagem da escrita e da leitura é a segunda etapa do aprendizado da língua, sendo o nível de dificuldade enfrentado para a aquisição de um, semelhante para o outro. Quando a criança aprende a falar, há um esforço no sentido de "ajustar os movimentos subtis da língua e dos lábios à expressão de um pensamento impalpável". Este esforço para falar equivale ao para escrever, pois então a criança deverá "habituar a mão a traçar na folha os sinais que não são mais que a transcrição material de um pensamento expresso pela linguagem". O método pelo qual as mães de diferentes lugares e níveis sociais ensinam seus filhos a língua materna é o mesmo. Freinet o chama de "Método Natural que triunfa em cem por cento na aquisição da linguagem", sendo portanto indicado no segundo passo de expressão: a escrita.

O processo natural para o aprendizado da língua ocorre por tentativas experimentais, que através das experiências vai se articulando, evoluindo, aprimorando, chegando à linguagem. A escrita, para Freinet², é um "utensílio necessário" para exprimir pensamento, tal qual a "palavra oral". No Método Natural, a passagem da palavra oral para a palavra escrita se faz naturalmente, sendo inicialmente incoerente e de entendimento difícil tal qual a linguagem oral em seu início.

Para Freinet³, a percepção da criança é globalizante,

1. Célestin Freinet, O método natural, v. 1, p. 45.

2. idem, O método natural, v. 3, p. 101.

3. idem, O método natural, v. 1, p. 47, 49.

ela vê o todo antes de distinguir as partes, sendo o estudo "particular do pormenor" uma "segunda etapa do conhecimento". Estes aspectos são descobertas da Psicologia e da Pedagogia, desde os "trabalhos do Dr. Decroly", sendo a importância da globalização reconhecida oficialmente. O ensino da escrita e da leitura deverá portanto realizar-se "a partir não do elemento constitutivo, mas do conjunto do complexo de que nem sempre é necessário distinguir os elementos". Através do Método Natural, a criança fará tentativas de expressão escrita e leitura, de forma global e viva e não terá sua atenção atraída para aspectos técnicos destes exercícios, que sendo pormenores, poderiam fazer-lhe perder a espontaneidade natural, tão necessária nos níveis iniciais de aprendizagem. O ensino da gramática e ortografia deverão ficar para uma fase de aprofundamento, não sendo condição "sine qua non da aprendizagem da expressão escrita".

A gradação de dificuldades dentro do Método Natural não é concebida como na escola tradicional: do mais simples para o mais complexo. Ao contrário, às vezes não se parte do elemento simples, indo direto ao "complexo vivo da palavra e da frase"⁴ estando a gradação mais à medida das necessidades da criança e suas possibilidades fisiológicas e técnicas do que à arbitrariedade utilizada pelos métodos tradicionais.

A espontaneidade na expressão escrita, proposta pelo Método Natural, pode parecer à escola tradicional um perigo na fixação de erros gramaticais e ortográficos que poderão perdurar por toda a escolaridade. Freinet⁵ argumenta que este "marcar passo", sem empenho da criança em seu aperfeiçoamento, é "um fenómeno especificamente escolar" e que não se nota na vida, onde o desejo de progredir, melhorar, aperfeiçoar, é notório. A criança, ao aprender a engatinhar, logo está a tentar os primeiros passos e, assim que os consegue, já está a saltar, trepar e correr. A criança, ao dar os primeiros balbucios, logo está a pronunciar as primeiras palavras, para em seguida tentar as primeiras frases. Esta motivação "natural de aumentar o poder vital" é encontrada na vida, onde a criança a demonstra através de tentativas experimentais. Cabe pois à escola, de encontro com a vida, aproveitar esse desejo infantil de subir incessantemente e de aperfeiçoar experimentalmente as suas técnicas para as tornar mais eficientes. Uma "pedagogia viva e motivada" não levará a

4. ibidem, p. 50.

5. ibidem, p. 53.

criança à fixação de formas de expressão ou de ortografia erradas em relação às normas do meio.

No Método Natural, a criança lê e escreve, utilizando tentativas experimentais, mesmo desconhecendo o mecanismo da leitura e escrita. Trata-se da utilização de "vias complexas" para atingir o meio vivo, social, que penetra na sala de aula, levando-a a utilizar "o globalismo, a decomposição, ou os dois ao mesmo tempo" e assim "compreender ou adivinhar através dos sinais o pensamento". Dessa forma, a alfabetização se processará aliada ao pensamento, evitando "uma nova forma de analfabetismo", tão comum aos saídos da escola tradicional: conseguem decifrar mas não conseguem compreender o que lêem⁶.

Comparado ao método tradicional, o Método Natural pode parecer mais lento, mais demorado. Freinet⁷ faz a distinção entre leitura inteligente e leitura mecânica. A leitura inteligente é aquela que se aprende vivendo e trabalhando quase sem se dar conta do aprendizado. Aprende-se sem lição imposta, "sem o be a ba", através do meio escolar e social vivos, "refletidos" com utilização da imprensa, desenho, correspondência e pela expressão sob todas as suas formas. A leitura mecânica se resume em decifrações. As diferenças em ritmo de aprendizagem para leitura e escrita são respeitadas e Freinet assegura que com o Método Natural todas as crianças aprenderão, mais depressa ou mais devagar, a escrever e a ler, da mesma forma que na aprendizagem natural da expressão oral, alguns caminham mais rápido, outros mais lentos, mas todos aprendem a falar.

O Método Natural poderia assim se resumir: "a criança quer trabalhar", cabe à escola "tornar possível" o "trabalho-jogo" ou o trabalho atraente que ela quer realizar. A escola deverá colocar à sua disposição: campos, jardins, criação, oficinas, ferramentas, máquinas, manuais. Dentro deste dinamismo do Método Natural, o aluno será capaz de procurar, elaborar e assimilar o conhecimento que lhe seja útil. Ele o atingirá pelo seu esforço, pelo seu trabalho, e o acompanhamento nesta subida orientará os professores, na organização de um material complementar ao que já esteja presente nas atividades⁸. Dessa forma, diferentes interesses se desenvolverão paralela e concomitantemente, havendo assim unidade na sala de aula, na medida em que todos trabalham

6. ibidem, p. 55.

7. ibidem, p. 57.

8. idem, Educação pelo trabalho, v. 2, p. 163-171.

em grupos diversificadamente, o que contrasta com a unificação artificial das Escolas tradicionais.

Freinet chama seu método de ensinar a escrever de método natural de aprendizagem da língua escrita, pois se apóia e cultiva a curiosidade natural da criança. Estimula seu íntimo já que envolve a afetividade infantil e se baseia em duas necessidades da vida: necessidade de expressão, feita inicialmente pelo gesto, depois pela palavra, em seguida pelo desenho e finalmente através da linguagem escrita e a necessidade de comunicação, que será satisfeita através do diálogo entre o professor e as crianças e destas entre si. Para tanto, o educador deverá saber dialogar, ou seja: escutar e falar, num clima de harmonia e respeito. Esse diálogo verbal naturalmente cederá lugar para o diálogo escrito, entre alunos, com o professor, entre classes, entre escolas, entre cidades etc. Desta forma, serão partilhados sentimentos, experiências, descobertas, enfim toda a riqueza da vida da criança.

Freinet esclarece que para a alfabetização alcançar seu objetivo, não basta que sejam utilizadas palavras que tenham significado. É necessário ainda que estas palavras estejam significando algo que tenha a ver com a vida da criança, participe de sua vida. Por exemplo, a palavra peixe tem seu significado, no entanto pode não participar da vida de uma criança que mora distante do mar e de rios. No Método Natural, a criança "ajusta as palavras à medida do sentido das frases"⁹. Assim, não é o sentido da palavra procurado para que se possa, juntando as palavras, formar frases. É feito o procedimento contrário, ou seja, a criança procura palavras que se ajustem dentro do sentido da frase. Dessa forma, estará muito engajada e procurará escrever o mais corretamente possível no intuito de expressar seu pensamento. O sucesso conseguido a levará à repetição e se fixará em automatismos.

Freinet critica a escrita das primeiras palavras em escrita redonda, em contraposição à escrita corrente ou inglesa. A escrita redonda é feita usando-se os caracteres tipográficos ou os da máquina de escrever: a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v x y z. Freinet observa que tais letras, escritas nesta forma, se derivam de dois sinais: o redondo e o traço direito, ficando o meio círculo para algumas letras como c e s. Como se nota, trata-se de um traçado relativamente simples, se comparado

9. idem, O método natural, v. 3, p. 119.

à escrita corrente. Na escrita redonda, todas as palavras serão escritas através de dois elementos portanto: círculo e traço. A cópia de um texto, utilizando estes sinais, garante a legibilidade. No entanto, Freinet, em seu Método Natural, não a adota, preferindo a letra corrente, com o argumento que na "visão compreensível do texto"¹⁰, a visão global da criança não está apegada aos detalhes ou pormenores. Tal qual na distinção entre duas pessoas com as quais convive, a criança sabe reconhecer imediatamente um e outro, sem atentar aos detalhes que as diferenciam como: tamanho de nariz, forma de boca etc. Portanto, a escrita redonda, ao trabalhar com letras (partes) cujos pormenores as diferenciam umas das outras, serve às antigas formas analíticas de ensino, que Freinet condena. A escrita corrente apresenta ainda a vantagem da rapidez, pois sendo escrita sem tirar a ponta do lápis do papel é mais veloz que a redonda, onde cada letra é justaposta à outra, pois "justaposição e velocidade são antinômicas"¹¹. Tendo, portanto, a vantagem inicial da legibilidade, logo se transforma em entrave, uma vez que o pensamento é rápido e requer uma escrita rápida para ser exprimido. Com a letra redonda, o pensamento fica fragmentado pois ela exige paradas para as justaposições, desviando a atenção do aluno para a forma ao invés de fixá-la no conteúdo.

No Método Natural não existe a preocupação quanto a quais letras ou palavras a criança vai aprender a desenhar em primeiro lugar. Como parte do texto livre, a cópia do texto da lousa é muito significativa para ela, e na verdade ela fará o desenho do texto e em seguida ilustrará a página com o desenho dos personagens, passando gradualmente de sua antiga forma de expressão escrita do pensamento (o desenho) para a forma mais aperfeiçoada (a escrita com sinais). Inicialmente o desenho dos sinais é imperfeito, mas procurando seguir o modelo irá aos poucos se aperfeiçoando tal qual na aquisição da linguagem oral, a criança a partir de balbucios chega ao domínio da língua.

Através do Método Natural, a criança irá descobrindo a estrutura da linguagem escrita, sem exercícios repetitivos, sistemáticos. Através do texto livre que parte de situações vividas, a estrutura da linguagem escrita irá sendo descoberta, pois da frase chegará à palavra, desta às sílabas e finalmente às letras. Logo em seguida, da letra irá à sílaba, para formar pa-

10. ibidem, p. 103.

11. ibidem, p. 109.

lavras e finalmente frases. Esta é a sistemática do Método Natural, desenvolvendo atividades onde as crianças ora trabalham individualmente, ora em grupos, num clima de participação, cooperação e confiança. Para Freinet, neste processo a criança aprende a escrever e também a viver.

Trata-se de um método global, onde as crianças desenvolvem atividades de síntese e análise. Quando escrevem um texto, ou o ditam para que a professora o escreva no quadro negro, estão fazendo atividade global, percebendo a frase como um todo, com sentido próprio e muito próximo às suas vidas. Em seguida, para passá-lo para a tipografia, a frase precisa ser recortada em palavras e estas em letras. Na medida em que são reunidas as letras para formarem palavras que serão impressas, as crianças estão desenvolvendo atividades de síntese ao mesmo tempo que de análise. Paralelamente a esta atividade, são retiradas as palavras que mais caracterizam o texto, formando o "conjunto referencial"¹² que será afixado nas paredes da sala de aula, no lugar escolhido pelos alunos. Estas palavras ali permanecerão, servindo de apoio para novos textos que forem surgindo. Pode-se agilizar a aprendizagem mediante a criação de estórias a partir daquelas palavras. A palavra enfocada será descoberta em sílabas, podendo formar novas palavras a partir das sílabas já memorizadas.

É interessante destacar, para maior clareza, que na publicação de 1977, da Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas: "Subsídios para a implementação do Guia Curricular de Língua Portuguesa para o 1º grau - 1ª série" procede-se a uma classificação de marchas para alfabetização. O Método Natural está situado na Marcha Analítica ao lado do Método Global. Entretanto, quando Freinet afirma ser o Método Natural analítico e global, está se referindo a uma marcha de alfabetização global ideal. Para ele, o fato de se partir de frases não garante o sucesso do processo global, pois se estas não estiverem inscritas na própria vida da criança, numa experiência individual ou coletiva, terão o mesmo significado que as letras e sons sem sentido da já ultrapassada marcha sintética de alfabetização. Freinet afirma que a crítica avolumada em torno do Método Global se deveu ao não cumprimento da regra elementar que Decroly, através de investigações e experiências, já determinara: "a criança é capaz de aprender a palavra e a frase antes de

12. *ibidem*, p. 54.

distinguir os seus elementos constitutivos, mas com a condição de esta frase estar intimamente inserida no contexto de vida dos indivíduos"¹³.

Na descrição de Marcha Analítica, da publicação da Secretaria da Educação¹⁴, 1977, citada acima, inicialmente não há esta orientação e logo em seguida, após solicitar do professor a escolha do método, sugere alguns cuidados para escolha das cartilhas correspondentes aos métodos escolhidos. Apenas para os professores que optarem pela marcha mista, que executa um trabalho simultâneo de análise-síntese e síntese-análise, é sugerida a utilização de palavras-chave, não citando se estas palavras deverão ser retiradas do vocabulário da criança.

Entretanto, mais adiante, no chamado "Treino do mecanismo de análise-síntese"¹⁵, unidade II, novamente é proposto o apoio da cartilha e em seguida são colocadas algumas orientações para aqueles professores que optarem pela alfabetização sem cartilha. É recomendado que se proceda a um levantamento dos interesses dos alunos através de desenhos, conversas, estórias e assuntos do momento. Em seguida, o professor fará a seleção das palavras-chave do vocabulário da criança dando preferência para as mais curtas e formadas por sílabas simples. Estas palavras deverão ser decompostas em sílabas para formação de novas palavras junto com os alunos. Com esses dados, pode-se suspeitar que nas três marchas para alfabetização destacadas pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria da Educação de São Paulo, através de sua publicação de 1977, não há lugar onde incluir o Método Natural de Freinet sem possibilidade de engano.

O Método Natural de Freinet é analítico, porque procede à análise de orações, é global no sentido em que seus precursores lhe dão, buscando favorecer a percepção da criança que é global e capaz de aprender uma frase ou uma palavra, desde que tenha significado para sua própria vida. O método de alfabetização de Freinet ainda é misto, pois procede à análise-síntese e síntese-análise através da imprensa escolar que requer esse mecanismo por parte de quem a utiliza. As palavras-chave não são

13. Célestin Freinet & L. Balesse, A leitura pela imprensa na escola, p. 23.

14. São Paulo. Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Subsídios para implementação do guia curricular de língua portuguesa para 1º grau, 1ª série, p. 8.

15. ibidem, p. 105.

selecionadas previamente e sim no transcorrer da vida da classe, dos acontecimentos em que são envolvidos seus alunos em suas famílias ou na comunidade. Não serão selecionadas as palavras mais simples e sim aquelas que mais expressem o pensamento de quem as disse ou escreveu, mesmo que possam parecer complexas. Não se forçará a decomposição das palavras em sílabas. Isso ocorrerá naturalmente, quando, já tendo um repertório de palavras cujo sentido conhece totalmente, a criança passará a estabelecer relações, comparações... até finalmente descobrir as semelhanças e conseqüentemente as sílabas, identificando letras etc....

2. Do Desenho à Linguagem Escrita

Freinet afirma que a criança passa naturalmente dos meios de expressão e comunicação mais simples para os mais requintados. Primeiro se expressa através de gestos, depois da fala, em seguida pelo desenho para, finalmente, graças aos estímulos que especialmente o meio urbano lhe oferece, se predispõe a utilizar os sinais gráficos tal qual observa na televisão, nos jornais, nas placas etc.... Esta aprendizagem de utilização dos sinais e da sua decifração está em relação com a curiosidade e o interesse infantil de conhecer o próprio meio que a rodeia. Por tratar-se de uma pedagogia natural, a livre expressão da criança é sua base fundamental, ocupando o desenho infantil papel de destaque. O domínio do desenho é conseguido pela criança através de tentativas experimentais, sem imposição de regras e leis. Estas se desvelam ao final de um trabalho, ou durante sua confecção, e não são impostas prematuramente, pois poderiam cercear todo o processo de aquisição. Assim à criança será permitido desenhar livremente, desde os 2 ou 3 anos de idade. Seu êxito será naturalmente repetido até transformar-se em automatismo ou hábito, e as tentativas mal sucedidas abandonadas também naturalmente. Tal qual ocorre na aquisição da expressão pela palavra, a expressão através do desenho ocorre por meio de tentativas experimentais. Neste processo de aquisição, o ambiente tem valor e a criança cujo meio não favorece ao desenvolvimento do desenho, inicialmente como forma de ação e depois como forma de expressão, levará maior tempo para o seu domínio, pois experimentará menos depressa a sensação de triunfo através dessa atividade. Para Freinet, cabe ao professor analisar formas em sua sala de aula para estimular e reforçar o desenvolvimento normal do desenho na criança.

2.1. 1ª Fase: 2 anos

A expressão gráfica da criança tem início quando, imitando o adulto, quer servir-se do lápis e marcar uma folha de papel. A criança segura o lápis sem muita coordenação, mas o sucesso de conseguir um traço no papel a faz repetir o gesto e assim tem início sua expressão escrita. Os dedos aos poucos vão adquirindo habilidade na movimentação do lápis e aparecem aos poucos: o traço reto, vertical, ou a linha quebrada, ou o gesto circular, ou ainda as combinações destes traços. Aparecem ainda as figuras geométricas que se misturam aos traços. Nesta fase, a criança não planeja o que vai desenhar. Ela faz o movimento com a mão, com os dedos e os traços que lhe parecem triunfantes são reproduzidos (Anexo 3). Se ela disser que aquele desenho é uma casa e receber elogios pelo sucesso, durante um certo tempo todos seus desenhos serão "casas". A interpretação do que seja o desenho é feita a posteriori, à medida que ela percebe certa semelhança da figura feita com traços com algum objeto que faça parte do seu mundo (Anexo 4). A fase do "grafismo simples", onde existe apenas um elemento desenhado no meio de vários traços, é sucedida pela do "grafismo com dois elementos" onde a criança interpreta uma figura e após ter riscado uma segunda, no outro canto da folha, diz tratar-se de outro elemento, também relacionado ao seu mundo. Ex.: aqui é uma casa e ali é mamãe (Anexo 5). Em seguida, aperfeiçoando cada vez mais seus movimentos, traços e técnicas, a criança passa ao "grafismo de elementos múltiplos", onde aparecem os bonecos que vão se aperfeiçoando, desde simples bolas informes até desenho com vários elementos¹⁶ (Anexo 6).

Após esta fase, surge a do "grafismo com elementos justapostos" onde a criança faz o desenho de um elemento dentro do outro. Ex.: "isto é a casa com a menina à janela". Logo em seguida, desenhando outro elemento na mesma folha, ela o explica: "E isto é o menino que se vai embora porque se zangou com a menina". Nasce assim o que Freinet chama de "desenho explicativo" que, graças ao sucesso que provoca, será repetido e aperfeiçoado¹⁷. Nesse desenvolvimento não é o pensamento que comanda o ato de criação. Ao contrário, partindo da criação é que se originam e se aperfeiçoam o pensamento e a lógica da explicação (Anexo 7).

16. Célestin Freinet, O método natural, v. 1, p. 81, 83.

17. ibidem, p. 83, 85.

Em seqüência, aparece no desenho infantil a "justificação acidental" onde um erro gráfico é explicado. Um deslize no traçado ao desenhar o olho de um boneco pode receber a seguinte justificativa: "meteu um dedo no olho, tanto pior para ela" (Anexo 8). É importante destacar que nessa fase do desenvolvimento do desenho infantil, este não se apresenta como meio de expressão de pensamento nem um meio da criança falar de si mesma, pois a "técnica ainda é demasiado imperfeita" e o "instrumento falha a cada instante". Nessa fase, a expressão verbal, a mímica e o corpo são suficientes para que ela se expresse. O desenho aí é apenas uma atividade experimental, que a criança executa imitando o modelo adulto e porque consegue, a partir do nada, criar como tantas outras atividades criativas que desenvolve. Freinet ressalta que a criança com desenvolvimento normal de sua potencialidade de criação em atividades na terra, com animais, com utensílios e outros, "nem sequer pensa no desenho"¹⁸.

Os grafismos feitos nesta fase caracterizam-se pela impessoalidade. Em primeiro lugar, é interessante observar que os elementos justapostos de um desenho podem ser interpretados de diferentes maneiras, dependendo dos momentos do seu autor. Em segundo lugar, também é bom lembrar o quanto as crianças dessa fase são sugestionáveis quanto à explicação de seus desenhos. Se chegar o adulto e disser, frente ao seu desenho, onde não se consegue identificar figura humana: "O que está a fazer o teu menino?", ela prontamente passará a oferecer explicações quanto à atividade de um menino em seu desenho. Outro fato interessante é que as crianças com menos de 8 anos não conseguem "dar forma de desenho a um pensamento dado a priori". Estes aspectos comprovam que o grafismo da criança até 8 anos parece não lhe ser pessoal¹⁹.

Para Freinet, o desenho é uma "etapa indispensável"²⁰ para a aquisição da leitura e da escrita, mas nesta fase ainda não está ligado ao desejo de comunicação que mais tarde ocorrerá. Também para a leitura não existe, nesta fase, chamamento e a criança é capaz de pegar o livro ou jornal e pensando estar lendo dizer o que está no seu próprio pensamento. A criança não pode imaginar que se possa ler num papel alguma coisa diferente do próprio pensamento, pois é a forma como ela lê seus desenhos.

18. ibidem, p. 86, 91, 93.

19. ibidem, p. 92.

20. ibidem, p. 93.

Portanto, nesta 1ª fase do desenvolvimento do desenho da criança, que tem início em torno de 2 anos mais ou menos, a criança passa pelo traçado acidental, informe e automático até à diferenciação do grafismo, onde os êxitos são repetidos e as explicações são a posteriori.

2.2. 2ª Fase: 6 anos

Passando para a 2ª fase do desenvolvimento da aquisição da linguagem escrita, a criança naturalmente, após fazer o desenho, dá sua explicação a posteriori e a escreve com um movimento rápido do lápis, imitando a escrita, sem qualquer diferenciação de traços. O seu desenho agora assume uma característica nova: além do desenho surge o complemento necessário da sua explicação que é o texto manuscrito (Anexo 9). Freinet observou também que, imitando o adulto, a criança passa a fazer alguns sinais que significam sua assinatura e também outros sinais que significam importância dada a certas palavras: é o caso do grifo. A criança passa então a assinar, grifar e escrever com rabiscos seu texto (Anexo 10).

Seguindo em seu desenvolvimento, repetindo os grafismos conseguidos, nova característica para a produção da criança se faz presente: a parte escrita aparece no "próprio corpo do desenho" e não mais na parte inferior da folha com a novidade de já se notar "sinais mal diferenciados" semelhantes a algumas letras do alfabeto (Anexo 11). Aparecem sinais parecidos com a letra t e outros semelhantes a l ou e (Anexo 12). Logo em seguida, as letras o e a. Para Freinet²¹, trata-se do "alvorecer da verdadeira escrita" (Anexo 13).

2.3. 3ª Fase: 8 anos

Passando para a 3ª fase do desenvolvimento de aquisição da linguagem escrita, a criança se liberta do desenho, que segue o seu desenvolvimento particular e passa a desenvolver a escrita propriamente dita. O desenvolvimento próprio do desenho infantil, por si só já é estimulante para seu prosseguimento, principalmente por envolver cores e beleza, sendo uma criação envolvente para a criança.

Com relação à escrita, Freinet destaca que a partir des-

21. ibidem, p. 99, 101.

se momento no desenvolvimento desta aquisição, haverá necessidade de um elemento novo, para que ela se processe naturalmente. A escrita deverá ser sentida pela criança como um instrumento para expressão de seus pensamentos. E mais ainda, é necessário que ela se veja em situações tais que suas antigas formas de expressão de pensamento: gesto e fala não sejam eficientes, sentindo assim a urgência na aquisição desta nova forma de exprimir-se: a escrita. Num meio escolar onde haja trocas interescolares, tipografia na escola, jornais escolares, envio de cartas, envio de objetos, a criança poderá entrar "nesta atmosfera de comunicação à distância", sentindo a utilidade, necessidade e "razão de ser" da linguagem escrita e da leitura²². Portanto, é absolutamente indispensável que este impulso venha de dentro, para que a escrita siga seu desenvolvimento natural.

Na seqüência da aquisição da escrita, a criança começa a perceber que existem regras para esta forma de expressão e tende à imitação, interessando-se em copiar letras ou palavras de livros ou jornais. Nesse momento, ela estará interessada no texto livre redigido na sala de aula e colocado no quadro negro pela professora. Acontecem os "exercícios espontâneos"²³ onde a criança se dedica a treinar, não como obrigação mas como necessidade, visto atingir um fim desejado (Anexo 14).

Assim, paulatinamente a criança adquire um certo domínio sobre a escrita e consegue reproduzir um grande número de palavras. Este domínio é pré-requisito para que se estabeleça no pensamento da criança a relação entre o grafismo escrito (palavra) e o grafismo oral (pensamento). Partindo das palavras mais utilizadas, como o nome de seus amigos, esta relação se estabelece e o desenho surge agora com objetivo pré-determinado e não com explicações a posteriori. O desenho torna-se agora meio de expressão e a relação palavra e pensamento, estando mais determinada, vem auxiliar a criança ao exprimir-se. Nesta fase, ela é capaz de desenhar pessoas e escrever seus nomes respectivamente (Anexo 15). Em todo processo, Freinet observa que as velhas aquisições não são abandonadas enquanto as novas não estejam suficientemente dominadas e, mesmo quando isso ocorre, elas permanecem presentes junto com as novas. Desta forma, a escrita consciente vai se instalando, graças ao desejo de poder e de criação de um lado e, por outro, ao meio estimulante que a escola deve

22. *ibidem*, p. 103, 105.

23. *ibidem*, p. 107.

oferecer às suas crianças. A introdução na escola da tipografia, do jornal escolar e da correspondência, auxilia poderosamente esse desenvolvimento. No desejo de escrever cartas para seus correspondentes, as crianças pedem para que os adultos escrevam o que lhes ditam. Em seguida, fazem a cópia do que ditaram, fazendo assim excelente exercício. Desta atividade pode-se verificar que os deveres de casa, no método natural para aprendizagem da leitura e escrita, são dispensados. As crianças se entregam a exercícios espontâneos visando ao aperfeiçoamento de seus grafismos e logo irão tentar escrever suas cartas sem auxílio do adulto.

Quanto à tipografia na escola, pode-se observar que através dela as crianças desenvolvem a análise da palavra em letras e fazem a síntese formando as palavras. A criança submetida ao método natural desenvolverá o reconhecimento das letras, ao mesmo tempo que trabalha com frases que têm significado em sua vida. Quanto à leitura, Freinet observa que, através das cartas, é que a criança é despertada para a leitura do pensamento do outro, pois até então "o pensamento dos outros não a tenta"²⁴. Isto se explica em função da própria organização interior pela qual a criança passa nesta fase, não tendo disposição para penetrar no conteúdo de pensamentos do outro, até que haja uma relativa organização. Mas, com a correspondência, esse bloqueio é vencido, e ela inicialmente pede que lhe leiam a mensagem recebida para logo em seguida tentar, adivinhando, relacionando e comparando, compreender o pensamento do seu correspondente.

O método natural não força a aprendizagem, cria situações para que ela ocorra através de técnicas e instrumentos adequados. E assim, a criança entra na última fase desse desenvolvimento, que é o aperfeiçoamento da escrita. A criança quer chegar à escrita autônoma e, através das tentativas experimentais, segue rumo a este objetivo.

Para escrever suas cartas sozinha, a criança passa a utilizar algumas expressões que aprendeu para o começo e outras para o fim de suas cartas. Entre o começo e o fim, escreve palavras que já conhece e faz sua carta com autonomia (Anexo 16). Com outras atividades que o meio escolar lhe oferece, como a tipografia, a criança aprende todas as letras e procede a "uma espécie de racionalização da língua"²⁵, escrevendo as letras das

24. *ibidem*, p. 119.

25. *ibidem*, p. 124.

palavras de acordo com sua sonoridade, procedendo a erros ortográficos, mas com um sucesso extraordinário quanto à fixação dos sinais gráficos em seu pensamento. E assim caminha para o aperfeiçoamento, para a satisfação de sua necessidade de ascender, crescer, para adquirir realização. Ela descobre aqui que as letras são sinais gráficos equivalentes a sons que ela emite ao falar e que fazendo as devidas associações consegue escrever seu pensamento. As cartas escritas a partir de agora serão aperfeiçoadas e a característica dessa fase é que estas serão escritas quase padronizadas com "pontos de apoio"²⁶ que são frases que a criança elegeu para início, às vezes meio e término das cartas. Freinet lembra a semelhança dessa fase, às cartas escritas por "gente do povo" que, por não ter experiência em manejar a escrita, utiliza algumas frases padrão para início e término de suas cartas, para conseguirem a impressão de cuidado e boa construção. Ex.: Pego a caneta para enviar estas mal traçadas linhas... etc....

Já na sala de aula, em função da tipografia, os textos livres são feitos com carinho e a criança espera, em seu desejo de triunfar, que seu texto seja o escolhido por todos para ser impresso. Na elaboração destes textos, Freinet observa que a criança não utiliza "pontos de apoio" como ocorre nas cartas que escreve nesta fase e assim vai combinando letras e sons e expressando por escrito seu pensamento. Sabe ler certo número de palavras, estas são exatamente aquelas que escreve. Não lê e não escreve palavras que não compreende e assim compreende o sentido, o valor e a "figura psíquica da palavra"²⁷. As palavras que conhece tenta escrever, ou através da cópia de um modelo ou pela construção fonética. Aos poucos se aproxima da figura gráfica oficial das palavras cujo sentido conhece e quer escrever. Isto ocorre quando compara a própria escrita, que Freinet chama de escrita inteligente com a escrita dos livros através de uma leitura num texto não redigido por ela. A capacidade de leitura de um texto não criado pela própria criança vai depender do número de palavras que componha o seu repertório de palavras conhecidas e já identificadas, analisadas em suas letras impressas através da junção de sinais que a tipografia proporciona. Está aqui claro o papel do meio, que facilite e favoreça a criança neste seu desenvolvimento.

26. *ibidem*, p. 127.

27. *ibidem*, p. 133.

Finalmente, em seus tateios, a criança passa a identificar o grafismo e o som para logo em seguida fazer a relação com o sentido da palavra que leu. Este processo culmina finalmente numa "explosão"²⁸, quando a criança se põe a ler tudo que está escrito. No entanto, a criança que adquiriu a leitura através do método natural, a interrompe quando encontra uma palavra cujo sentido desconhece, pois sua leitura tem a finalidade de, interpretando sinais gráficos, chegar à compreensão do pensamento de quem os fez. A experiência da leitura, a partir daí, acompanhará o sujeito por toda vida, pois sempre se encontram na leitura textos não familiares que demandam certa interrupção antes da continuidade.

O método natural, pois, atravessa na aprendizagem da leitura por três fases: inicialmente ocorre a familiarização da criança com a figura gráfica das palavras que pertencem ao seu mundo vivo e de frases também pertinentes. Numa segunda etapa, a criança passa ao exame fonético e gráfico da palavra, através da análise de seus elementos e para a síntese na sua reconstituição. Finalmente, a criança volta "à identificação global". Quando lê, não decifra, não procede analisando elementos da palavra, mas a pronuncia inteira, com segurança. A leitura, portanto, permanece antes de ser vocalizada, a nível de reconhecimento e identificação das palavras do texto, sendo este tempo relativamente longo e a leitura, "ideo visual"²⁹.

Com relação à escrita correta das novas palavras que a criança, na sua ânsia de progresso, através de tentativas experimentais, vai anexando ao seu repertório, Freinet observa que a preocupação da escola tradicional quanto à fixação de erros para o resto da vida é infundada. Freinet se refere ao papel que o meio, onde a criança tenha diante dela uma escrita correta, pode exercer graças à tendência de consonância, harmonia de gestos e pensamentos que é lei da vida e presente em todos os seres humanos. De início, a escrita é feita utilizando seu valor fonético e muitas vezes com erros ortográficos ou sintáticos. Depois é substituída pela escrita oficial, que ela encontra no meio que lhe é oferecido.

Na expressão do seu pensamento, a criança inicialmente não está preocupada com detalhes técnicos. Escreve rapidamente como pensa, e assim o método natural consegue seu objetivo que é

28. ibidem, p. 135.

29. ibidem, p. 136.

muni-la de um instrumento de expressão de sentimentos, fatos etc.... A partir do momento que adquirir domínio, nesta forma de comunicação, é que estará em condições de prender sua atenção para detalhes ortográficos ou sintáticos. O professor não fará correções para não interromper o desenvolvimento natural do processo.

CONCLUSÃO

Com relação ao Capítulo I, Vida e Pensamento de Célestin Freinet, é oportuno destacar alguns aspectos que julgamos interessantes.

O valor do trabalho, sob o ponto de vista de Freinet, faz possível um retrocesso à lembrança de que o conteúdo concreto da luta entre ancestrais com a natureza, foi e continua sendo o trabalho. O trabalho, ao mesmo tempo que transformou a natureza, transformou o homem. Na luta pela sobrevivência, o trabalho agrupou nossos antepassados e surgiram as sociedades. A mudança qualitativa de animal para homem foi conseguida através do trabalho.

Entretanto, há indicações de que o trabalho veio, através dos tempos, perdendo sua nobreza. Se antes os homens se realizavam através do trabalho, é provável que hoje o mesmo sendo imposto e alienado pese para o trabalhador. O trabalho manual e intelectual evidentemente estão distribuídos entre pessoas de nível sócio-econômico diferentes. A educação parece pender ora para a formação intelectual, ora para a manual.

A educação proposta por C. Freinet sugere a conciliação destas posições. Evidencia características de uma educação politécnica, pretendendo fazer de cada indivíduo um técnico e um sábio.

Com relação à escola e meio social, é evidente que Freinet está convencido de que todo o conteúdo a ser estudado no meio escolar deverá estar relacionado às condições ambientais reais de seus alunos. À medida que este estudo for sendo feito, desenvolverá e transformará as crianças que, por sua vez, transformarão o meio. Ao mesmo tempo, a escola, tratando de assuntos próximos e concretos, também estará se modificando e, por consequência, tornando-se mais adequada ao desenvolvimento de outras crianças que virão. Por exemplo: se o texto livre do dia for

"minha irmã está doente", será tratado o assunto de doença e saúde, que faz parte da realidade desse meio. Além de ser um texto, a partir do qual se procederá à aprendizagem da leitura e escrita, estas crianças estarão concentradas em torno da problemática que envolve o ficar doente. Poderá ser planejada em conjunto uma série de atividades visando a explorar esse centro de interesse: lavar as mãos e cortar as unhas, visita ao posto de vacinação, visita ao médico da comunidade, pesquisa sobre o valor da alimentação na prevenção das doenças, construção de uma horta, lavar roupas etc.... etc.... Com estas atividades é possível que estas crianças, ao mesmo tempo em que se transformam, atuem sobre o meio, transformando-o. Através do texto livre inicial, é possível que se exteriorizem as necessidades da vida da criança, que nortearão o planejamento de outras atividades.

Quanto à vida deste modesto professor primário, C. Freinet, pode-se constatar o quanto são penosas as inovações em educação, quando não estejam a serviço dos interesses dominantes.

No Capítulo II, Críticas de Freinet à educação tradicional, é notória a força de sua argumentação. O homem saído desta escola apresenta características de submissão, passividade, ausência de pensamento crítico e de curiosidade. É o resultado de um regime escolar retrógrado, combatido por Freinet. A alfabetização desta educação é mecânica e artificial.

No Capítulo III, Principais aspectos da educação, é ressaltada a forma como Freinet concebe o desenvolvimento do conhecimento humano. Trata-se de um processo que, partindo do próximo, imediatamente sensível e refletindo uma situação específica, tende, através da prática, a ascender ao universal e novamente voltar ao sensível enriquecido, para outra vez, através da prática, chegar ao universal etc.... Partindo de uma experiência prática, buscando elementos para conhecê-la, chega-se ao universal, entendendo melhor aquela prática específica. Não se trata de um vaivém estéril, pois a cada retorno corresponde um aprofundamento. Esse processo de aprendizagem Freinet chama de tateio experimental, onde teoria e prática se interpenetram e se fecundam mutuamente. Cabe aos professores, no meio escolar, facilitarem esse processo, promovendo o êxito dos atos das crianças que sejam verdadeiramente necessários ao progresso de cada uma, tanto a nível individual como social. É oportuno também que esses atos sejam repetidos com sucesso a fim de que se fixem em automatismos para que finalmente sejam transpostos em regras de vida. Estas regras de vida serão subsídios para novas tentativas

experimentais, que o meio escolar deverá favorecer, para que novamente o processo possa ter seqüência.

Para Freinet, os seres humanos têm necessidade de comunicar e exprimir suas experiências. A vida da criança pode ser transmitida através do texto livre. Caberá ao professor estudar as revelações íntimas que o texto traz, bem como as tendências e interesses dominantes. O texto livre tanto poderá se desenvolver em forma de conversa, como na forma de desenhos ou, finalmente, na forma escrita.

Visando a atender à necessidade de comunicação e expressão da criança, é evidente que o lado vivo e espontâneo dela se exprimir, seja respeitado. Espera-se que o professor aceite as estruturas de frases, modo de pensar e vocabulário infantil. Não deverá impor sua linguagem de professor ou de adulto. Parece importante esse respeito para que a criança não sinta vergonha de seu modo de expressão, do modo de falar de seus pais, enfim de sua origem. A correção feita pelo professor provavelmente daria esta conotação à criança e a levaria a calar-se. Não sendo esse objetivo perseguido por aqueles que aceitam o pensamento pedagógico de Freinet, as correções, notas e avaliações feitas pelo professor deverão ser eliminadas das práticas escolares. Entretanto, a escrita correta do professor, bem como a maneira de exprimir-se, provavelmente atuarão na sala de aula como modelos a serem seguidos. As correções ortográficas ou sintáticas poderão ser feitas nos textos livres, não por estarem errados, mas pela possibilidade de embelezamento daqueles escritos que ganharão a majestade da imprensa da classe. Dessa forma, serão oferecidas às crianças aulas de gramática em função das reformulações que se fizerem necessárias. Pode-se ainda convidar a criança a reformular sua mensagem para que seja melhor compreendida. O professor poderá propor um modelo correto e verificar com a criança se ele corresponde à mensagem original.

Em todas as situações, o professor, seguindo o pensamento pedagógico de Freinet, estará estimulando o aluno na sua livre expressão, valorizando o trabalho de cada um, bem como o do grupo todo. Estará a todo momento valorizando a linguagem própria de cada criança.

As atividades escolares, segundo a educação proposta por Freinet, deverão ter sempre como instrumento básico a Imprensa Escolar. É importante destacar os efeitos positivos sobre a criança, do fato de seu texto ter sido valorizado a partir do momento em que ganha a transcrição honrosa na impressora da clas-

se. A difusão do seu pensamento para além das portas da sala de aula parece servir de estímulo para novos escritos cada vez mais aprimorados. A dinâmica para impressão dos textos ocorre mais ou menos em torno do seguinte: inicialmente as crianças lêem seu texto e escrevem o título no quadro-negro. Se ainda não souberem a escrita, o professor as auxilia nessa tarefa. O desenho também poderá servir como meio de expressão, através de textos livres desenhados. Segue-se a votação, e o texto mais votado ganha o direito à impressão. Os erros de ortografia ou de sintaxe são corrigidos para embelezamento do texto. Segue-se a transcrição do texto em papéis que serão colocados nas paredes da sala, em lugares escolhidos pelos alunos, e ali permanecerão como referenciais para novos textos. Em seguida, as frases deverão ser transcritas em faixas de cartolina para serem cortadas em palavras. É feita a decomposição do texto para em seguida ser composto com as letras da imprensa. São tiradas tantas cópias quantos forem os alunos da classe. Cada aluno, de posse de sua cópia, faz as ilustrações, desenhos, acabamentos, dando um cunho pessoal ao texto mesmo não sendo de sua autoria. Tendo a classe já elaborado um certo número de textos, pode-se proceder à atividade de encadernação, resultando em livros ou cartilhas. Estes livros conterão textos de todas as crianças da sala.

Com a Imprensa Escolar, também se poderá fazer um jornal da classe, com textos elaborados pelas crianças. O jornal poderá ser enviado para outras escolas, formando um intercâmbio, ou poderá ser vendido na comunidade por preço acessível, sendo os fundos convertidos para a Cooperativa Escolar e destinados para gastos necessários à vida da classe. Poderão ser impressos também programas de festas, ingressos, convites, dicionários para uso de cada aluno, propagandas de exposições, promoções escolares etc.... A criança estará desenvolvendo a aprendizagem do trabalho em equipe, leitura, comunicação com o exterior (alunos, comunidade e outras cidades), domínio dos gestos e lateralização (ao nível dos tipos). A fase final do trabalho com a Imprensa Escolar se caracteriza pela limpeza do material utilizado e arrumação dos tipos nas caixas (decomposição do texto que foi impresso).

Outro aspecto da educação proposta por Feinet se refere ao papel do professor e o uso de suas técnicas. O desempenho do professor deve se caracterizar inicialmente como sendo um estimulador, animador da livre expressão da criança. As decisões quanto à organização da classe e das atividades coletivas que

realizarão só serão possíveis se o professor tiver instalado um clima de aula no qual as crianças possam expressar livremente seus projetos, desejos e sentimentos. Parece importante o professor atentar para a organização desse momento, zelando para que cada qual se exprima por sua vez e que se respeitem as crianças que não querem falar. Além disso, o professor poderá colher neste momento muitas informações a respeito de seus alunos: seus temores, seus desejos, seus planos. As crianças também poderão tomar consciência de alguns fatos da vida que as estejam envolvendo e que ainda não haviam sido analisados. Desenvolverão também a capacidade: de ouvir, tomar decisões, resumir e planejar. Segundo os adeptos de Freinet, o planejamento de atividades deverá ser feito em conjunto (professor e crianças) podendo ser semanal ou mesmo diário (para os menores). Cabe ao professor levar a termo o planejamento com a colaboração das crianças, criando um ambiente psicológico onde as crianças possam se expressar sem receios, ordenadamente.

Cabe ao professor, adepto do pensamento de Freinet, manter os pais das crianças em estreita relação com a escola. Deverá buscar formas de favorecer esse contato. Não deverá hesitar em buscar ajuda dos pais, quando se tratar de atividades para as quais eles se encontram mais capacitados. Sendo uma escola do trabalho, todo trabalhador da comunidade deverá ser bem aceito e valorizado pois esta nova escola pretende deixar o aspecto de templo do saber intelectual para se transformar numa oficina, numa construção onde todos podem contribuir com ensinamentos práticos ou teóricos. O professor também poderá planejar visitas com os alunos aos próprios locais de trabalho dos pais. Com isso, o enraizamento da escola no meio se tornará cada vez mais profundo e a valorização do trabalho, manual e intelectual, proposta por Freinet, estará se efetutando.

Com relação ao uso da Correspondência Escolar, caberá ao professor localizar outra sala, de preferência que utilize também essa técnica em suas aulas, para se realizar a troca de cartas. Geralmente a correspondência se faz com outras classes, mas também pode ser para uma criança ausente, um especialista em certo assunto que despertou interesse, uma mãe... etc.... A professora poderá tentar, em contato com a professora da outra classe, organizar um encontro entre os correspondentes. Pode ainda, se possível, ir com as crianças levar as cartas ao correio, propiciando a familiarização dos alunos com outras atividades às vezes não presentes em seu meio: pegar ônibus, pagar a passagem,

selar a carta etc.... Outros passeios-pesquisa também poderão ser sugeridos pelo professor que auxiliará na elaboração dos relatórios feitos pelos alunos relatando os passeios.

Com relação a atividades de expressão artística: pintura, desenho, modelagem, colagem etc., o professor deverá favorecer ao máximo para que sejam livres, sem julgamento ou avaliações. Deve-se permitir que a criança chegue à verdadeira comunicação pelas artes tanto plásticas, musicais ou dramáticas. Estas atividades, à medida do possível, deverão se desenvolver com uma finalidade que as crianças saibam, e não apenas para passar o tempo.

Para o uso da imprensa escolar, cabe ao professor ajudar as crianças na identificação dos tipos e levá-las à realização de um trabalho bem feito.

Quanto ao uso das técnicas propostas por Freinet, na conclusão deste trabalho, pode-se supor objeções que poderão ser feitas por alguns professores antes de aceitarem sua utilização.

Talvez possam objetar que as técnicas de Freinet são difíceis de serem utilizadas, manejadas. Ressalte-se a simplicidade no uso dessas técnicas, pois pode-se constatar que o uso do mimeógrafo é bastante comum nas escolas. A proposta do uso da Imprensa Escolar de Freinet não oferece maiores dificuldades do que as que já enfrentam os professores que se utilizam do mimeógrafo como instrumento de apoio para sua atuação didática. Entretanto, o uso da imprensa tanto pode servir para libertar o espírito infantil como para aprisioná-lo. Coube a Freinet apresentar o manejo deste instrumento de ensino de forma a libertar a criança, em todo o seu potencial.

Pode ocorrer que alguns professores, ao tomarem conhecimento do pensamento de Freinet, sejam levados a pensar que o uso destas técnicas lhes daria muito trabalho, tornando mais cansativa a dupla jornada de trabalho a que já estão submetidos. Entretanto, Freinet afirma que o cansaço está ligado ao interesse que a atividade desenvolvida provoque ou não. Assim, com efeito, ao entregar-se com as crianças à execução de atividades interessantes e mesmo apaixonantes, é provável que não sintam cansaço. Pode ser que até se esqueçam do recreio, pois o trabalho imposto, que se cumpre para ganhar o pão, é pesado, cansativo, desestimulante. Isso não acontece com trabalhos envolventes.

É possível ainda que se ouçam alguns professores, já cansados com inovações e modismos, expressarem-se descrentes de qualquer nova fórmula que apareça visando a restaurar a educa-

ção. É oportuno destacar-se essa desconfiança, para que não aceitem tudo que se lhes ofereça. Entretanto, o uso das técnicas de Freinet não parece ser modismo ou propaganda de qualquer remédio inventado por aventureiros. Trata-se de uma experiência, já de 64 anos, por vários países e continentes. Foram técnicas retiradas da prática, na vida cotidiana e concreta de escolas públicas francesas e aprimoradas no decorrer de sua aplicação. Não consta terem sido inventadas em laboratórios, em condições artificiais e distantes da realidade.

Outros professores podem parecer mais arrojados, partindo para aceitação do pensamento pedagógico de Freinet, sem nenhum material de apoio que o uso de suas técnicas necessita. Podem afirmar que o espírito da Escola Moderna é que seria fundamental. Em seus escritos, no livro "Modernizar a escola", Freinet chama a atenção para essa situação. Para ele, é bom desconfiar de fórmulas mágicas. Afirma que toda pedagogia por ele preconizada se baseia em instrumentos e técnicas. Através de seu uso é que o comportamento do professor e a atmosfera da aula se transformam, tornando possível a libertação e formação integral da criança que é a própria razão de ser da pedagogia pela qual ele tanto se empenhou. Para Freinet, a aceitação de seu pensamento sem os recursos materiais apropriados, assemelha-se à situação de quem se pusesse a fabricar algo sem os instrumentos necessários. Com muita habilidade poderia ter êxito, uma vez ou outra, mas no cotidiano seria imprescindível adquirir o material adequado.

Outros professores poderiam, apressadamente, adquirir os instrumentos necessários para uso das técnicas de Freinet e em pouco tempo chegar à conclusão que o uso delas apresenta os mesmos resultados dos métodos tradicionais. É oportuno aqui lembrar o objetivo educacional de que deverá estar imbuído aquele professor que utilizar os instrumentos e as técnicas de uma pedagogia que pretende formar um indivíduo rico de possibilidades, criativo, crítico e culto. O uso de técnicas adequadas para atingir tais objetivos poderá se transformar em formas de ensino passivas e restritivas, se não houver uma determinação clara do que se pretende formar. Para alcançar êxito no uso das técnicas de Freinet, é necessário uma reflexão crítica sobre os resultados das técnicas de ensino usuais. A partir disso, os professores estariam em condições de captar o pensamento pedagógico de Freinet e em condições de introduzir paulatinamente o uso de suas técnicas em sala de aula. O treino na sua utilização seria feito

na própria prática, trazendo os necessários aprimoramentos, adequações etc. Freinet aconselha sempre prudência, quando se trata do uso de suas técnicas.

Há ainda o problema, que pode ser levantado pelos professores, com respeito ao número de alunos em suas salas de aula. Seria possível utilizar as técnicas de Freinet, em salas com 40 ou 50 alunos? Com efeito, que método é válido numa classe superlotada? Numa classe com número excessivo de alunos, parece necessária rigorosa cautela na utilização de técnicas libertadoras como as de Freinet. É interessante lembrar que a Associação para Modernização da Escola, sediada em Cannes (I.C.E.M. BP 251, Cannes), fundada por Freinet, muito tem se empenhado para que seja oficializado o número de 25 alunos no máximo para as classes de ensino público. Com esse número de alunos, 25, é possível ao professor iniciar cautelosamente o uso das técnicas de Freinet.

Poderia ser colocado ainda o problema de espaço físico. As salas de aula parecem ter o espaço suficiente para que as crianças permaneçam sentadas. O uso de técnicas onde as crianças se desloquem poderia apresentar problemas. Esta colocação é séria, pois o espaço é condição essencial para instalação do lugar da imprensa, ao lado de lugares na sala para atividades de: marcenaria, criação de animais, trabalhos domésticos, documentação, experimentação em ciências e expressão artística. Entretanto, é possível processar o uso de apenas algumas atividades, ocupando a mesa do professor para a imprensa, usando agrupamento de carteiras para as outras. Não se poderia dizer ser simples esta adequação. Sabe-se que as escolas funcionam por turnos e que as salas são utilizadas por várias turmas de crianças. Nestas circunstâncias parece quase impossível ao professor realizar um trabalho diferente dos usuais.

Pode-se levantar ainda o problema dos custos dos instrumentos necessários para uso das técnicas de Freinet. Felizmente o limógrafo, que é uma prensa manual, é de baixo custo, podendo ser feito pelo próprio professor. Não se pode dizer o mesmo do material de impressão. Em lojas de material gráfico, podem ser encontrados ou até comprados de segunda mão. A caixa de tipos pode ser feita de madeira, colando em divisórias, etiquetas com o desenho das letras nas duas posições: normal e invertida (como está gravada no tipo). Pode-se adaptar os componedores e porta-componedores. O rolo de entintar pode ser encontrado em papelarias. Pode-se usar como placa de entintar qualquer pedaço de vidro, metal ou fórmica. Para imprimir, existem

tintas à venda de várias marcas, que se usam nas escolas tradicionais. As solúveis em água parecem ser mais adequadas para manipulação de crianças. São vendidas em latas de um quilo. A agilização da Cooperativa Escolar parece auxiliar no problema de ausência de fundos. Pode-se ainda utilizar inicialmente o limógrafo, que é de baixo custo, e aos poucos ir adquirindo o outro material mais completo de impressão. O limógrafo, aliado ao uso de uma máquina de escrever, emprestada ou doada à sala de aula, cumprirá de início a função de auxiliar à análise-síntese e síntese-análise que caracterizam o Método Natural de aprendizagem da escrita e leitura usado por Freinet e seus adeptos. O texto livre, retirado das experiências das crianças, poderá ser transcrito com o auxílio da máquina de escrever, usando um estêncil e depois impresso no limógrafo com ajuda da tinta de impressão usada para mimeógrafos. Se houver permissão da direção da escola, é possível utilizar o próprio mimeógrafo escolar para impressão dos textos.

É possível ainda que alguns professores argumentem que os programas e horários estipulados impedem o uso de qualquer técnica diferente das usuais. Freinet, em seus escritos, lembra a possibilidade de rebatizar os trabalhos propostos em sua pedagogia com os nomes já previamente estipulados, obedecendo o horário previsto. O texto livre, sua correção gramatical visando ao seu embelezamento, para ser impresso poderá ser batizado de: redação, vocabulário, gramática e assim por diante.

Os professores podem ainda argumentar que os pais das crianças costumam não gostar de inovações e que a dispensa do uso da cartilha poderia provocar reação de oposição por parte de les. Parece fundamental que isso não ocorra, portanto não é interessante forçar a modernização. Supõe-se que os pais, percebendo o entusiasmo dos filhos e participando da vida escolar dos mesmos através de reuniões, visitas e exposições, recebendo o jornal impresso pelas crianças, auxiliando no ensino de atividades que desempenham no seu cotidiano, aos poucos irão se integrar na dinâmica desta nova escola que se verá beneficiada de sua compreensão. Freinet recomenda que as inovações que sua pedagogia oferece não sejam impostas à criança ou aos pais. O professor não deverá abandonar os manuais escolares antes de já ter conseguido realizações na Imprensa Escolar com seus alunos. Aos poucos, e à medida que o uso de suas técnicas forem envolvendo as crianças, os manuais serão naturalmente abandonados e substituídos pelo livro da vida da classe, jornal escolar, ficheiros

de pesquisa ou autocorretivos etc....

Outra objeção capaz de desanimar professores quanto à utilização das técnicas de Freinet, pode ser relacionada à oposição que seus inspetores ou supervisores poderão fazer. Pode ocorrer que estes desconheçam tais técnicas e atuem punindo ou criticando os professores que delas façam uso. Entretanto, parece que se o professor tomar certos cuidados especiais, alguns problemas poderão ser evitados ou contornados. É possível que os inspetores e supervisores não se sintam à vontade para criticar o uso das técnicas Freinet, se encontrarem uma sala ordenada e disciplinada em seu uso. A prática na utilização de tais técnicas, por mais de 40 anos, em vários países, demonstrou, segundo os adeptos de Freinet, que grupos de alunos trabalham disciplinadamente quando essas atividades vêm de encontro a suas necessidades, tenham significado para suas vidas e lhes permitam crescer, progredir, galgar degraus cada vez mais altos no domínio da vida. A disciplina de trabalho, portanto, deverá ser a constante destas classes. É recomendável, ainda, que esses professores mantenham bem à vista, tanto para os alunos quanto para os visitantes, o planejamento de atividades diárias e semanais, feito previamente com a colaboração dos alunos. O horário das diferentes atividades poderá estar batizado, como já foi citado, com os nomes usuais das práticas escolares. Exemplo: a leitura da correspondência recebida poderá estar batizada de leitura apenas. Ainda parece interessante que os cadernos das crianças estejam bem apresentados, pois os inspetores ou supervisores normalmente têm um tempo restrito para ficar em cada sala e costumam verificá-los. Estes aspectos, portanto, parecem ser importantes para que em seus relatórios, mesmo não conhecendo profundamente as técnicas de Freinet, não efetuem observações de crítica que viriam causar problemas aos professores que delas fizessem uso. É preferível destacar para os supervisores as semelhanças entre uma sala de aula tradicional e a sala moderna usando as técnicas de Freinet, do que as diferenças entre estas duas propostas.

Finalmente, no Capítulo IV, para aprendizagem da escrita e leitura, utilizando-se o Método Natural de Freinet, pode-se concluir ressaltando alguns aspectos.

O professor deverá estar atento para inicialmente valorizar todos os desenhos e tentativas de escrita da criança. Pode auxiliar a criança na transcrição de seus pensamentos, escrevendo por ela seu texto livre ou sua correspondência. Aos poucos a criança poderá fazer cópia do texto que ditou. É bom lembrar que

as primeiras palavras que a criança escreve estão carregadas de conteúdo afetivo e frequentemente estão ligadas a pessoas de seu relacionamento. É oportuno que o professor esteja atento para não transformar a mensagem ditada pela criança. Cada criança caminhará em seu próprio ritmo rumo à aquisição da escrita como forma de expressão do pensamento. O professor respeitará os ritmos de cada aluno, permitindo que progridam sem coação ou qualquer punição. É oportuna a lembrança do valor dos elogios e mesmo de ajuda que o professor doará à criança para que ela seja bem sucedida em suas tentativas experimentais. É importante frisar que, através do Método Natural, não deverá o professor apressar as associações que a criança venha a fazer entre letras, sílabas ou palavras. Estas associações se farão naturalmente, após a criança já ter memorizado, pelo uso, o desenho gráfico de um certo número de palavras de seu próprio vocabulário. Espontaneamente a criança chegará a esta fase, não precisando o professor impô-la precocemente.

Para Freinet, a expressão de pensamentos da criança é feita em determinado momento do seu desenvolvimento quando o desenho que faz passa a ser acompanhado de rabiscos (sua escrita). Nesta fase a criança é capaz de distinguir o desenho, da escrita que faz. Aparecem a seguir, em seus rabiscos, alguns elementos semelhantes a algumas letras. Posteriormente, é capaz de reproduzir palavras copiando as que o adulto faz a seu pedido. A imitação está claramente presente nesta fase de seu desenvolvimento rumo à escrita. Em seguida, a criança começará a descobrir analogias, desde as gráficas até as fonéticas. Depois estabelece a correspondência entre som e escrita (fonética gráfica) e começa a desenvolver a escrita propriamente dita. Passará para escrita de textos livres, que serão decompostos e depois compostos através da tipografia. Procederá à criação de novos textos, valendo-se de palavras já conhecidas e tiradas do conjunto referencial. Descobrimo as sílabas das palavras, poderá construir novas palavras, partindo das sílabas que já estarão decoradas. Culminará com escrita de textos pessoais para seus correspondentes e desenvolverá o reconhecimento e leitura dos textos recebidos.

A criança assim aprenderá a ler sem exercícios de leitura. Reconhecerá certas frases dos textos ou das cartas de seus correspondentes. Ela deduzirá algumas vezes o sentido imediato das frases ou das palavras desconhecidas. Reconhecerá sob o grafismo o pensamento que ali está depositado. Poderá não ser capaz de ler corretamente em voz alta, mas estará lendo silenciosamen-

te.

Os métodos analítico e sintético para alfabetização parecem não ser oposto para Freinet. Com efeito, há indicações de que se trata de oposição de dois processos inseparáveis. O Método Natural procede à análise e à síntese, através do texto livre e do uso da imprensa escolar. Freinet provavelmente captou a implicabilidade desses dois processos, pois analisar é separar as partes ou elementos de um todo. Entretanto, tais elementos não são elementos em si. São partes de um todo, que está presente em cada elemento. Pode-se concluir que as duas marchas para alfabetização: analítica e sintética, mesmo percorrendo caminhos inversos, definem-se uma pela outra, sendo pois processos inseparáveis. Com efeito, parece que a criança, partindo para a análise do texto, que exprime seu pensamento, cuja origem está numa prática, chega em seguida à análise das palavras e das letras. Faz a seguir, na imprensa, síntese das letras para formar palavras e síntese das palavras para compor o texto. O processo de aprendizagem da escrita, que vinha se caracterizando como sendo uma marcha analítica, em determinado momento se converte em marcha sintética para no momento seguinte converter-se novamente em analítica e assim por diante.

A criança percorrendo este processo da análise à síntese chega à análise de outro texto já enriquecida com a experiência anterior. Em cada nova experiência a criança estará enriquecida e em condições superiores às que se encontrava na experiência anterior. Para utilizar a imprensa, ela deverá passar da análise do todo para a análise da menor parte desse todo que são as letras ou sinais gráficos. Na análise das particularidades de cada letra, fará a comparação de uma com as outras para não falhar em seu objetivo que é transcrever o texto. Esse momento parece caracterizar a transformação de análise em síntese pois cada letra tem características próprias que as diferenciam umas das outras (análise) e no entanto têm em comum o fato de serem sinais gráficos que compõem um conjunto, que se chama alfabeto, cuja função é expressar pensamentos oriundos das experiências concretas que o mundo real e concreto oferece à criança (síntese).

A obra de Freinet traz destaque ao papel do desenho como fase que antecede à escrita e como meio de expressão de pensamentos, sentimentos etc.... Trata-se de um meio de expressão natural de todas as crianças, empregado por elas espontaneamente, até o momento em que podem, no meio escolar que não o estimule, serem dele desviadas. A escola pode passar à criança a idéia de

que é preciso aprender a técnica para poder desenhar. É provável que consiga dessa forma eliminar ou reduzir na criança a capacidade de exprimir pensamentos. Segundo Freinet, é bastante importante deixar que as crianças desenhem livremente sem se importar com a técnica. Essa atividade deverá ser tão freqüente quanto possível. Deve-se oferecer à criança folhas de diversos tamanhos e cores, canetas coloridas, lápis pretos e coloridos, giz de cera, pastéis, giz coloridos, telas etc.

Quando solicitado, o professor poderá auxiliar as crianças que necessitem da escrita para tornar seus desenhos mais compreensíveis. O professor poderá escrever a mensagem que a criança dita e se ela quiser copiar o desenho escrito de sua própria mensagem, assim o fará.

É fundamental, segundo o pensamento pedagógico de Freinet, que a escola não tolha esse desenvolvimento para a escrita que parte do desenho livre. O estudo do valor do desenho, na preparação para a escrita, é oportuno não só para professores da 1ª série do 1º grau como também para aqueles da pré-escola.

BIBLIOGRAFIA

- AEBLI, H. Didática psicológica; aplicação à didática da psicologia de Jean Piaget. São Paulo, Nacional, 1971.
- ALMEIDA JÚNIOR, A. E a escola primária? São Paulo, Nacional, 1959.
- BRANDÃO, C. R. (org.) A questão política da educação popular. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- _____. O que é método Paulo Freire. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- CANDEU, V. M. (org.) A didática em questão. Petrópolis, Vozes, 1984.
- CAVALIERI, M. J. C. De Rousseau a Freinet ou da teoria à prática. São Paulo, Hemus, 1978.
- CIARI, B. Novas técnicas didáticas. Lisboa, Estampa, 1978.
- _____. Práticas de ensino. Lisboa, Estampa, 1979.
- CUNHA, M. A. V. Didática fundamentada na teoria de Piaget; a nova metodologia que veio revolucionar o ensino. Rio de Janeiro, Forense, 1973.
- DIRETORAS das EMEIS, conhecem novo método pedagógico. Correio de Marília, 13/05/1982, p. 3.
- ENCICLOPÉDIA ABRIL. São Paulo, Abril Cultural, 15 v., 1976.
- FREINET, C. A educação pelo trabalho. Lisboa, Presença, 1947. 2 v.
- _____. A leitura pela imprensa na escola. Lisboa, Dinalivro, 1974.
- _____. A pedagogia do bom senso. Lisboa, Moraes, 1973.
- _____. As técnicas Freinet na escola moderna. Lisboa, Estampa, 1973.

- _____. Conselhos aos pais. Lisboa, Estampa, 1974.
- _____. Ensaio de psicologia sensível. Lisboa, Presença, 1978. 2 v.
- _____. O jornal escolar. Lisboa, Estampa, 1974.
- _____. O método natural; a aprendizagem do desenho. Lisboa, Estampa, 1977.
- _____. O método natural; a aprendizagem da escrita. Lisboa, Estampa, 1977.
- _____. O método natural; a aprendizagem da língua. Lisboa, Estampa, 1977.
- _____. O método natural de gramática. Lisboa, Dinalivro, 1978.
- _____. O texto livre. Lisboa, Dinalivro, 1973.
- _____. Para uma escola do povo; guia prático para a organização técnica e pedagógica da escola popular. Lisboa, Presença, 1973.
- FREINET, C. & SALENGRO, R. Modernizar a escola. Lisboa, Dinalivro, 1974.
- FREINET, E. Nascimento de uma pedagogia popular. Lisboa, Estampa, 1978.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, P. e outros. Cuidado! Escola. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- FURTH, H. Piaget na sala de aula. Rio de Janeiro, Forense, 1972.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. Rio de Janeiro, Delta, 15 v., 1972.
- LEIF, J. R. Pedagogia geral pelo estudo das doutrinas pedagógicas. São Paulo, Nacional, 1968.
- LIMA, L.O. Mutações em educação segundo Mc Luhan. Petrópolis, Vozes, 1976.
- _____. O impasse na educação. Petrópolis, Vozes, 1969.
- LOURENÇO FILHO, M. B. Teste ABC para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita. São Paulo, Melhoramentos, 1975.
- MASPERO, F. (org.). A pedagogia Freinet por aqueles que a praticam. Lisboa, Moraes, 1976.
- MAKARENKO, A. Poema pedagógico. Moscou, Progresso, s.d. 3 v.

- NEILL, A. S. Liberdade sem medo; summerhill. Rio de Janeiro, FENAME, 1976.
- PENTEADO, J. A. Didática e prática de ensino. São Paulo, Mc Graw-Hill do Brasil, 1979.
- PIAGET, J. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
- _____. Psicologia e pedagogia. Rio de Janeiro, Forense, 1970.
- PIATON, G. La pensée pédagogique de Célestin Freinet. Toulouse, Edouard Privat, 1974.
- PISTRAK. Fundamentos da escola do trabalho. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- PROFESSORES DA PRÉ-ESCOLA EM AÇÃO. Piracicaba, UNIMEP, s.d. (Circulação interna).
- RATHS, L. E. e outros. Ensinar a pensar. São Paulo, EPU, 1977.
- RESUMOS DO 3º CONGRESSO DE LEITURA NO BRASIL. Campinas, UNICAMP, 1981.
- ROGERS, C. R. Liberdade para aprender. Belo Horizonte, Interlivros, 1977.
- SANTOS, T. M. Noções de história da educação. São Paulo, Nacional, 1971.
- SALOMON, A. J. Como fazer uma monografia. Belo Horizonte, Interlivros, 1974.
- SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. Célestin Freinet e a educação pelo trabalho. Educação Democrática, nº 10, junho/1984, p. 12.
- SÃO PAULO. Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Subsídios para implementação do guia curricular de língua portuguesa para o 1º grau, 1ª série, 1977.
- SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo, Cortez, 1982.
- SHIMIZU, D. M. A. Avaliação de aprendizagem I. Diário de Marília, 4/07/1982, p. 3, C. Ponta de lança na educação.
- _____. Avaliação de aprendizagem II. Diário de Marília, 11/07/1982, p. 3, C. Ponta de lança na educação.
- _____. Integração escola e pais. Diário de Marília, 3/10/1983, p. 6.

SIF; ESTÁGIOS INTERNACIONAIS DA PEDAGOGIA FREINET.

Blumenau. FURB, 1981. Documento de apoio para curriculação interna.

ZIGGIATTI, L. Escola carente de Campinas testa nova proposta pedagógica. Folha de S. Paulo, 25/02/1984, p. 18.

ANEXOS

ANEXO 1: RELATO DE EXPERIÊNCIA REALIZADA NA
SALA EXPERIMENTAL FREINET, EM MARÍLIA (1983)

Agosto, 1983.

Após realizada a atividade de pregar botões ensinada por uma mãe, procedeu-se à elaboração de um texto escrito sob nossa orientação. As crianças ditaram frases relatando a experiência. Foram registradas na lousa, copiadas nos cadernos pelos alunos e ilustradas com desenhos. O texto: "Pregar botões" foi transcrito num cartaz e afixado nas paredes da sala.

"Pregar botões"

Precisa linha, agulha e botão.

Precisa dar nó na linha.

Precisa acertar o buraco do botão.

Depoimento de Da. Maria, mãe da Paula, que ensinou a pregar botões:

- "Sempre é bom pregar botão. O melhor foi que aprendi fazer crochê, assistindo a aula da mãe da Rosinha, a Da. Severina. Eu nunca aprendi fazer crochê e tô saindo daqui já fazendo correntinha. Quem sabe quando ela voltar eu também volto e aprendo os pontos. As crianças gostaram de pregar botão, eles gostam dos mais coloridos. Eu não preguei pra nenhum. Só ensinei, eles tem que pregar sozinhos. Muitos aprenderam. Todo mundo gostou. Achei bom vir ver a classe da Paula. Ela fala tando dessa classe. É gostoso mesmo aqui!"

ANEXO 2: CARTA DE CRIANÇA SUBMETIDA
AO ENSINO PÚBLICO DE MARÍLIA (1982)

Germano, com 9 anos e 10 meses, aprendeu a redigir cartas na escola. Como exercício, todos os alunos da classe escreveram esta carta para suas mães.

Mamãe

Eu a amo muito e sinto não ter condições para descrever aqui, todo esse amor; traduzir em palavras o que vai no meu coração de criança. Fico pensando pensando... Pensando em você, em mim, em todos nós; no seu modo de ser, de agir, de sentir, de viver e, principalmente na grandeza pura de sua alma jovem que sabe entender, aceitar, corrigir e perdoar a todos nós que temos a grande alegria de tê-la ao nosso lado, guiando nossos passos e dando sentido às nossas vidas. Minha pequenez, diante da sua grandeza me deixa anula e eu fico sem saber o que dizer.

Restame apenas pedir à Deus que a proteja e a conserve sempre junto de nós.

Eu a amo mamãe, isso é tudo.

Um beijo para você, querida.

Germano

ANEXOS 3-16: RABISCOS, DESENHOS E ESCRITOS COLETADOS POR
FREINET, DE CRIANÇAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Anexo 3

Dominique, com 2 anos e 4 meses. Repete grafismos conseguidos. Com giz ou lápis por imitação ou acaso, obteve traços direitos, sobrepostos ou circulares. O êxito do ato serve de estímulo para novas tentativas.

(Célestin, Freinet, O método natural, v. 2, p. 40.)

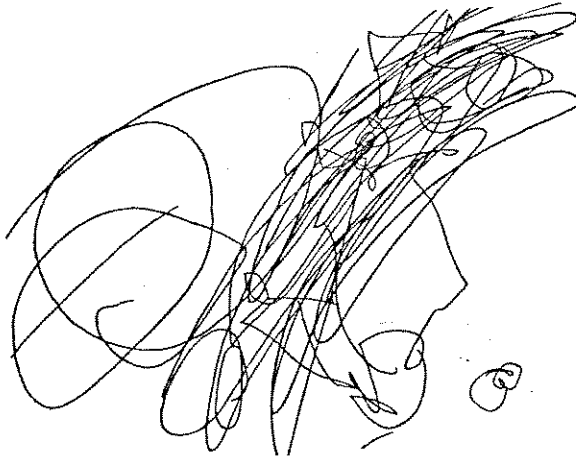
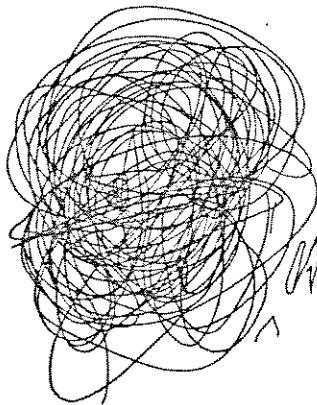


Fig. 3

Mariette, com 2 anos e 4 meses. Consegue os êxitos especializados. "Gestos mais bruscos, traços angulosos, riscos carregados e por fim, fatigada, acaba por dar grandes pancadas com o bico do lápis". O resultado destas pancadas é um efeito diferente, especializado, que tenderá a ser repetido.

— (ibidem, p. 41.)



Bruno, com 2 anos e 4 meses. Exemplo de "grafismo simples" - um elemento destacado em meio a vários traços. Se obtiver admiração tenderá a mais rapidamente repetir seu ato especializado.

(ibidem, p. 42.)

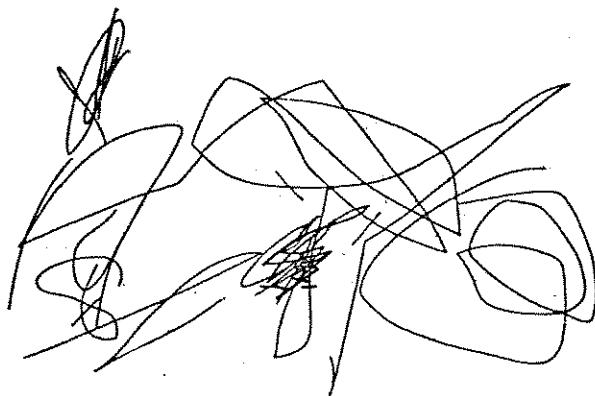


Fig. 5

Mariette, com 2 anos e 5 meses. Sendo apreciada ao destacar elementos em seus traços, esforça-se por reproduzir seu sucesso com pequenos grafismos isolados.

(ibidem, p. 43.)

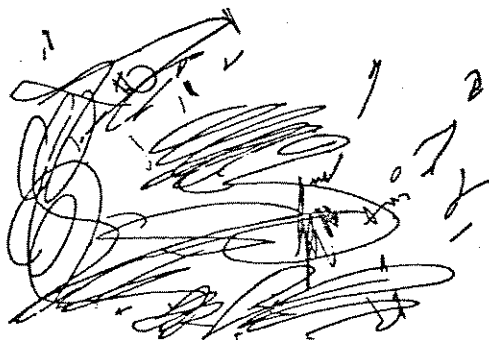


Fig. 6

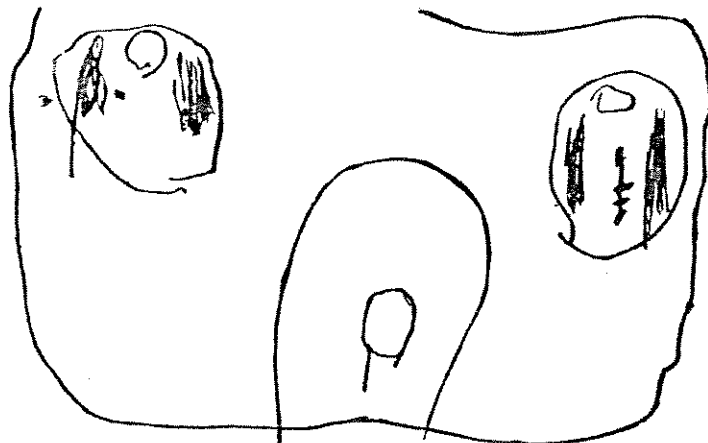
Nicole, com 2 anos e 5 meses. Distingue 2 ou 3 elementos em seus grafismos, contando com o estímulo de um adulto que lhe pergunta o que desenhou.

(ibidem, p. 44.)



Bal, sem premeditar, desenha 2 elementos. "Ao contemplar seu grafismo, exclama por vezes ao acaso, não se sabe por que misteriosa correspondência íntima: - Isto é a casa e isto é mamã em casa."

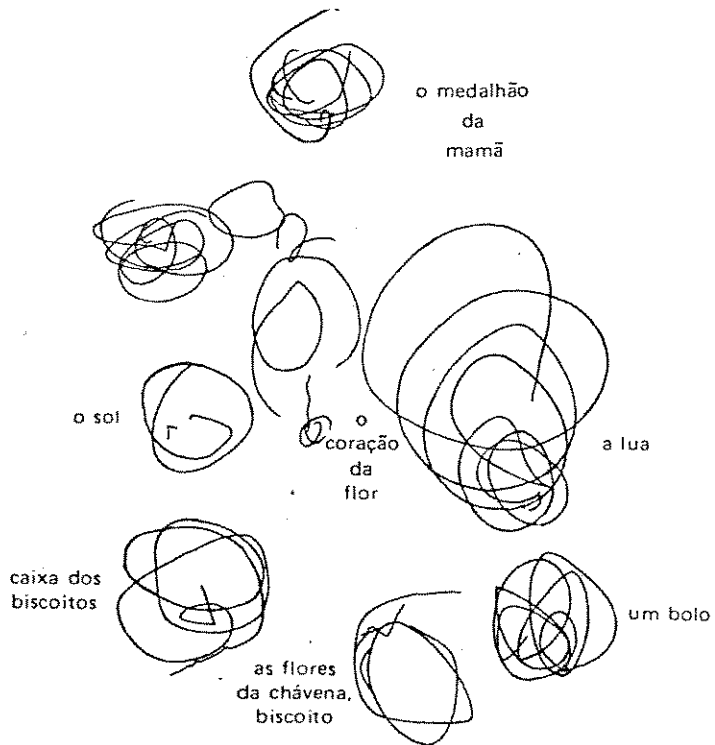
(idem, O método natural, v. 1, p. 81.)



Anexo 6

Mariette, com 2 anos e 5 meses. Desenhou grafismos com elementos múltiplos. Consegue distinguir 5 elementos em seu desenho.

(idem, O método natural, v. 2, p. 45.)



Bal desenhou com elementos justapostos: "desenhou a sua casa tradicional com a menina à janela. E, por acaso, porque o papel era grande, porque não tinha outro e porque encheu os espaços em branco conforme pôde, esboçou num outro canto a silhueta de um boneco". Ao vê-los justapostos exclama: - Isto é uma casa com menina à janela. E isto aqui é o menino que se vai embora porque se zangou com a menina. Trata-se de explicação a posteriori e desenho explicativo.

(idem, O método natural, v. 1, p. 82.)

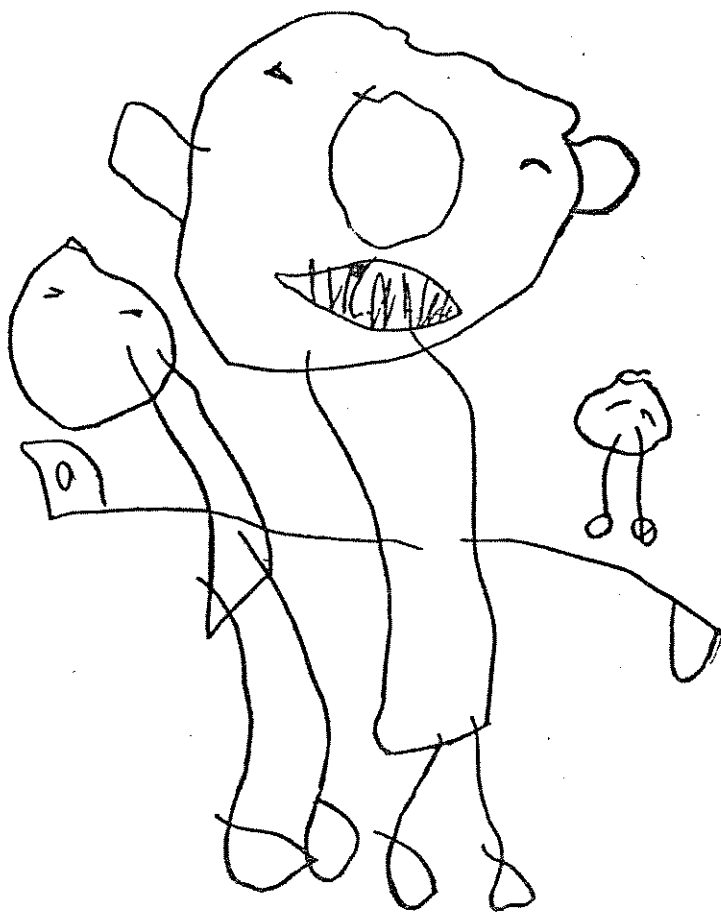


Fig. 2

Bal faz uma justificação acidental. De um acidente no ato de criação do seu boneco, nasce a seguinte explicação: - Vê o que ela tem no olho. Meteu um dedo no olho, tanto pior para ela.

(ibidem, p. 86.)

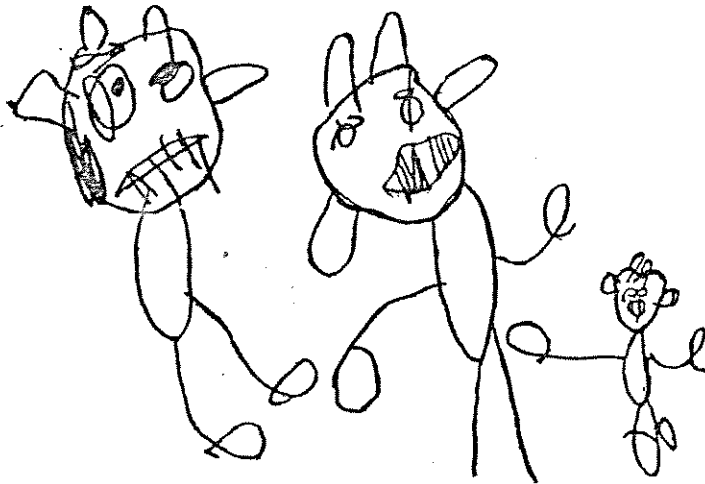
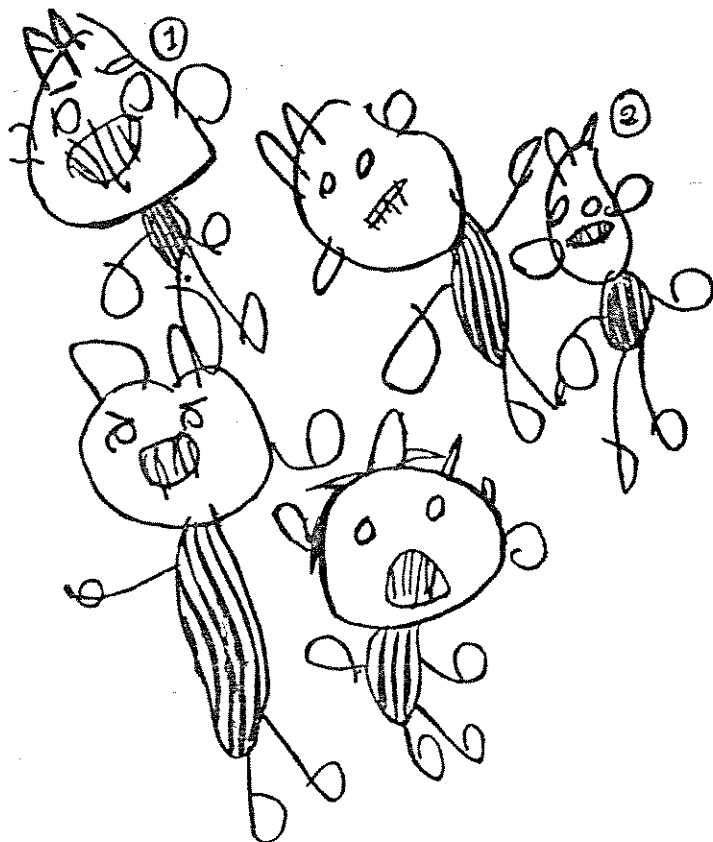


Fig. 5

Bal, procedendo à justificação acidental a posteriori: - A menina que ri... Ela está contente... Aquela não está contente, queria um papel e não há.

(ibidem, p. 87.)



Bal busca auxílio para comunicação feita através do desenho, de um complemento necessário: texto manuscrito. Procura exprimir oralmente sua explicação do desenho: - As meninas vão para a escola; levam o cesto da merenda... Aquilo ali são árvores à beira do caminho... O menino quer ir para a escola; perdeu o cesto dele. Não satisfeita, Bal escreve sua explicação onde "não se distingue qualquer traço de diferenciação".

(ibidem, p. 96.)

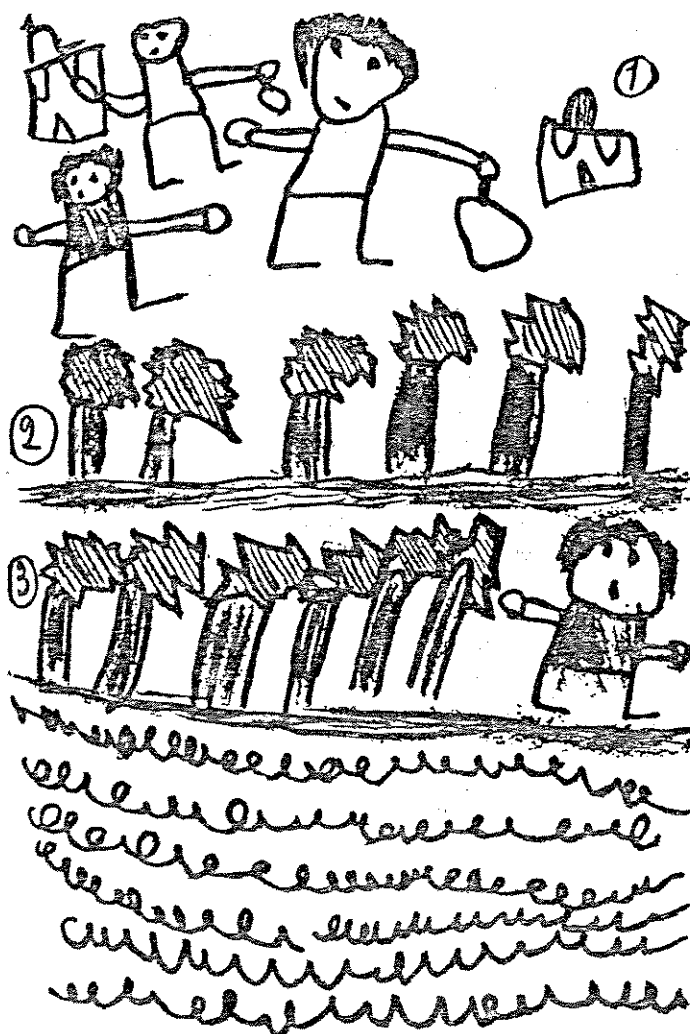


Fig. 10

Anexo 10

Provavelmente observando a correspondência do pai, Bal o teria visto assinando e sublinhando o nome da cidade para onde remeteria a carta. Em seus desenhos passa a constar o grifo e assinatura.

(ibidem, p. 97.)



Fig. 11

Anexo 11

Aparece a parte escrita no "próprio corpo do desenho" e pode-se notar "sinais mal diferenciados" semelhantes a letras do alfabeto. Parece ser um "ensaio analítico da escrita".
(ibidem, p. 99.)

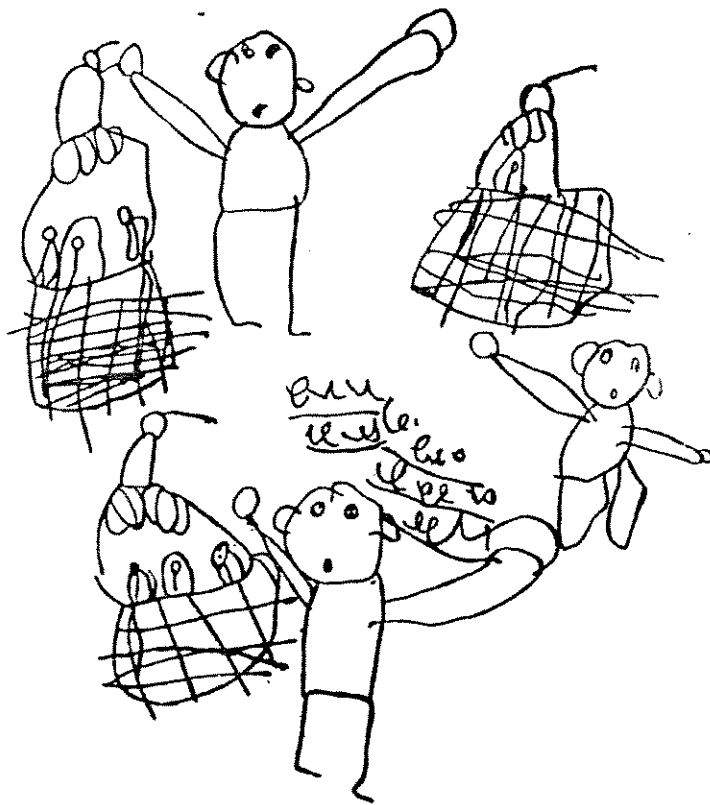


Fig. 13

O primeiro sinal diferenciado surge nos desenhos de Bal.
Surge a cruz que imita o t.
(ibidem, p. 100.)



Fig. 14

Além de sinais parecidos com as letras t e l, surgem outros semelhantes a: o, e, a. Para Freinet, Bal se encontra no "alvorecer da verdadeira escrita".

(ibidem, p. 101.)

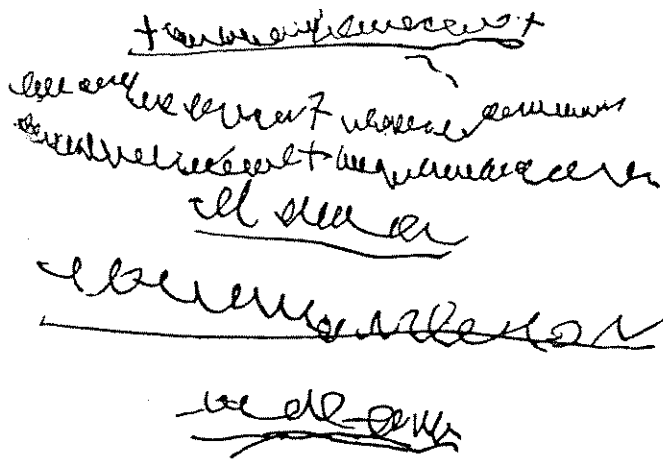


Fig. 15

Bal faz cópia para adquirir melhor domínio da técnica da escrita "tal como um bebê sobe e desce os degraus de uma escada em puro exercício motivado".

(ibidem, p. 107.)

Lampe 3 Lampes
LULLULLU Pape
Annie Maman
Baloulette

Fig. 18

Outro exercício de Bal, copiando palavras ao acaso num "grafismo muito ligado que está também muito próximo do desenho".

(ibidem, p. 109.)

esaretumpapa
ettenanan
saMenne se!
ma chere Mémé
Balubette

Fig. 20

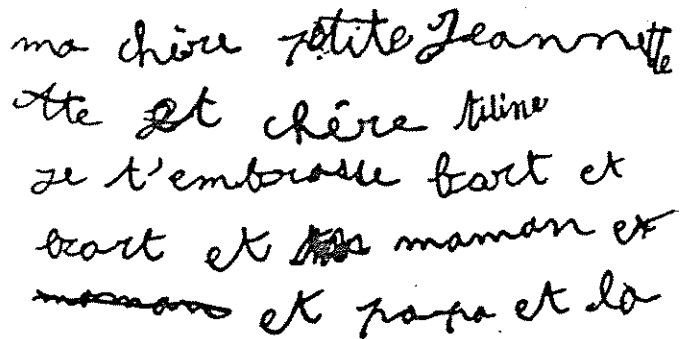
A escrita dos nomes, sob os personagens que desenhou. Bal pôs em uso o novo instrumento que sabe dominar. (ibidem, p. 112.)



Fig. 21

Bal aprendeu para iniciar suas cartas as expressões: "querido papá, querida mamã, querida madrinha, querida vovó". Para finalizar suas cartas: "muitos, muitos beijos. Baloulette". Ela intercala entre o começo e fim, vários nomes próprios que conhece. Dessa forma escreve suas cartas.

(ibidem, p. 122.)

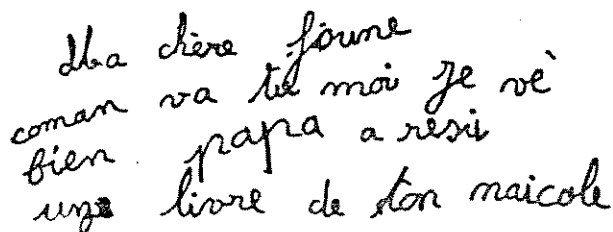


ma chère petite Jeannette
te et chère teline
se t'embrasse fort et
fort et ~~les~~ maman et
~~maman~~ et papa et la

Fig. 23

Bal aprimorou seu início de carta: "Querida....., como estás, eu estou bem". Passa a utilizar essa forma de iniciar a carta, em seguida seguem as notícias e o final continua o mesmo citado acima.

(ibidem, p. 128.)



Ma chère femme
coman va te moi je ve
bien papa a resu
unz livre de ton maicole

Fig. 27

ANEXO 17: GLOSSÁRIO DE PALAVRAS-CHAVE

BIBLIOTECA DO TRABALHO: conjunto de livros composto por manuais escolares, livros do professor, coleções documentais, dicionários e outros livros adquiridos ou elaborados pelos próprios alunos através de pesquisas que ganham a impressão no meio escolar bem como a encadernação. Também é nome de uma coleção: "Biblioteca do Trabalho", que é impressa e editada pela Cooperativa do Ensino Laico, através de seu setor de publicação chamado Instituto Cooperativo da Escola Moderna (I.C.E.M.). Trata-se de obras nascidas através da cooperação de várias classes, sob a direção dos seguidores de C. Freinet. São reunidas e adequadas a diferentes níveis: B.T.J - nível de 1ª a 4ª séries

B.T. - nível de 5ª a 8ª séries

B.T.2 - nível de 2º grau

J. Magazine - nível de pré-escola.

(Célestin Freinet, Para uma escola do povo, p. 153.)

CONJUNTO REFERENCIAL: reunião de palavras que mais caracterizam um texto. São extraídos dos textos livres, escritos em cartazes e fixados nas paredes da sala de aula. Servem para memorização e apoio para novos textos.

(idem, O método natural, v. 3, p. 54.)

COOPERATIVA ESCOLAR: a idéia foi lançada por Profit, inspetor primário francês, após a guerra de 1914-1918 em Charentes. Não se trata de cooperativa de consumo nem de produção. Trata-se de uma comunidade escolar que angaria fundos para suas atividades coletivas educativas. As crianças se organizam para administrar a vida escolar quase que totalmente: guarnecer o museu escolar, suprir a biblioteca, cultivar em comum jardins ou hortas, cuidar de animais, limpeza da sala, festas, espetáculos. Quando possível, angariam dinheiro em algumas atividades, como vender os jornais impressos na sala de aula. Recebem donativos se aparecem e os alunos usufruem coletivamente dessa associação. A cooperativa escolar desenvolve em seus membros algumas atitudes: organização, auto-regulamentação, curvar-se à vontade comum, acomodação dos próprios interesses às necessidades da comunidade etc.... Foi utilizada por C. Freinet e seus adeptos.

(J. Leif & G. Rustin, Pedagogia geral pelo estudo das doutrinas pedagógicas, p. 193.)

COOPERATIVA DO ENSINO LEIGO OU LAICO (C.E.L.): Associação de adeptos do pensamento de Freinet, sediada na França, B.P.

109 - Cannes La Bocca Cedez - 06322. Foi fundada por C. Freinet e hoje é mantida por seus seguidores, visando à unificação do movimento para modernização da escola. É responsável pela edição de várias revistas. Faz parte do Instituto Cooperativo da Escola Moderna, cujo endereço para correspondência é I.C.E.M. BP 251, Cannes, França. O nome Leigo ou Laico da cooperativa não tem ligação com o movimento laico religioso. A Cooperativa de Ensino Laico também fabrica instrumentos apropriados para o uso das técnicas de Freinet, e os coloca ao alcance de todos os professores que queiram adquiri-los.

(C. Freinet & R. Salengros, Modernizar a escola, p. 69.)

CORRESPONDÊNCIA ESCOLAR: intercâmbio de informação, relato de fatos, expressão de pensamentos, feito através de cartas entre classes ou escolas distantes. Pode ser feita entre alunos, entre alunos e professores, entre professores e professores ou para especialistas em assuntos de interesse dos alunos, quer pertençam à comunidade, quer estejam distantes. As cartas podem ser escritas individual ou coletivamente. A correspondência pode ser manuscrita ou impressa, através de jornais feitos na sala de aula, que serão distribuídos, enviados ou trocados por outros jornais de outras escolas.

(C. Freinet, Para uma escola do povo, p. 54.)

DESENHO: é a forma de expressão dos seres humanos, desde os primeiros grafismos (criação apenas manual) até a manifestação artística. Segue sua evolução através de tentativas experimentais: ato conseguido, repetição do desenho conseguido e automatismo gráfico, busca de novo sucesso etc. Num determinado momento de seu desenvolvimento, surge uma bifurcação: a expressão escrita. Sendo bem sucedida na escrita, a criança passará a ter menos necessidade de expressar-se através do desenho. É a 1ª etapa da aprendizagem da escrita e leitura.

(idem, O método natural, v. 2, p. 112.)

ESCOLÁSTICA: para Freinet, a escolástica é uma regra de trabalho e de vida própria da escola tradicional e que não é válida fora desta, sendo incapaz de proporcionar ao aluno a preparação necessária para enfrentar as diversas circunstâncias da vida.

(idem, Para uma escola do povo, p. 182.)

FICHEIRO ESCOLAR: material acessório para a Oficina de Prospecção. É formado de fichas arquivadas usadas para os trabalhos escolares de acordo com a necessidade. É feito pelos próprios alunos. É pouco dispendioso e rico em perspectivas pedagógicas. Pode conter documentos de toda espécie, impressos ou colados em fichas de cartolina. Os diferentes ficheiros podem ficar na classe em classificadores de bolsas suspensas. Podem ainda conter fotografias ou recortes de revista. O ficheiro escolar desenvolve a autonomia do estudante.

(ibidem, p. 58.)

IMPRESA ESCOLAR: técnica de imprimir textos, introduzida por Freinet no meio escolar, para conseguir a comunicação do pensamento que se deseja lançar à distância. Usando a imprensa escolar, consegue-se a motivação da criança para o uso da linguagem escrita. Serve também para imprimir: jornal escolar que será lido pela comunidade, livro de vida da classe ou cartilha, convites, livros de pesquisas etc. A reprodução dos textos livres feitos pelas crianças, quando não houver material próprio para impressão, poderá ser feita através do limógrafo. A imprensa com seus grandes caracteres é mais estimulante. Entretanto, uma máquina de escrever, estêncil, tinta para mimeógrafo e o limógrafo podem levar a resultados semelhantes. A Imprensa Escolar leva à reconstrução, letra por letra, palavra por palavra, do texto livre original. Requer da criança a operação de análise-síntese de grande importância pedagógica na aprendizagem da leitura e escrita. Deve ser manipulada pelas crianças desde 5 ou 6 anos.

(ibidem, p. 54.)

LEITURA: reconhecimento, através da memorização dos sinais gráficos que servem para fixar no quadro-negro ou em papéis, o pensamento de alguém. A criança, quando vê seu pensamento transformar-se numa página impressa, podendo ser comunicado a pessoas distantes, tende à memorização. A memória visual e auditiva, entrando em ação, fixam as formas das palavras e das frases, com as idéias que expressam. Comparando as palavras faladas com as escritas, as impressas recebidas de seus correspondentes com as que imprimiu, a criança chega a reconhecer um número cada vez maior de palavras, não somente pelos grafismos, como também pelas idéias a que estão ligadas. A criança consegue reconhecer grande número de palavras e deduz por vezes o sentido das frases

e das palavras desconhecidas. Neste processo, está aprendendo a leitura, sem exercícios de ler. Trata-se de uma leitura de reconhecimento de idéias sob os sinais apresentados. Para Freinet, isto é leitura, e não a decifração de sinais gráficos sem compreensão do sentido das palavras a que vulgarmente se dá o nome de leitura.

(idem, Para uma escola do povo, p. 56.)

LINGUAGEM ESCRITA: forma de expressão do pensamento que começa pelo desenho. Após esta conquista, surgem os rabiscos ao lado do desenho, imitando um texto manuscrito. Finalmente a linguagem escrita se desenvolve e passa a ser utilizada, quando a antiga forma de expressão feita por gestos e linguagem oral não for suficiente. Freinet critica o ensino da linguagem escrita sem finalidade, através de palavras desprovidas de sentido, cuja ortografia a criança aprende mecanicamente. Para ele, a linguagem escrita deverá servir à expressão do pensamento infantil.

LINGUAGEM ORAL: se resume em ajustar os movimentos da língua para expressão de um pensamento. É a 1ª etapa da expressão do pensamento impalpável e se realiza através do ato de falar.

(idem, O método natural, v. 3, p. 9.)

LIVRO DE VIDA DA CLASSE OU CARTILHA: resultado final no uso da imprensa na escola. Reunião de textos livres impressos, que retratam a vida do grupo de crianças da classe. É auxiliar para desmistificar a leitura na indústria cultural. A criança que faz um livro sente que eles são escritos por homens, sujeitos a crítica e a erros.

MÉTODO: maneira de fazer alguma coisa, segundo uma certa ordem, usando determinadas técnicas, para chegar a um fim. Esta maneira deverá ter sido comprovada cientificamente para receber a denominação de método. Freinet somente chamou de Método Natural a maneira de usar suas técnicas para alfabetização após 35 anos de prática na França e países vizinhos, com resultados notoriamente comprovados e satisfatórios.

MÉTODO ANALÍTICO DE ALFABETIZAÇÃO: maneira de ensinar escrita e leitura onde o ponto de partida são textos ou orações. Estas serão decompostas em palavras e depois em sílabas. Parte-

se do todo, chegando através de análise, às partes.

MÉTODO GLOBAL DE ALFABETIZAÇÃO: maneira de ensinar a escrita e leitura que parte de orações, para serem decompostas em palavras e estas em sílabas. Segundo Freinet, o método global pretende que as orações tenham sentido para o alfabetizando. Devem portanto serem retiradas de suas vidas. Para Freinet, as técnicas do método global de alfabetização foram deturpadas, posto-se de lado seu aspecto fundamental: partir da realidade das crianças.

MORAL: No sentido etimológico, a moral é a ciência do comportamento. Para Freinet, o ensino da moral deverá ser feito através da realização de trabalhos em cooperação. Dessa forma, crianças e professores desenvolverão conceitos morais de respeito e cooperação. Freinet critica a escola tradicional que ensina a moral de forma verbal, não tendo qualquer influência no comportamento das crianças.

TÉCNICAS: Conjunto de recursos práticos de que se serve um método, uma arte, uma especialidade. As técnicas, quando aperfeiçoadas e comprovando eficácia, podem servir de base para elaboração de métodos. Freinet e seus seguidores utilizaram, aperfeiçoando por várias décadas, certas técnicas. Após resultados concludentes, Freinet sistematizou esta prática, dando-lhe o nome de Método Natural. Três anos após sua morte, na Suíça (1969), editou-se em 3 volumes o método de Freinet para alfabetização.

TENTATIVA EXPERIMENTAL: atos que o indivíduo pratica para subsistir. O ato conseguido tende a ser reproduzido, até ser incorporado como regra ou técnica de vida. Os atos bem sucedidos são a base para novas aquisições. O exemplo pode ser incorporado ao comportamento do indivíduo, por sua necessidade interior de vibração harmônica com o meio ou porque é percebido como êxito alheio que lhe pode ser útil. O sinal de inteligência é exatamente a rapidez no ato de se apoderar de uma experiência própria ou alheia e automatizá-la. A tentativa experimental é a lei da vida, da experiência e da ação, tanto da criança quanto do adulto.

(idem, O método natural, v. 2, p. 35, 36.)

TEXTO LIVRE: "depois de ter colocado as crianças no seu

elemento de criação e de trabalho, o educador escutá-las-á; anotará o essencial das suas palavras e fará assim um texto livre que será como que a emanação superior, a síntese e a fixação mágica de um pedaço de vida". No livro "Para uma escola do povo", Freinet assim define o texto livre. Utiliza-o como ponto de partida para a aprendizagem da língua escrita e leitura. Para Freinet, trata-se da 1ª manifestação verdadeiramente intelectual da criança. O texto infantil será escrito no quadro, nos cadernos, ilustrado com desenhos e transcrito em referenciais colocados nas paredes da sala de aula. Podem ganhar a Imprensa Escolar e reunidos formarem o livro de vida da classe ou cartilha.

(idem, Para uma escola do povo, p. 50.)

TRABALHOS-JOGOS FUNCIONAIS: atividade que leva a criança à satisfação natural de: curiosidade, realização, domínio e equilíbrio. São desenvolvidos em equipe cooperativa onde cada membro do grupo utiliza o máximo de suas características individuais, a serviço da comunidade. O trabalho-jogo funcional não é imposto. É o trabalho no qual a criança se ocupa, por responder às suas necessidades. Não provoca cansaço, nem fadiga. Para Freinet, o trabalho contrário à natureza humana (que é crescer, galgar obstáculos, progredir cada vez mais) feito sob imposição cansa, irrita e desestimula as crianças. Isso não acontece com os trabalhos-jogos funcionais que são naturais, motivados e vibrantes, com virtudes que Freinet não se cansou de enumerar. São atividades que iluminam a vida e dão sede de crescimento, de conhecimento. Freinet criticou o jogo desvinculado de trabalho, que para ele se trata de um substituto, um "ersatz" artificial do trabalho.

(ibidem, p. 191.)

ANEXO 18: BIOGRAFIA SINTÉTICA DE AUTORES CITADOS

ALMEIDA JÚNIOR, A.F. Médico e professor brasileiro (1892-1871). Auxiliar da Diretoria de Ensino de São Paulo (1920). Organizou o recenseamento escolar como base para a reforma Sampaio Dória. Colaborou na fundação do Liceu Rio Branco onde foi professor e diretor além de professor da Escola Paulista de Medicina. Trabalhou com Fernando de Azevedo na elaboração do Código de Educação (1933). Fez parte da diretoria geral da Instrução Pública de São Paulo (1933). Colaborou na criação da Universidade de São Paulo. Foi diretor do Departamento de Educação de São Paulo (1935-1938). Organizou o "Anuário de Ensino" para informação e documentação da educação. Foi secretário de Educação e Saúde, São Paulo (1945-1946). Foi membro: Conselho Penitenciário (1941), Conselho Nacional de Educação (1949), Conselho Estadual do Ensino Superior de São Paulo (1956), Comissão que atualizou o projeto de Diretrizes e Bases da Educação (1957). Escreveu: "Problemas de ensino superior", "E a escola primária?", "Escola pitoresca" etc.

(GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, v. 1, p. 251.)

BARBUSSE, J. Romancista francês (1873-1935). Escreveu "O Inferno", romance naturalista e "Fogo" que trata da vida dos combatentes da 1ª guerra mundial. Esta obra foi considerada realista e recebeu o prêmio Goncourt. Escreveu outras obras que defendem a doutrina marxista. Dirigiu o grupo Clarté e a revista do mesmo nome.

(idem, v. 2, p. 751.)

CLAPARÈDE, E. Psicólogo suíço (1873-1940). Fundou o Instituto Jean J. Rousseau (1912), destinado às pesquisas de psicologia infantil. Fundou a escola "Maison de Petits" em Genebra, com a colaboração de Bovet. Esta instituição anexa ao Instituto Jean J. Rousseau mantém um serviço de centro de aplicação e experimentação pedagógica, onde Jean Piaget realizou grande parte de suas pesquisas sobre pensamento e linguagem da criança. Suas obras: "A associação das idéias", "Psicologia da criança e a pedagogia experimental", "A educação funcional, moral e política" etc.

(I.M.Santos, Noções de história da educação, p. 368.)

COUSINET, R. Criou um método de trabalho por grupos, tendo como base a autonomia e liberdade dos alunos. Foi inspetor escolar francês e reagiu contra o aspecto dogmático, rígido e

mecânico da escola pública francesa (1920). Inspirou-se nas idéias de Rousseau e Dewey. Propôs o trabalho coletivo livre, como centro de gravitação de toda vida escolar. Os programas, horários e métodos tradicionais deveriam ser suprimidos. As crianças para o trabalho estariam organizadas em grupos de 6 a 10, escolhendo seus companheiros livremente, como se brincassem. As atividades escolares seriam escolhidas pelas equipes, sendo o papel do professor limitado a auxiliar na preparação das tarefas, corrigir erros e falhas e orientar a marcha dos trabalhos.
(ibidem, p. 358.)

DECROLY, O. Médico e psicólogo belga (1871-1932). Estudou a leitura global e principalmente os centros de interesse. Fundou em Uccle uma escola para aprofundar o estudo da pedagogia e psicologia. Sua pedagogia concentra-se no "princípio do interesse". Suas idéias inspiraram a reforma de ensino da Bélgica (1936 e 1958). Suas obras: "Psicologia Individual e Psicologia Experimental", "Fundação da globalização", "Desenvolvimento da Linguagem" etc.... Foi o principal animador na Bélgica do movimento da Escola Nova.

(GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, V. 5, p. 2092.)

FERRIÈRE, A. Pedagogo suíço. nascido em 1879. Fundador da Comissão Internacional das Escolas Novas (1899). Foi professor do Instituto Jean J. Rousseau de Genebra (1912-1922). Foi um dos criadores da Liga Internacional para a Educação Moderna (1925). Foi incansável propagandista das idéias novas em educação. Entre suas obras: "Transformemos a escola" (1920), "L'école active" (1920), "Liberation de l'homme" (1943) etc.

(idem, v. 6, p. 2723.)

JAMES, W. Psicólogo e filósofo norte-americano (1842-1910). Ao lado de Peirce, foi um dos fundadores do pragmatismo. Dedicou seus primeiros estudos à psicologia fisiológica. Destacou-se por sua doutrina da consciência como processo contínuo (corrente da consciência) e sua teoria da emoção (teoria de James-Lange). Opunha-se tanto ao monismo racionalista quanto ao dualismo espiritualista. Paralelamente ao pragmatismo, defendeu algumas doutrinas filosóficas (antideterministas, contingentistas, pluralistas e temporalistas). Para James, "O mundo é assim uma experiência pura, e a prova última do que constitui uma verdade é a conduta que ela dita ou inspira e o modo pelo qual ela

prediz uma orientação particular de nossa experiência". Principais obras: "Os princípios da psicologia", "A vontade de crer e outros ensaios de filosofia popular", "As variedades da experiência religiosa", "Pragmatismo".

(idem, v. 8, p. 3682.)

LIMA, L. O. Professor cearense, nasceu em 12-04-1921, e tem consagrado sua vida à educação. Iniciou como inspetor de alunos num pequeno colégio em Fortaleza, galgando todos os degraus do sistema escolar: Diretor de internato, Vice-diretor de um colégio, fundador de uma escola primária modelo, foi Inspetor do MEC, Inspetor Seccional do Ceará, Diretor do Ensino Secundário quando o MEC se mudou para Brasília. Fez a reforma do Ensino Normal do Ceará quando catedrático do Instituto de Educação e membro do Conselho Estadual de Educação. Sua vida tem se dividido entre Administração e Pedagogia. Como administrador, propõe soluções ousadas e novas perspectivas. Como pedagogo tem se dedicado a aplicação das teorias de Jean Piaget no processo didático, trabalho iniciado com seu livro "Escola secundária moderna". É um reformador. Foi professor universitário de Psicologia Social (Instituto Social) e de Psicologia Educacional. Suas obras: "Escola do futuro", "Educação para a comunidade", "Treinamento em dinâmica de grupo no lar, na empresa e escola" etc.

(idem, v. 9, p. 4020.)

LOURENÇO FILHO, M. B. Diretor do Departamento de Educação de São Paulo (1931). Responsável pela reforma desse estado no ensino primário e normal. Fundamentou-se para tanto nos princípios e técnicas da Escola Nova. Escreveu: "Introdução à Escola Nova"(1930), exprimindo o movimento de renovação pedagógica ao qual aderiu. Escreveu depois outras obras.

(I. M. Santos, Noções de história da educação, p. 425.)

MONTAIGNE, M. E. Moralista francês (1533-1592). Escreveu "Ensaio", com primeira edição em 1580. Os "Ensaio" manifestam "novo espírito humanista, formado na leitura dos Antigos, mas inteiramente pessoal e bem francês: uma arte de viver, meio estoíca, meio céptica e, quando possível, bem humorada". Na sua obra se esboça o tipo do homem "honesto", que ama a franqueza e a civilidade, o equilíbrio da consciência e o domínio de si mesmo, e que repele a violência e o fanatismo".

(GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, v. 10, p. 4597.)

PESTALOZZI. Pedagogo suíço (1746-1827). "Preconizou o ensino especializado, agrícola e profissional, bem como a organização de um intercâmbio cultural. Discípulo de Jean Jacques Rousseau, voltou-se para o problema do ensino elementar como educação fundamental, tentando teorizá-lo à base de prática e experimentação afetivas. Partia da criança para o ensino e não vice-versa. Esforçou-se para melhorar a educação das crianças pobres. Fundou escolas em Neuhof (escola-lar para crianças desamparadas), em Stans, Burgdorf e Yverdon, ora com propósitos filantrópicos, ora experimentais." De suas obras, as mais conhecidas: "Romance Pedagógico" (1781-1787), "Minhas pesquisas sobre a influência da natureza no desenvolvimento do gênero humano" (1797), "Como Gestrude intruí seus filhos" (1801), onde expõe seu sistema pedagógico.

(GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, v. 11, p. 5296.)

PIAGET, J. Nasceu em Neuchâtel em 1896, na Suíça. Doutor em Ciências Naturais, diretor do Instituto Jean Jacques Rousseau em Genebra (1921-1925). Foi professor de Psicologia, Sociologia e Filosofia das Ciências nas Universidades de Neuchâtel, Genebra, Lousanne e na Sorbonne. Aliou os métodos histórico-crítico e psicogenético para descrever as estruturas básicas de todas as formas do pensamento científico.

(ENCICLOPÉDIA ABRIL, v. 9, p. 324.)

RABELAIS, F. Escritor francês (1494-1553). A partir de 1527, começou a levar a vida de padre-estudante itinerante. Fez-se médico e publicou várias obras de Gargântua e Pantagruel. "Tendo Sorbonne condenado o conjunto de sua obra, retomou a vida errante. Pela sua atitude crítica às tradições da Idade Média, Rabelais emerge como um dos gênios mais característicos do seu tempo."

(GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, v. 12, p. 5643.)

RIBOT. Filósofo e psicólogo francês (1839-1916). "Professor da Sorbonne, é autor de estudos de psicologia experimental: As doenças da memória, As doenças da vontade, As doenças da personalidade. Sua psicologia atomista e a associacionista foi criticada pela psicologia da forma."

(idem, v. 13, p. 5819.)

ROUSSEAU, J. J. Escritor e filósofo suíço (1712-1778).

"Como filósofo, iniciou a crítica da civilização moderna, pela dúvida dos benefícios do progresso, oscilando porém, como era do seu caráter, entre pessimismo condenatório e esperanças utópicas. Suas teorias políticas tornaram-se base doutrinária da Revolução Francesa e revoluções seguintes, em que se justificam igualmente as democráticas e as totalitárias. Como pedagogo, Rousseau retomou as idéias de Comenius iniciando a era da pedagogia moderna."

(ibidem, p. 5965.)

SPENCER, H. Filósofo inglês (1820-1903). "Pouco antes de abandonar a atividade jornalística (e antes que Darwin formulasse sua teoria da seleção natural) Spencer começou a desenvolver um programa de interpretação total da realidade, com base no princípio da evolução, e daí por diante, dedicou-se exclusivamente a ele. Sua temática envolve problemas relativos à evolução na natureza orgânica, à psicologia, sociologia, ética, política, educação e a classificação das ciências (em que combateu a de Comte). Para Spencer a filosofia tem por objetivo o conhecimento total, positivo e sintético da evolução universal (enquanto a ciência a conheceria parcialmente). Essa evolução em todos os aspectos da realidade dada, é a lei (não só da natureza, no aspecto externo da realidade, mas também do espírito, seu aspecto interno) que rege todas as manifestações de um absoluto (ou força) incognoscível. Sua concepção da evolução é caracterizada pelo princípio finalista da conservação mecânica ou da matéria e energia, pelo qual a matéria, integrando-se e dissipando o movimento, passa de um estado de homogeneidade indeterminada e incoerente a outro de heterogeneidade determinada e coerente. Não há nessa evolução pela qual o universo evolui em um ritmo constante e eterno, nenhum ponto final, sendo todo equilíbrio ponto de partida de uma nova desintegração. Suas conseqüências ético-políticas foram, no sistema spenceriano, o individualismo e a identificação das qualidades morais do esforço de adaptação do indivíduo ao seu ambiente."

(idem, v. 14, p. 6424.)

WALLON, H. Paris (1897-1962). "Doutor em letras e médico, especializou-se em psicologia infantil que ensinou na Sorbonne e depois no Collège de France. Sua idéia fundamental foi unir o desenvolvimento mental da criança ao processo de integração na sociedade. Criou o centro de consultas médico-pedagógicas

(1921) e dirigiu o laboratório de psicologia do Instituto de Orientação Profissional (1920-1949). Inicialmente membro da S.F.I.O. (1931), aderiu ao partido comunista (1924) e tornou-se secretário geral da Educação Nacional (1944) e deputado comunista (1945-1946); presidiu à comissão de reforma do ensino." Publicou: A criança turbulenta, As origens do caráter na criança, A evolução psicológica da criança etc.

(idem, v. 15, p. 7091.)

WUNDT, W. Psicólogo e fisiologista alemão (1832-1920). "Criou em Zúrich um instituto de psicologia experimental (1875), ciência à qual dedicou os maiores esforços. Seu sistema filosófico pretende explicar todos os fenômenos como reflexos psicológicos (psicologismo)." Publicou: Elementos de psicologia fisiológica, Sistema de filosofia, Psicologia das nações etc.

(ibidem, p. 7127.)

ANEXO 19: MOVIMENTOS HISTÓRICOS CITADOS

COMITÉ FRANCÊS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL: "organismo constituído em Argel em junho de 1943, sob a presidência comum dos generais de Gaulle e Giraud. Giraud deixou o comitê a 1º de outubro de 1943 e este logo se tornou um verdadeiro governo. Assistido por uma assembléia consultiva, formada de representantes dos partidos da Resistência, tomou em maio de 1944 o nome de Governo Provisório da República Francesa."

(GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, v. 4, p. 1785.)

FRENTE POPULAR: "Expressão que designa a coalizão dos partidos de esquerda que chegou ao poder na França em 1936. A crise de fevereiro de 1934, a política deflacionária de P. Laval e sua aproximação com as ditaduras favoreceram o agrupamento dos partidos de esquerda que obtiveram importante sucesso eleitoral em 1936 (386 cadeiras). Um ministério com direção socialista presidido por Léon Blum e dispendo do apoio comunista foi constituído em junho. Realizou parte do programa da Frente Popular: os acordos Matignon (1936) preconizavam a conclusão de convenções coletivas, o aumento dos salários e a instituição de delegados operários. Pouco depois eram instituídos a semana de quarenta horas e os descansos remunerados. O Banco da França era colocado sob o controle do Estado e as estradas de ferro eram nacionalizadas (1937). Mas as dificuldades econômicas e financeiras, a oposição da burguesia e as exigências crescentes dos comunistas constrangeram Leon Blum a pedir demissão (21-6-1937). Os dois ministérios Chautemps (22-6-37 e 10-3-38) marcaram uma volta ao centro. Após um segundo ministério Blum (13-3 e 8-4-38), o retorno ao poder dos radicais apoiados na direita pôs fim ao espírito de Frente Popular".

(idem, v. 7, p. 2928.)

MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA OU ESCOLA ATIVA: Surgiu em 1889 na Inglaterra. Pode-se ligar esse movimento com "a reação de Sanderson, à frente da escola de Oundle, a partir de 1892, contra o formalismo didático das "public-schools" inglesas". O movimento passou para Alemanha e França, onde surgiram escolas nesta nova linha. Irradiou-se para todos os continentes e este movimento influenciou as reformas educacionais públicas de muitos países. Alguns diferenciam os métodos ativos e as escolas novas, mas comumente estão unidos "numa única corrente de renovação educacional". Desse movimento se destacam: Método Montessori, método Decroly, Plano Dalton, Sistema de Winnetka, método de Pro-

jetos, Método de Cousinet, Plano Jena, Método Mackinder, Plano Howard, Método de Profit, Técnica de Dottrens e as Técnicas de C. Freinet.

As Escolas Novas estão dirigidas "à conduta e à vida total da criança, e todas as suas manifestações orgânicas, psíquicas e espirituais, acentuando sobretudo, a vida física, ativa, impulsiva e ao caráter pessoal, à iniciativa e à originalidade dos seus alunos".

(I.M. Santos, Noções de história da educação, p. 349.)

MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA: Movimento iniciado por C. Freinet, após a guerra, buscando reerguer a posição do uso de suas técnicas, frente à Escola Nova que se instalava na França. Segundo os adeptos de Freinet, o nome "moderna" enfatiza mais o aspecto de adaptação às necessidades do nosso século e menos o aspecto de novidade. Não negligenciando o contributo à educação da Escola Nova, os defensores da Escola Moderna pretendem enfatizar que mesmo uma técnica da escola tradicional pode integrar-se às concepções desta escola, se permitirem e facilitarem suas formas de trabalho. Com relação aos Métodos Ativos, o Movimento da Escola Moderna pretende deixar claro que a atividade, dentro de sua visão, nem sempre é através de atividades manuais, trabalhos ou jogos. A Escola Moderna prefere por vezes a concentração silenciosa e uma constante atividade de espírito "que é como que o antídoto da passividade tradicional".

(C. Freinet & R. Salengros, Modernizar a escola, p. 10.)

RESISTÊNCIA FRANCESA: Movimento clandestino de resistência à ocupação estrangeira na França. Teve início em 1940, após a difusão pelas rádios inglesas, dos apelos do general de Gaulle fazendo conhecer a França livre. Apareceram então os primeiros agrupamentos e jornais clandestinos. Desempenhou um importante papel ao lado dos Aliados no momento da vitória. Em 1943, a formação do "Conselho Nacional de Resistência" deu união às unidades isoladas desse movimento.

(GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE, v. 12, p. 5773.)